

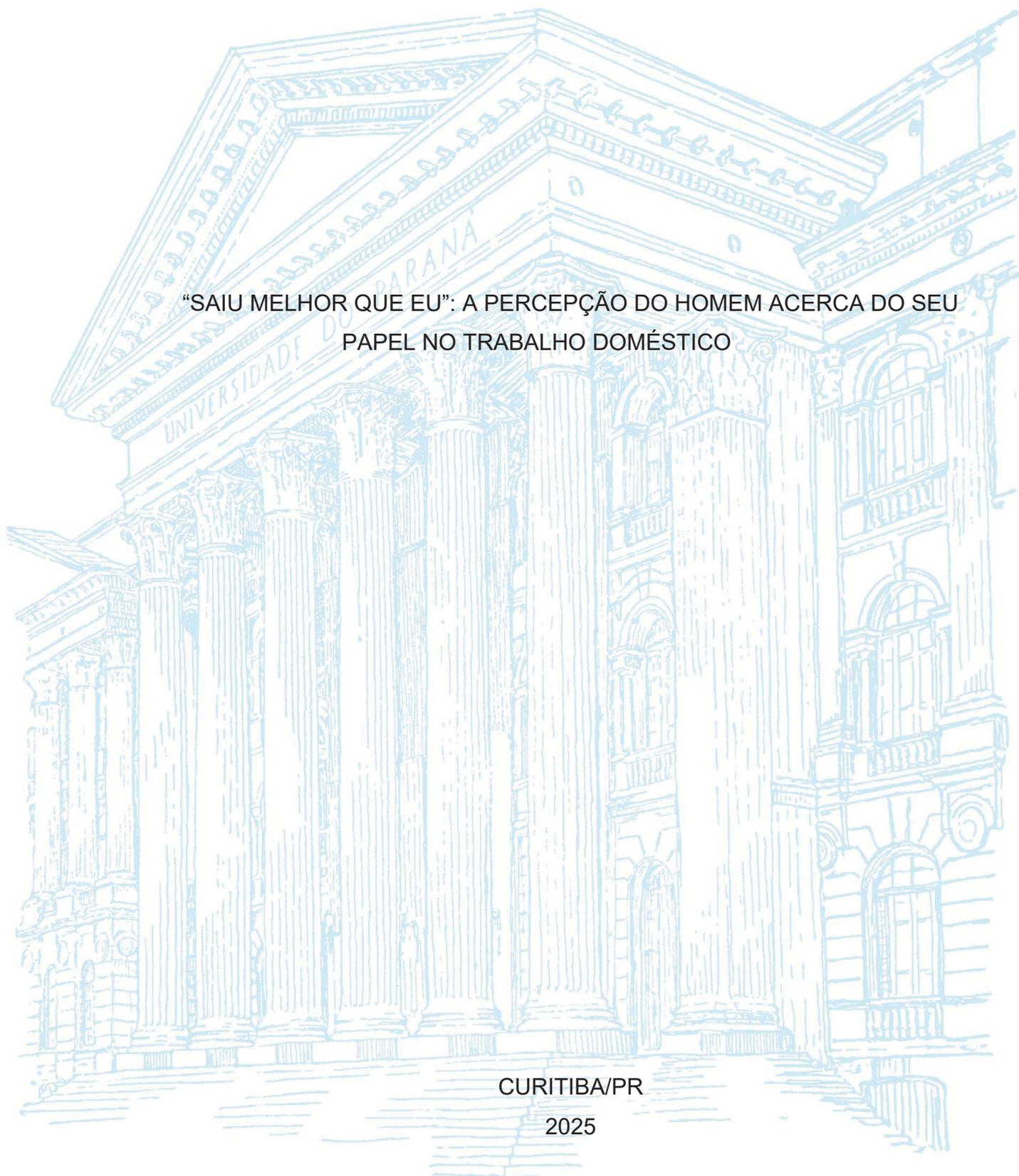
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FABIANE VILLATORE ORENGO

“SAIU MELHOR QUE EU”: A PERCEPÇÃO DO HOMEM ACERCA DO SEU
PAPEL NO TRABALHO DOMÉSTICO

CURITIBA/PR

2025



FABIANE VILLATORE ORENGO

“SAIU MELHOR QUE EU”: A PERCEPÇÃO DO HOMEM ACERCA DO SEU PAPEL
NO TRABALHO DOMÉSTICO

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, Linha Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Adriano F. Holanda

CURITIBA/PR

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Orengo, Fabiane Villatore.

“Saiu melhor que eu” : a percepção do homem acerca do seu papel no trabalho doméstico / Fabiane Villatore Orengo – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Adriano F. Holanda

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Gênero – Aspectos sociais. 3. Trabalho doméstico. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **FABIANE VILLATORE ORENGO**, intitulada: **Saiu melhor que eu: um estudo sobre a percepção do homem acerca do seu papel no trabalho doméstico**, sob orientação do Prof. Dr. ADRIANO FURTADO HOLANDA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica

27/05/2025 11:32:56.0

ADRIANO FURTADO HOLANDA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

21/05/2025 14:35:08.0

EVERTON RIBEIRO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

17/06/2025 22:36:27.0

ARACI ASINELLI DA LUZ

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/05/2025 11:00:33.0

WILLIAM BARBOSA GOMES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
SUL)

Assinatura Eletrônica

27/05/2025 09:29:23.0

CAMILA MUHL

Avaliador Externo (FAE - CENTRO UNIVERSITÁRIO)

Dedico este trabalho, às minhas filhas Isabele e Jaqueline, mulheres que não aceitam nenhum tipo de dominação, que conseguem demonstrar e defender suas posições com profundidade e determinação; ao meu filho Ricardo, homem sensível às necessidades femininas, dedicado igualmente seu trabalho produtivo e reprodutivo; ao pai desse trio, meu esposo Alex, meu maior incentivador no desenvolvimento acadêmico; e a todas as mulheres que eu espero inspirar, provando que é possível alcançar grandes conquistas com dedicação e esforço.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, meu maior incentivador, meu esposo Alex, pela sua parceria em todos os aspectos de minha vida. Eu não teria chegado a um doutoramento sem sua presença e incentivo constantes.

Agradeço às minhas filhas e ao meu filho, que me mostraram que é possível ser mãe e profissional.

Ao meu pai (in memoriam) e minha mãe, por sempre incentivarem minha curiosidade.

Aos meus amigos e mentores Adriano e William, que sempre acreditaram na minha capacidade acadêmica, às vezes, mais do eu mesma.

À banca, que colocou seu tempo e conhecimento à avaliação deste trabalho. Às pessoas que se dispuserem a ler esta tese em algum momento, acreditando que tenho algo a contribuir.

E, acima de todos, agradeço a mim mesma, que consegui chegar até aqui, mesmo duvidando e, muitas vezes, pensando em desistir.

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.
(Simone de Beauvoir, 1967)

RESUMO

A tese “Saiu melhor que eu” aborda mudanças do papel masculino no contexto familiar, qual o significado desse papel para homens e qual a percepção deles com relação à aprendizagem desse papel. A pesquisa se baseia em uma revisão histórica dos papéis de gênero desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, utilizando obras de autores como Pedro Paulo Funari, Jacques Le Goff, Philippe Ariés, Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Elisabeth Badinter, Helena Hirata, Guacira Lopes Louro e Ligia Amâncio. A tese utiliza dois instrumentos de pesquisa empírica: o questionário "Family and Gender Changing Roles" e entrevistas semiestruturadas. O questionário foi adaptado pela pesquisadora com auxílio da equipe de pesquisas do LabFeno e utilizado para o estudo quantitativo, enquanto as entrevistas foram usadas para o estudo qualitativo. Os principais temas abordados incluem a naturalização dos papéis de gênero, a divisão sexual do trabalho doméstico e as transformações sociais e culturais que influenciam esses papéis. A pesquisa destaca que, embora haja uma crescente participação dos homens no trabalho doméstico, essa mudança ainda é impulsionada pela pressão feminina e não representa uma igualdade plena. As conclusões indicam que, apesar das mudanças observadas, a divisão desigual das tarefas domésticas persiste. Os homens percebem-se participando mais do trabalho doméstico que seus antecessores e entendem que o aprendizado desse papel se deu de forma natural, nas famílias em que não se ouviu “isso é coisa de menino, aquilo é coisa de menina”. A tese sugere que é essencial continuar avançando nos estudos sobre a divisão sexual do trabalho doméstico e refletir sobre como ocorre a aprendizagem desses papéis de gênero para promover uma sociedade igualitária.

Palavras-chave: papéis de gênero; desenvolvimento; aprendizagem de papéis sexuais; divisão do trabalho doméstico; tarefas domésticas.

ABSTRACT

The thesis “Saiu melhor que eu” addresses changes in the male role in the family context, what this role means to men and what their perception is regarding learning this role. The research is based on a historical review of gender roles from Antiquity to Contemporary times, using works by authors such as Pedro Paulo Funari, Jacques Le Goff, Philippe Ariés, Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Elisabeth Badinter, Helena Hirata, Guacira Lopes Louro and Ligia Amâncio. The thesis uses two empirical research instruments: the “Family and Gender Changing Roles” questionnaire and semi-structured interviews. The questionnaire was adapted by the researcher with the help of the LabFeno research team and used for the quantitative study, while the interviews were used for the qualitative study. The main themes addressed include the naturalization of gender roles, the sexual division of domestic labor and the social and cultural transformations that influence these roles. The research highlights that, although there is an increasing participation of men in domestic work, this change is still driven by female pressure and does not represent full equality. The conclusions indicate that, despite the changes observed, the unequal division of domestic tasks persists. Men perceive themselves as participating more in domestic work than their predecessors and understand that learning this role occurred naturally, in families where they did not hear “this is a boy’s thing, that is a girl’s thing”. The thesis suggests that it is essential to continue advancing studies on the sexual division of domestic work and to reflect on how these gender roles are learned in order to promote an egalitarian society.

Keywords: gender roles; development; learning of sexual roles; division of domestic labor; household chores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Você quer dizer que uma mulher consegue abrir?.....	19
Figura 2- Grid Girls.....	19
Figura 3- Tarefa doméstica é tarefa de todos	20
Figura 4- <i>Box and whisker plots</i> (min, 1º quartil, mediana, 3º quartil, máximo) das variáveis quantitativas da matriz de dados descritores da amostra.	68
Figura 5- <i>Box and whisker plots</i> (min, 1º quartil, mediana, 3º quartil, máximo) das variáveis quantitativas da matriz de dados das respostas ao questionário	70
Figura 6- <i>Box and whisker plots</i> (min, 1º quartil, mediana, 3º quartil, máximo) das variáveis quantitativas.....	71
Figura 7- Análise de ordenação (PCoA) aplicada a matriz de dados descritores da amostra .	72
Figura 8- Análise de ordenação (PCoA) aplicada a matriz reduzida de dados descritores da amostra	73
Figura 9- Plano fatorial com as variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas (códigos na Tabela S1) resultante da ordenação (PCoA) aplicada a matriz reduzida de dados descritores da amostra	74
Figura 10- Análise de ordenação (PCoA) aplicada a matriz das respostas do questionário, associadas pela medida de Gower para dados mistos (quantitativos e qualitativos). civil.....	75
Figura 11- Plano fatorial com as variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas (códigos na Tabela S2) resultante da ordenação (PCoA) aplicada a matriz das respostas do questionário	78
Figura 12- Plano fatorial com as variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas (códigos na Tabela S2) resultante da ordenação (PCoA) aplicada a matriz das respostas do questionário	79
Figura 13- Plano fatorial com as variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas (códigos na Tabela S2) resultante da ordenação (PCoA) aplicada a matriz das respostas do questionário	80
Figura 14- Resultado da Análise de Redundância baseada em distâncias (dbRDA)	82
Figura 15- Ordenação dos participantes classificados com cores de acordo com o estado civil	83
Figura 16- Quem faz a limpeza doméstica	84
Figura 17- Quem cuida da roupa	84
Figura 18- Quem prepara as refeições.....	85
Tabela 1- Distribuição dos participantes por gênero	67

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

A	Amostra
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AIQ	Amplitude Interquartil (tradução livre)
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CHS	Ciências Humanas e Sociais
dbRDA	Análise de Redundância Baseada em Distância (tradução livre)
h	Horas
h/s	Horas por semana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
ISSP	International Social Survey Programme
LabFeno	Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade
PCoA	Análise de Coordenadas Principais (tradução livre)
PR	Paraná
Q	Questão
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO	16
1.1. OBJETIVOS	24
1.1.1. Objetivo Geral	24
1.1.2. Objetivos Específicos	24
2. METODOLOGIA.....	25
2.1. ESTUDO QUANTITATIVO	25
2.2. ESTUDO QUALITATIVO	27
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	32
4. ADAPTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO <i>FAMILY AND CHANGING GENDER ROLES</i> V PARA O BRASIL	49
4.1. DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO	49
4.1.1. Etapas da Adaptação.....	50
4.1.2. Coleta e Manejo dos Dados Quantitativos	51
5. ANÁLISE DOS DADOS	53
5.1. ESTUDO QUANTITATIVO	53
5.2. ESTUDO QUALITATIVO	56
5.2.1. Etapa 1	56
5.2.2. Etapa 2	61
5.2.3. Etapa 3	63
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	67
6.1. ESTUDO QUANTITATIVO	67
6.1.1. Avaliação das Respostas Quantitativas e Qualitativas Através de Gráficos, Tabelas e Estatística Descritiva	67
6.1.2. Relações Entre Entrevistados e Entrevistadas Através da Análise Conjunta das Variáveis Descritoras da Amostra	71
6.1.3. Relações Entre Entrevistados e Entrevistadas Através da Análise Conjunta das Respostas do Questionário	74
6.1.4. Influência das Variáveis de Caracterização das Amostras nas Respostas dos Questionários dos/as participantes	81
6.2. ESTUDO QUALITATIVO	87

CONCLUSÃO.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	101
APÊNDICES	120

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta tese segue a estrutura normativa de teses e dissertações da Universidade Federal do Paraná, e a formatação foi realizada no modelo ABNT NBR: 14724:2024.

O projeto desta tese com todos os seus instrumentos foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa das Ciências Humanas e Sociais – CEP/CHS da UFPR, sob o número CAAE nº 70356023.5.0000.0214 e foi aprovado pelo Parecer Circunstanciado número 6.214.711 emitido em 02 de agosto de 2023. Todos os aspectos éticos previstos na resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, bem como seus complementos foram respeitados em todas e em cada uma das etapas da execução do projeto que resultou nesta tese.

Com a intenção de delimitar conceitualmente os termos utilizados, procurei as definições dos termos *papéis sexuais* e *papéis de gênero* em dicionários que tratam diretamente de tais questões, mais especificamente o *Dicionário Crítico do Feminismo* (Hirata, 2009) e *Dicionário Crítico de Gênero* (Colling; Tedeschi, 2019). Ficamos surpresos ao descobrir que, mesmo nessas fontes, tais termos são apresentados como pressupostos, como pontos explicativos dos demais verbetes, sem ter uma definição específica para eles. Com isso, embora tenhamos clareza de que são conceitos distintos, para os objetivos deste trabalho os termos *papéis sexuais* e *papéis de gênero* serão tratados como sinônimos.

Outro ponto que merece destaque é que optamos, no estudo quantitativo, por descrever o comportamento da maioria dos participantes em detrimento dos poucos, porém representativos, divergentes. Justificamos essa escolha devido ao nosso recorte. E, como todo recorte, deixa grupos importantes de lado. Deixamos o estudo desses grupos como sugestão para pesquisas posteriores.

APRESENTAÇÃO

A tese, que aqui se apresenta, tem como objeto as mudanças que vêm ocorrendo, especialmente no âmbito familiar, no papel masculino; e como esse papel está sendo aprendido por meninos e meninas no seio familiar. Em conformidade com essa proposta, a revisão de literatura que apresentamos visa trazer um panorama histórico dos papéis de gênero desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e Idade Moderna, até chegar à Contemporaneidade. Os títulos escolhidos foram os que entendemos terem maior aproximação com os objetos do estudo. Qual seja: o papel masculino em si e o aprendizado dos papéis sociais de gênero.

Dito isso, para o cenário longínquo, as obras eleitas foram: a) *Grécia e Roma*, de Pedro Paulo Funari (2002), trazendo um panorama dos costumes sociais e familiares relativos aos papéis masculinos na antiguidade Grega e Romana, berços da civilização ocidental; b) *Uma história do corpo na Idade Média*, de Jacques Le Goff (2006), apresentando esses mesmos aspectos na sociedade medieval europeia, especialmente a francesa; e, c) entrando na Idade Moderna, *A História social da criança e da família*, de Philippe Ariés (1986), que, inclusive, é mais explícito que os anteriores na apresentação do aprendizado do papel masculino.

Para os séculos XX e XXI, o critério foi semelhante, ou seja, a aproximação dos autores e autoras com o objeto aqui proposto, ou seja, a aproximação com o desenvolvimento, transmissão e aprendizado dos papéis sociais de gênero, especialmente e, quando possível, do papel masculino. Assim, as obras escolhidas foram: a) *O segundo sexo 2*, especialmente o capítulo Infância, de Simone de Beauvoir (1987); b) *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2012); c) *XY*, de Elisabeth Badinter (1993); d) *O conflito: a mulher e a mãe*, também de Badinter (2011). Não foram consideradas as vinculações acadêmicas e políticas dos autores e autoras escolhidos, uma vez que a intenção é traçar um cenário. Para o cenário mais recente, trazemos publicações do século atual. Destaco, neste momento, Helena Hirata, Guacira Lopes Louro e Ligia Amâncio e colaboradoras, cujos textos muito contribuem para a compreensão das mudanças atuais e da manutenção das desigualdades.

Constam também desta tese, as descrições metodológicas e os resultados obtidos com os dois instrumentos de pesquisa empírica que usamos: O questionário *Family and Gender Changing Roles*, cuja adaptação se tornou um dos estudos aqui apresentados, foi traduzido e adaptado no Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno/UFPR), e foi usado para fazer o estudo quantitativo; e entrevistas semiestruturadas para o estudo qualitativo. E encerramos o texto com as considerações finais, recomendações para próximos estudos e caminhos possíveis em direção à divisão igualitária do trabalho doméstico.

A escrita acadêmica traz consigo imenso desafio e não menor responsabilidade. Esperamos que, além de sentir-se engrandecido com o conteúdo aqui exposto, o leitor tenha momentos agradáveis e reflexivos com o texto.

1. INTRODUÇÃO

Nasci loira, de olhos azuis, em uma família católica de classe média-alta, no início da década de 1970, na cidade de Curitiba/PR. Meu pai trabalhava como engenheiro na estatal petrolífera e minha mãe era dona de casa. Fui matriculada em escola de ballet; meus irmãos, de judô. Antes mesmo de aprender a ler, eu já sabia fazer tricô e crochê. Diferente dos meus irmãos, fui estimulada a ajudar minha mãe na cozinha, afinal de contas “mulher precisa saber cozinhar”. Tive algumas bonecas, e gostava de uma em especial, a Elvira (nome de minha avó materna), uma boneca-bebê que me acompanhava em todos os lugares. Adorava trocar sua roupinha e fazê-la “dormir”. Ouvia que seria uma ótima mãe, pois levava jeito para cuidar de bebês (no caso, uma boneca!). Lembro de outros presentes que indicavam minha “vocaçãõ”: uma tina de lavar roupa, um conjunto de vassourinha e rodinho, um aspirador de pó a pilhas (até acho que funcionava de verdade), uma maquininha de costura, muitas panelinhas; mas não quero ser injusta, ganhei também bicicleta e aprendi a fazer e a soltar pipa (meu pai ensinou).

Meu sonho de infância era casar, ter filhos e virar professora (primária, obviamente); eu brincava de escolinha com meus irmãos, ou com as bonecas – eu era sempre a professora. Como aponta Guacira Louro (2000), a sexualidade envolve processos culturais e plurais, como rituais, fantasias, símbolos, linguagens, convenções. Durante minha infância, esses processos foram, um a um, sendo incorporados por mim. Entendi, e depois reproduzi, que as mulheres deveriam ficar em casa para gerenciar a empregada, cuidar dos filhos e cozinhar. Além disso, mulher tinha que ser delicada: “Tenha modos, menina!”. Mais ainda, aprendi que “trabalhar fora” era para as mulheres que precisavam, por conta de terem ficado para tia, ou terem se separado – não conseguiram segurar o marido – e sempre, em profissões secundárias ou na docência de nível infantil. Garantir o sustento era, no meu contexto social e familiar, papel masculino.

Os atendimentos médico e odontológico da família eram realizados por profissionais do sexo masculino. Em consequência disso tudo, eu não pensava em ter nenhuma dessas profissões. Também não via o trabalho doméstico (mesmo que desempenhado por mulheres contratadas para esse fim) como um trabalho no estrito termo. Eu não tinha motivos para questionar esses papéis, pois, “sempre foi assim”, era “natural” que homens trabalhassem e mulheres ficassem em casa (e que pobres deveriam trabalhar para os ricos). Somente depois de adulta, passei a questionar essas naturalidades dos papéis na família e na sociedade. Casei aos vinte anos com um engenheiro, como minha mãe. Porém, meu esposo, diferente de meu pai, não entendia essa divisão do trabalho. Sua mãe sempre contribuiu com parte expressiva da

renda familiar, e o trabalho doméstico era desempenhado por todos. Esse modelo, no início me incomodava, depois foi fator determinante para eu me transformar na mulher que sou hoje.

Minhas filhas e meu filho já haviam passado da primeira década de vida quando decidi, com o apoio e incentivo do meu esposo, fazer faculdade de Psicologia. O papel de esposa e mãe não eram mais suficientes para mim, eu sentia que poderia ser mais feliz e realizada se tivesse uma profissão de nível superior. Desde antes disso, e cada vez mais, tenho observado mulheres (da minha classe social) autônomas, independentes e realizadas. Não eram aquelas coitadas que precisavam trabalhar porque não tinham marido. Mas pessoas que encontram sentido e realização pessoal através de uma profissão. Paralelamente, percebi os homens de meu convívio participando cada vez mais do trabalho doméstico. Passando do trabalho exclusivamente remunerado para contribuir com as atividades domésticas. Primeiro ajudando em casa e, em determinado momento, participando efetivamente do trabalho doméstico, considerando-se igualmente responsáveis por esse trabalho. Os questionamentos de papéis, a observação dessas mulheres autônomas, casadas ou não, a observação da relação entre o trabalho profissional feminino e o trabalho doméstico, junto com meu interesse pelo estudo da sexualidade, me levaram a buscar o tema que deu origem a este trabalho. A graduação e, após, o mestrado em psicologia forneceram base teórica para reflexão acerca da divisão sexual do trabalho. Cada vez mais, busco compreender como as crianças aprendem que fazer o trabalho doméstico é ou não é sua responsabilidade. Com a intenção de aprender sobre esse aprendizado, entendi que faria mais sentido um doutorado em educação.

Hoje, aos 52 anos, obtive meu título de doutora. Professora universitária, ainda sinto culpa quando minha profissão dificulta ou me impede de realizar algum trabalho de cuidado. É algo estrutural, meu esposo e parceiro há 32 anos e meus filhos não me cobram essa dedicação. É algo que estou aos poucos desconstruindo. Desejo, com essa tese, contribuir para a mudança na percepção das famílias sobre a educação relacionada ao trabalho reprodutivo, com o objetivo de promover uma sociedade igualitária.

Apresento, agora, a transcrição do depoimento em vídeo de Siera Bearchall¹, sobre a forma como as pessoas tratam sua filha dependendo do como ela está vestida.

Eu tenho que contar uma coisa pra vocês: quando percebi, explodiu minha cabeça. Minha filha está no banco de trás, dormindo, usando um pijama do Rei Leão e naturalmente as pessoas sempre pensam que é um menino quando está usando esse pijama. Ou quando está usando cores neutras. Basicamente, quando ela não está usando rosa ou vestido. Eu ... me importo é que as pessoas

¹ Representante canadense do concurso Miss Universo em 2016.

falam com ela de um jeito completamente diferente quando pensam que ela é uma garota do que quando pensam que ela é um garoto. Quando pensam que é garota, sempre comentam sobre como ela está bonita, sobre o vestido dela, sobre como está linda... Quando pensam que ela é um garoto, falam coisas do tipo ‘Nossa, você é tão rápido, tão forte, olha só pra você!’. Isso está acontecendo desde que ela era um bebê. Então, antes de suas crianças andarem ou falarem, nós estamos falando pra elas que, como garotas, a mais importante coisa sobre elas e a coisa mais importante que as pessoas notam é como ela se parece e como se veste. Como garotos, a coisa mais importante sobre eles, são suas ações e o que eles fazem. Não há nada de errado em comentar sobre as vestes das crianças e dos bebês porque eles são sempre fofinhos. Mas eu acredito que precisamos comentar sobre a força e as ações das garotas, porque elas precisam saber que são mais do que bonitas (Bearchall, 2020)².

A partir do exposto acima e ampliando o horizonte, passei a observar as representações sociais propagadas por meio de programas de televisão, comerciais e filmes. Olhando para o passado, observei que, em praticamente todas as mídias, durante meu período de infância e adolescência, a mulher era fatalmente representada como dona de casa, ou servindo ao homem, ou ainda como uma pessoa frágil e incapaz de realizar tarefas que exigissem força ou habilidade espacial. Fávero (2010) sugere que a dicotomia homem/mulher é um subproduto da dicotomia cartesiana corpo/mente, e que é a origem da naturalização das práticas sociais e comportamentais, inclusive as relacionadas a gênero.

Nas suas palavras “[...] a chamada a natureza feminina é associada aos instintos naturais, enquanto o homem é racional, ditado pela sua capacidade pensante. A mulher [...] só corpo; o homem, a mente” (Fávero, 2010, p. 21). A autora aponta, especificamente, os anúncios comerciais divulgados na mídia, referindo-se ao direcionamento de gênero naqueles relacionados à venda de sabão em pó e de carros e produtos bancários (Fávero, 2010). A figura 1 ilustra essa posição. Os comerciais de eletrodomésticos eram, necessariamente, destinados às mulheres. Os comerciais de carros, equipamentos eletrônicos e fotográficos, aos homens. Foram décadas e décadas de publicidade reproduzindo e ensinando quais eram os papéis masculinos e os femininos. Os filmes e desenhos animados mostravam a mulher como alguém incapaz de superar situações de risco, precisando sempre de um homem que a salvasse e a quem ela seria eternamente grata e devotada.

² Para mais, ver em: <https://www.facebook.com/thefemalelead/videos/this-blew-my-mind-/1131770904214550/>

Figura 1- Você quer dizer que uma mulher consegue abrir?



Fonte: Alcoa Aluminum advertisement, 1953.

No entanto, venho percebendo empírica e intuitivamente um viés de mudança nesse cenário. Instituições clássicas como a Fórmula 1, em 2018 retirou de seu *grid* de largada as *grid girls* (Figura 2), modelos em trajes sensuais que seguravam os guarda-sóis dos pilotos, desfilavam entre os carros e posavam para fotos junto aos motoristas da categoria e seus carros.

Figura 2- Grid Girls



Fonte: Pattinson; Hunt (2018)

Outro exemplo de perspectiva de mudança são os comerciais de automóveis, que têm colocado a mulher na posição de motorista, não mais de acompanhante. Nesse sentido, um destaque que não passa despercebido é recente comercial da de uma marca de veículos: “Pilotar

fogão? Lugar de mulher é onde ela quiser”³. Nesta peça, são apresentadas mulheres em profissões tradicionalmente masculinas, como piloto de avião, cirurgiã, surfista, e chefe de cozinha⁴ dirigindo um automóvel da marca. Uma tradicional marca de eletrodomésticos adota a mesma linha, apresentando uma lavadora que pode ser usada por todos, com o slogan *tarefa doméstica é tarefa de todos*⁵ (figura 3



), apresentando, inclusive, dados estatísticos oficiais que indicam que as mulheres realizam o dobro do trabalho doméstico com relação aos homens.

Figura 3- Tarefa doméstica é tarefa de todos



Fonte: Vídeo da marca Brastemp, 2021.

Dito tudo isso, creio ser de grande relevância observarmos de que maneira essas mudanças vêm ocorrendo, e registrarmos academicamente o que de fato está ocorrendo. De maneira que a percepção intuitiva não seja a única fonte de conhecimento. A escolha do tema

³ Para mais, ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=dmzu2QQspwo>

⁴ Na cozinha, as mulheres também são auxiliares.

⁵ Para mais, ver em: https://www.youtube.com/watch?v=9pFc_3-niZg

se justifica pela necessidade de compreender as transformações sociais e culturais que impactam a construção dos papéis de gênero e, conseqüentemente, o desenvolvimento humano.

Historicamente, os papéis de gênero têm sido definidos de maneira rígida, com expectativas claras sobre o comportamento e as responsabilidades de homens e mulheres. No entanto, nas últimas décadas, essas expectativas têm sido desafiadas e reconfiguradas, especialmente com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a crescente demanda por uma divisão mais equitativa das responsabilidades domésticas. Este estudo busca contribuir para essa discussão ao explorar como as crianças aprendem e internalizam esses papéis de gênero desde a infância.

A relevância deste trabalho está na sua capacidade de fornecer insights sobre a socialização de gênero e suas implicações para a igualdade de gênero. Ao investigar como os meninos aprendem o papel, a tese oferece uma perspectiva crítica sobre as práticas educativas e culturais que perpetuam ou desafiam as desigualdades de gênero. Além disso, ao abordar a questão do trabalho doméstico e sua divisão entre os gêneros, o estudo contribui para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Metodologicamente, a pesquisa utiliza uma abordagem mista, utilizando um método quantitativo e outro qualitativo para obter uma compreensão abrangente do fenômeno estudado. O questionário *Family and Gender Changing Roles* foi adaptado e utilizado para a coleta de dados quantitativos, enquanto entrevistas semiestruturadas foram conduzidas para aprofundar a análise qualitativa.

Em termos de fundamentação teórica, a tese se apoia em uma revisão de literatura que abrange desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, destacando obras de autores como Pedro Paulo Funari, Jacques Le Goff, Philippe Ariés, Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Elisabeth Badinter, entre outros. Essa revisão oferece um panorama histórico e crítico dos papéis de gênero, proporcionando uma base sólida para a análise dos dados empíricos.

Em suma, a justificativa para a realização deste estudo reside na sua contribuição para a compreensão das dinâmicas de gênero e na promoção de práticas educativas que favoreçam a igualdade de gênero. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam informar políticas públicas e práticas pedagógicas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

É de domínio público o entendimento de que a grande maioria das famílias organiza seus lares de uma ou de outra forma quando está para nascer um menino ou uma menina. Quarto com carrinhos, bolas, e pistas de corrida desenhadas em algum tapete, nos indicam que a criança será do sexo masculino. Por outro lado, um quarto cor-de-rosa ou lilás, repleto de bonecas e

com as princesas de contos de fadas retratadas em todos os cantos, nos dão a certeza que nascerá uma menina. É evidente que “indivíduos nascidos e classificados como homens e mulheres seriam socializados para agir, pensar e sentir segundo roteiros culturalmente construídos em posições vinculadas ao sexo anátomo-biológico” (Heilborn; Rodrigues, 2018, p. 10). De alguma forma, temos uma certa clareza, uma certa convicção dos papéis que devemos desempenhar em função de nosso sexo; e, com isso, de forma mais ou menos intencional, ensinamos às nossas crianças o que é esperado delas enquanto meninas ou enquanto meninos.

Quando a atribuição do sexo no nascimento é evidente, a criança declarada menino ou menina na certidão é imediatamente percebida como tal pelos que a cercam e, em primeiro lugar, pelos genitores. O olhar destes e a convicção que têm quanto ao sexo de seu filho são determinantes para o desenvolvimento da sua identidade sexual (Badinter, 2011, n.p).

Ocorre que toda a atividade chamada reprodutiva (de cuidado, de manutenção da vida) é considerada de valor menor do que a atividade produtiva (de geração de renda, de crescimento econômico). Elisabeth Badinter (2011) denuncia que desde Durkheim, o casamento prejudica as mulheres e beneficia os homens. Para a autora, tanto no que se refere à divisão do trabalho doméstico e educação dos filhos quanto na carreira profissional e remuneração, o custo maior sempre coube às mulheres. São elas que renunciam a suas carreiras em favor da vida doméstica. Uma pequena ressalva quanto às mulheres diplomadas; elas, entre as mulheres, “são as que menos realizam o trabalho doméstico e que mais intensificam o trabalho profissional, sem que por isso o companheiro faça mais em casa” (Badinter, 2011, p. 24). A autora prossegue apontando que a exceção à regra são os países escandinavos, nos quais há equilíbrio na divisão do trabalho doméstico.

Similarmente, referindo-se a uma pesquisa realizada por Catherine Hakim, Badinter (2011) sugere que os homens representam, em alguma medida, um grupo homogêneo, qual seja, quase a totalidade deles entre 25 e 50 anos procura poder, dinheiro e estabilidade profissional. “Embora certa heterogeneidade tenha aparecido nos últimos decênios, ela permanece menor em relação à das mulheres. Os homens que escolhem investir no trabalho doméstico representam apenas uma pequena minoria” (p. 29). Já as mulheres, poderiam ser classificadas em três grupos: as *home-centred*, as *adaptive* e as *work-centred*⁶, em função da importância e dedicação à família e à profissão. Enquanto os homens quase em sua totalidade estão focados

⁶ Em tradução livre: *centradas em casa* (dedicam-se majoritariamente ao lar), *adaptativas* (conciliam vida profissional e dedicação ao lar) e *centradas no trabalho* (dedicam-se majoritariamente à vida profissional).

nas suas carreiras, as mulheres se dividem em grupos que priorizam a vida familiar, a carreira ou alguma adaptação dessas duas situações.

Pierre Bourdieu (2012), por sua vez, aponta que a naturalidade da dominação masculina passa a ser discutida a partir da ascensão do movimento feminista, com o aumento do acesso feminino ao trabalho remunerado, bem como ao ensino secundário e superior. O autor segue argumentando que, em consequência disso, a divisão de trabalho dos afazeres domésticos também sofreu alteração, ocasionando, fatalmente, alteração nos “modelos tradicionais masculinos e femininos, acarretando, sem dúvida, consequências na aquisição de posições sexualmente diferenciadas no seio da família” (p. 108). É neste nicho social, de pessoas diplomadas, que alavancam as mudanças que o presente trabalho pretende identificar. É quando a mulher tem a oportunidade de se aperfeiçoar, de estudar, de ter acesso aos meios produtivos que ocorre a pressão para que o homem participe ativamente das atividades domiciliares, das atividades reprodutivas. Notemos que, mesmo na possibilidade de mudança, ela ocorre por conta da pressão feminina.

Aqui no Brasil, pesquisadoras como Guacira Lopes Louro (2000), há duas décadas vêm revelando transformações sociais e culturais profundas que, desde os anos 1960 construíam novas formas de relacionamento e estilos de vida. Tais transformações vêm acelerando ainda mais, nas décadas seguintes, passando a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo considerados imutáveis e universais. Ocorre que, até poucas décadas atrás, em nosso país, os papéis de gênero desempenhados nas famílias eram claramente definidos. Cabia ao homem o trabalho remunerado e a provisão do lar; e à mulher, o cuidado doméstico e familiar. Aos poucos, com a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho (Pereira et al., 2005; Amaral, 2012; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2021; Colcerniani et al., 2015) e as mudanças nas composições familiares⁷, os papéis de gênero desempenhados vêm sofrendo alterações.

Marcolino e Galastro (2001) concluíram, em seus estudos, que “a mulher está solicitando que os homens assumam sua parcela de responsabilidade [...] na criação e educação dos filhos e nas tarefas domésticas” (n.p); Wagner (2009) e colaboradoras apontam que “uma parcela da população tem se distanciado do modelo clássico da divisão de gênero nos papéis e funções familiares”. Carvalho e Melo (2019) ressaltam, por outro lado, que as mulheres ainda são as responsáveis pelo trabalho doméstico, com um pensamento bastante aceito de que os homens que realizam essas funções “[...] ‘ajudam’ no serviço doméstico, como se fosse algo

⁷ Em 2022, 49% das famílias brasileiras tinham uma mulher como chefe de família (IBGE, 2022).

que fugisse à sua responsabilidade e, portanto, se o fazem, é para agradar a mulher ou auxiliá-la” (n.p).

Considerando o exposto acima, o presente trabalho visa avançar nos estudos com relação à divisão sexual do trabalho doméstico, com intenção de contribuir para uma divisão igualitária deste trabalho. Da mesma forma, acreditamos que é essencial, nessa discussão, pensarmos em como ocorre a aprendizagem desses papéis de gênero, numa reflexão sobre o desenvolvimento humano que vislumbre, pelo menos, afrouxar determinações enraizadas historicamente.

1.1. OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo Geral

Compreender a participação masculina no trabalho doméstico e a base de aprendizado desse papel.

1.1.2. Objetivos Específicos

1. Traduzir e adaptar o questionário *Family and Gender Changing Roles*;
2. Identificar a participação por gênero no trabalho doméstico das famílias dos participantes;
3. Compreender o significado da realização do trabalho doméstico executado por homens;
4. Compreender a atribuição de aprendizado sobre a realização do trabalho doméstico por homens.

2. METODOLOGIA

2.1. ESTUDO QUANTITATIVO

Estudos de corte transversal, buscam visualizar a situação da realidade de uma população em determinado momento (Rouquayrol; Almeida Filho, 2003). Realizamos, nesta pesquisa, um estudo descritivo, com a intenção de delinear a realidade, e compreendê-la. Estudos descritivos são fundamentais quando se conhece pouco sobre determinado assunto ou população. Da mesma forma, outro importante papel que os estudos descritivos podem ter é o de dar conhecimento de seus dados aos profissionais de determinada área ou setor (Aragão, 2011).

No caso desta pesquisa, o estudo descritivo se destinou a compreender o desempenho dos papéis de gênero da população pesquisada. A etapa quantitativa da pesquisa buscou responder aos seguintes objetivos específicos: 1. Traduzir e adaptar o questionário *Family and Gender Changing Roles V⁸* (ISSP - International Social Survey Programme, 2022); e 2. Identificar a participação por gênero no trabalho doméstico das famílias dos participantes.

2.1.1. Local e Período da Coleta de Dados

A coleta de dados quantitativos foi realizada online no período de 05 de outubro de 2023 a 08 de dezembro de 2023.

2.1.2. População

A população do estudo seguiu os critérios do questionário original (ISSP RESEARCH GROUP, 2021). Refere-se à população [mundial] maior de 18 anos. Em nosso estudo trata-se de brasileiros e brasileiras maiores de 18 anos.

2.1.3. Tamanho da Amostra

O convite foi feito por *mailing* das listas de contatos do LabFeno (Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade), do *mailing* dos programas de Educação e de Psicologia da Universidade Federal do Paraná e pela divulgação nas redes sociais do LabFeno e pessoais dos pesquisadores. A seleção dos participantes aconteceu por adesão, em concordância com o TCLE (Apêndice 1). Por se tratar de instrumento não paramétrico, o número de participantes

⁸ https://issp.org/wp-content/uploads/2023/12/ISSP2022_final-source-questionnaire.pdf

dessa etapa não foi determinado previamente, e contou com 249 participantes. Embora esta mostra não represente a população brasileira, ela fala da população com formação superior.

2.1.4. Critérios de Inclusão e Exclusão

2.1.4.1. Critérios de Inclusão:

Ser brasileiro ou brasileira.

Ter idade de 18 anos ou mais.

2.1.4.2. Critérios de Exclusão:

Não existem critérios de exclusão para esse estudo, uma vez que se trata de estudo de opinião, com participação voluntária, por adesão.

2.1.5. Participantes

Responderam à pesquisa 249 pessoas, sendo 159 mulheres cisgênero, 83 homens cisgênero, 2 homens transgênero e 3 pessoas não-binárias, além dessas, 2 pessoas preferiram não responder à essa questão. A maioria dos participantes, no caso, das participantes, é mulher cisgênero, branca, casada ou em união estável, com filhos ou enteados, pós-graduada, não cristã. Seguidas por homens cisgênero, brancos, casados ou em união estável, com filhos ou enteados, pós-graduados, não cristãos. Embora essa amostra não seja representativa da população brasileira, ela fala da população graduada e pós-graduada.

2.1.6. Instrumento de Pesquisa

O questionário *Family and Changing Gender Roles V* (ISSP - International Social Survey Programme, 2022) foi escolhido por se tratar de um instrumento internacionalmente reconhecido para avaliar as mudanças nos papéis de gênero ao longo das décadas, em mais de quarenta países. A série de módulos *ISSP (International Social Survey Programme) Família e Mudança dos Papéis de Gênero*, compreende cinco inquéritos transnacionais, sendo quatro já realizados em 1988, 1994, 2002 e 2012; e este, que está em andamento, com previsão de conclusão prevista para 2025 (ISSP Research Group, 2024). Os inquéritos entre essas datas foram sempre replicações parciais de inquéritos anteriores, ou seja, o questionário de 2012, por

exemplo, foi usado nos anos seguintes até a divulgação do questionário 2022. Os módulos *Família e Mudança dos Papéis de Gênero* do ISSP tratam principalmente de questões relacionadas com o gênero, tais como atitudes em relação ao emprego das mulheres, casamento, filhos e apoio financeiro, gestão doméstica e parceria.

O Programa Internacional de Pesquisa Social (ISSP) é um programa colaborativo internacional que realiza uma pesquisa anual sobre temas relevantes para as ciências sociais. Fundado em 1984 pela Austrália, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos, o ISSP tem hoje 45 membros institucionais, cada um representando uma nação. Os membros consistem em organizações acadêmicas, universidades ou institutos de pesquisa. Seus instrumentos são *open access*, com a única contrapartida de envio dos resultados obtidos aos idealizadores (ISSP). Existe a anotação de que a versão de 2002 foi aplicada no Brasil pelo instituto *Sensus*⁹, no entanto, não conseguimos acesso aos resultados obtidos.

Para a utilização do questionário (ISSP, 2022), versão V (2022), foi realizada a tradução e adaptação para o Brasil, a partir da versão em inglês (em anexo). A aplicação foi realizada online em formulário da plataforma Google. Os dados coletados foram utilizados exclusivamente para fins acadêmicos pela pesquisadora e membros da equipe de pesquisa devidamente qualificados para isso. Permanecerão armazenados em nuvem, protegidos por senha, por um período de cinco anos, após os quais serão descartados.

2.2. ESTUDO QUALITATIVO

A etapa qualitativa do estudo, é composta por entrevistas para responder aos objetivos específicos: 3. Compreender o significado da realização do trabalho doméstico executado por homens; 4. Compreender a atribuição de aprendizado com relação ao trabalho doméstico por homens; A escolha desta técnica se justifica porque, por meio dela, é possível ter acesso à experiência subjetiva do participante. O objetivo do uso da técnica é “clarificar a articulação entre o real, a experiência e a consciência” (Gomes, 1997, p. 308). Não se trata de buscar uma teoria que justifique uma ou outra atitude, mas compreender a experiência de aprendizado do papel que o entrevistado desempenha, com suas “memórias, juízos, valores, desejos e imaginações” (p. 308).

2.2.1. Local e Período de Coleta de Dados

⁹ Disponível em <https://access.gesis.org/dbk/6246>

As entrevistas foram realizadas durante um mês, em ambiente virtual, utilizando a ferramenta *Google Meet*. Todas elas foram gravadas e armazenadas em ambiente de nuvem, *Google drive*, protegidas por senha.

2.2.2. Participantes

A escolha dos participantes entrevistados foi feita por conveniência, cumprindo os seguintes critérios de inclusão: a) ser casado ou estar em união estável; b) ter formação superior; c) a esposa ou companheira ter formação superior; e d) ter pelo menos um filho ou filha, independentemente da idade. Os critérios de inclusão se justificam porque a literatura consultada indica esse perfil como o que está promovendo a mudança no papel masculino.

Foram convidados treze homens para participar das entrevistas, dez responderam ao convite e conseguimos agendar e realizar a entrevista com seis. Os entrevistados receberam o TCLE (Apêndice 1) por e-mail e concordaram tanto com o TCLE quanto com o uso da voz e da imagem para fins desta pesquisa. Seus nomes foram alterados para preservar a confidencialidade. Os perfis dos entrevistados são os seguintes:

Heitor: 39 anos, pós-graduado em nível especialização, casado, esposa concluindo o ensino superior, uma filha de 13 anos e um filho de 9.

Raul: 58 anos, pós-graduado em nível mestrado, casado, esposa graduada, um filho de 29 anos.

Thiago: 43 anos, pós-graduado em nível mestrado, casado, esposa graduada, uma filha de 11 anos e um filho de 7 anos.

Vinicius: 44 anos, pós-graduado em nível especialização, casado, esposa graduada, uma filha de 9 anos e um filho de 7 anos.

Luiz: 33 anos, pós-graduado em nível especialização, casado, esposa pós graduada em nível especialização, um filho de 1 ano e meio.

Fernando: 37 anos, pós-graduado em nível mestrado, em União Estável, companheira pós-graduada também em nível mestrado, um filho de 6 anos.

2.2.3. Instrumento de Pesquisa

Entrevistas individuais, semiestruturadas, realizadas online, por meio da ferramenta *Google meet*, contendo sete questões socioeducacionais e até oito questões da entrevista propriamente dita. As questões da entrevista sofreram algumas alterações dependendo da resposta do entrevistado, procurando o manter um teor informal durante a entrevista, para que o entrevistado se sentisse confortável para falar abertamente suas respostas.

Questões socioeducacionais:

- a) Qual sua idade?
- b) Qual seu estado civil?
- c) Qual seu nível escolar?
- d) Qual o nível escolar de seu cônjuge?
- e) Qual a idade de seus filhos?

Não foi perguntado se o entrevistado tem cônjuge e filhos/as, uma vez que isso foi critério de inclusão.

Questões da entrevista:

- a) Como você e seu cônjuge dividem as atividades domésticas?
- b) Quanto tempo por dia cada um de vocês se dedica ao trabalho doméstico?
- c) Você se sente incomodado, de alguma forma, por (não) realizar alguma dessas atividades?
- d) Com relação à sua família de origem, você entende que se dedica mais ou menos que seu pai com essas atividades? – Quanto mais/menos?
- e) Como você aprendeu a ser esse homem que é hoje?
- f) Pensando nos seus contatos, você tem a percepção de que os homens estão participando mais do trabalho doméstico?

2.2.4. Coleta de Dados Qualitativos

Com cada entrevistado, após a abertura da sala, foi estabelecido *rapport* e criado um ambiente acolhedor e favorável. Depois disso, foi iniciada a gravação, com o consentimento do entrevistado. Iniciada a gravação, foi perguntado aos entrevistados sobre os aceites do TCLE e do uso de imagem e voz. Obtidas as aprovações, seguiram-se as questões socioeducacionais e, posteriormente as perguntas da entrevista. As entrevistas duraram de 10 a 15 minutos cada.

As gravações foram transcritas com o auxílio da ferramenta online e gratuita *Tactiq*¹⁰. Após a transcrição pela ferramenta, fizemos a apuração da transcrição, seguida de correção ortográfica, considerando que os conteúdos para análise seriam mantidos intactos, e a análise se daria de uma forma mais clara. Também substituímos os substantivos próprios citados pelos entrevistados por expressões que expliquem a relação. Por exemplo: “Fulana de Tal”, substituímos por “Minha Esposa”, “Fulaninho de Tal”, por “Meu Filho”, e consecutivamente. Nomes de cidade, substituímos por “Essa Cidade” ou “Outra Cidade” e nomes de estado por “Esse Estado” ou “Outro Estado”.

2.2.5. Análise dos Dados Qualitativos

A análise propriamente dita foi realizada utilizando o método fenomenológico em três passos, descrito por William Gomes (1997). Entendemos que este método é adequado devido às características das entrevistas. Trata-se de descrições de experiências vividas, ainda que bastante sucintas. Os fatos lembrados na entrevista “ganham sentido na contextualização de interligações que aparecem organizados em forma de estrutura” (Gomes, 1997, p. 308). Essa estrutura indica a expressão dos construtos mentais, bem como a matriz social do sujeito, ou seja, os entrelaçamentos de um “eu” com os outros e com o mundo (Gomes, 1997). De acordo com Gomes (1997), as abordagens sobre como entender a experiência consciente mudaram bastante ao longo do tempo.

Kant (1781/1978) achava que ao examinar as condições preliminares da possibilidade da experiência, era possível formular juízos universais e necessários sobre a realidade (como aparência). Assim, podiam ser feitos juízos empíricos e válidos (Gomes, 1997). Hegel (1810/1992) considerava que o conhecimento exigia uma interação dialética entre sujeito e objeto. O método dialético focava na evolução interna dos conceitos através do modelo tese-antítese-síntese. Nesse processo, a reflexão avançava progressivamente ao superar as contradições entre sujeito e objeto, resultando na verdade como uma Idéia Absoluta. Wundt, por sua vez, acreditava que a experiência consciente podia ser estudada com métodos emprestados das ciências naturais. Já, Brentano e Dilthey sugeriram que o método deveria ser descritivo, compreensivo e argumentativo. Contudo, de acordo com Gomes (1997), foi Husserl, com sua proposta do método fenomenológico, quem estabeleceu três passos reflexivos para o estudo da experiência consciente.

¹⁰ Para mais, ver em: <https://tactiq.io>

Os passos para análise são os seguintes (Gomes, 1997):

1. Descrição do objeto como se tratasse de um primeiro encontro. Nessa etapa, o objeto é descrito como se apresenta à consciência do pesquisador, sem a preocupação em identificar causas ou justificativas para o conteúdo analisado;
2. Exploração ou investigação do material descrito. Nessa etapa, busca-se extrair do material a estrutura, a essência do objeto, para descrevê-lo novamente em suas partes fundamentais;
3. Revelação do direcionamento da consciência do pesquisador para aquele objeto da experiência. Essa é a fase que revela o que em fenomenologia se chama de intencionalidade. Pelos processos de afeição (sentir), cognição (pensar) e conação (julgar) chega-se à experiência de acesso pelo pesquisador da intencionalidade do pesquisado.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A divisão sexual do trabalho tornou-se objeto de estudo com a ascensão dos movimentos feministas (Badinter, 2011). Estes movimentos trouxeram ao campo de discussão uma diferenciação de trabalho que era naturalizada, como se fosse definida por predisposições determinadas pelo sexo biológico (Biroli, 2016). O expressivo incremento da participação feminina na população economicamente ativa na segunda metade do século XX, tornou necessária a discussão sobre as relações de trabalho nas esferas produtiva e reprodutiva (Garcia; Marcondes, 2022). A desnaturalização crescente da divisão sexual do trabalho permitiu reconhecer o trabalho doméstico, majoritariamente realizado por mulheres, como trabalho de fato, embora não remunerado. Essa divisão tem caráter estruturante e não é resultado de escolhas livres de homens e mulheres, mas sim de estruturas ativadas pela responsabilização desigual do trabalho doméstico, definindo condições favoráveis à sua perpetuação (Biroli, 2016).

Essas estruturas moldam as possibilidades de ação, restringindo alternativas, incentivando julgamentos apresentados como naturais e fundamentando formas de organização da vida que, ao se apresentarem como naturais ou necessárias, reforçam essas mesmas estruturas, garantindo sua reprodução. Destaca-se que as diferenças que definiriam o feminino e o masculino de maneira dual, embora frequentemente codificadas como correspondentes ao sexo biológico, decorrem da atribuição distinta de habilidades, tarefas e oportunidades na construção das vidas de mulheres e de homens, e essas diferenças presumem normas masculinas (Biroli, 2016).

O documento *Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil* (IBGE, 2021), explicita a desigualdade ainda existente no mercado de trabalho. O fato é que 74% dos homens acima de 15 anos estão inseridos na força de trabalho de nosso país, enquanto na mesma faixa etária, apenas 55% das mulheres. Nos cargos gerenciais, a desigualdade é ainda maior. Somente 37% destes são ocupados por mulheres. Além disso, quando uma mulher consegue um cargo desses, tem sua remuneração 38% inferior ao do homem no mesmo nível. Na população ocupada, o salário médio do homem é em torno de R\$ 2.500,00, enquanto o das mulheres, R\$ 2 mil. Outro fator que não pode ser ignorado é a (falta de) participação na vida política das mulheres no Brasil. Num comparativo das eleições municipais realizado pela Câmara dos Deputados, em 2024 houve um pequeno aumento da participação feminina com relação a 2020. O número de candidaturas femininas subiu menos de 1%, com relação ao número de eleitas, a alta foi de 2,12% – considerando-se aqui os cargos de prefeitas, vice-

prefeitas e vereadoras. O número de mulheres eleitas prefeitas em 2024 é de 727, sendo somente duas em capitais (Vasques, 2024). As mulheres eleitas vereadoras em 2024 são em número de 10.654 (18,2% das vagas), contra 9.371 das eleições 2020¹¹. Tão ou mais relevante que esses dados, é a desigualdade na participação de afazeres domésticos e atividades de cuidado com pessoas. As mulheres dedicam quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas contra 11,0 horas – 51,4%) nessas atividades (trabalho reprodutivo) (IBGE, 2021).

Garcia e Marcondes (2022), indicam um lento processo de mudança no sentido da participação mais ativa dos homens no espaço doméstico. No entanto, essa participação está mais concentrada nas atividades de pequenos reparos, alguma atividade compartilhada como lavar louça, e no cuidado com os filhos, com a ressalva que de que este é majoritariamente voltado para o lazer e atividades lúdicas (Garcia; Marcondes, 2022). Na mesma linha, as autoras Santos, Caldana e Alves (2001) apresentam estudos baseados em entrevistas que indicam a valorização da mulher em sua crescente profissionalização e, conseqüentemente, mudanças no âmbito doméstico. No entanto, essas mudanças são lentas, especialmente quando comparadas à inserção feminina no cenário profissional.

Helena Hirata (2015) apresenta quatro modelos de divisão sexual do trabalho, todos consoantes com a participação feminina nas esferas pública ou privada: i) o modelo dos opostos complementares, constituído por um homem provedor e uma mulher cuidadora dos espaços domésticos e dos membros familiares; ii) o modelo de conciliação ou articulação, no qual as mulheres conciliam a vida familiar e profissional; iii) o modelo de parceria, no qual homens e mulheres repartem tarefas domésticas e cuidados da família e iv) o modelo de delegação, no qual as mulheres delegam a outras mulheres (remuneradas), a realização das atividades domésticas e de cuidado. Esse último modelo sobrepõe ou substitui o modelo de conciliação (Hirata, 2015). Hirata aponta mudanças na repartição do trabalho doméstico, porém mais lentas que na esfera profissional. Segundo a autora, entre as dificuldades em ampliar a participação masculina nessa esfera, estão, em primeiro lugar, o fato de que é uma esfera privada, com isso, tem-se a impressão de que o que acontece ali não diz respeito à comunidade; em segundo lugar, ela atribui o peso da cultura machista e da ideologia patriarcal, com forte peso para o estereótipo do modelo maternal de doação incondicional à família.

As autoras Santos, Caldanha e Alves indicam a valorização da mulher em sua crescente profissionalização e a conseqüente desvalorização do papel feminino no âmbito doméstico – o de “dona de casa”. As autoras seguem a explanação assinalando que, nesse âmbito, o trabalho

¹¹ Para mais, ver em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1104771-estudo-da-camara-mostra-crescimento-de-dois-pontos-percentuais-no-numero-de-mulheres-eleitas/>.

vem sendo dividido com o homem (Santos et al., 2001). Ocorre que, até poucas décadas atrás, as profissões consideradas respeitáveis para as mulheres – nas camadas médias da sociedade brasileira – eram o magistério, o funcionalismo público e o jornalismo (Santos et al., 2001). Notemos que, mesmo nessas profissões, as posições de destaque sempre couberam ao homem. No domínio privado, no que diz respeito à construção de um modelo igualitário de relacionamento entre o homem e a mulher, predomina a ambiguidade, em que permanências e inovações convivem num conjunto: “De acordo com suas análises, a modificação no padrão do comportamento é ambígua, pois o conteúdo analisado tanto subsume uma maior liberdade sexual quanto reafirma valores afins a uma tradicional divisão de papéis” (Santos et al., 2001, p. 59).

Estamos falando na mudança do modelo de masculinidade, que passou do que Badinter (2011) descreve como buscando a virilidade, para um homem que começa a aceitar sua fragilidade e sua responsabilidade nos trabalhos que até então eram considerados símbolos de feminilidade. Santos e colaboradoras indicaram alguns modelos de masculinidade ao longo das décadas. Para elas, o primeiro modelo brasileiro (até as décadas 1940-1950) foi o da imagem de São José, dedicação ao profissional, mas com um olhar para a família, conciliando trabalho e família, racionalidade e afetividade (Santos et al., 2001). É importante lembrarmos que esse pai afetuoso não está diretamente envolvido com os trabalhos domésticos, tampouco com os cuidados às crianças. Está mais para uma figura que aponta os caminhos que a família deve seguir. Nesse período, o campo de trabalho é o espaço privilegiado do homem. É nesse campo que ele alcança sua dignidade, que é considerada a “base para uma família feliz” (p. 62).

Depois do santo, a figura-modelo seria Jesus Cristo, ressaltando a coragem para defender o próximo, com um olhar para as causas sociais, virtudes a serem desenvolvidas (Santos et al., 2001). As autoras, apontam que, nas décadas de 1940 a 1960, o papel do homem para o sucesso do matrimônio é o de encontrar uma boa esposa, que tenha dotes domésticos e morais, obviamente mais importantes do que inteligência, iniciativa, ambição, e beleza. Afinal de contas, é *a esposa a pessoa responsável* pelo sucesso ou fracasso do casamento (Santos et al., 2001). Da mesma forma sobre o que acontece no ambiente doméstico, toda a responsabilidade nesse quesito recai sobre a mulher. Ainda na década de 1960, o amor passa a ter destaque e o homem pode vir a se tornar apto a amar – se tiver uma mulher que o ensine através de sua postura. O ideal masculino que se torna imprescindível para o sucesso do casal, passa a ser, então, o cavalheirismo, identificado como fonte de amor e proteção para sua esposa (Santos et al., 2001). Ainda no mesmo estudo, é na década de 1980 que ocorre a maior mudança. O foco passa a ser no indivíduo. O amor entre os cônjuges é considerado central e o homem é

cada vez mais visto como responsável pelo desenrolar da vida doméstica e conjugal. Os papéis sexuais são considerados decisivos na formação das personalidades masculina e feminina.

Mas a diferenciação no papel social de gênero em si mesma é muitas vezes vista negativamente, como algo que *sufoca* a pessoa e a liga ao modelo tradicional; no caso específico do homem, pode aprisioná-lo de tal forma que criará dificuldades em seu relacionamento com a família (Santos et al., 2001, p. 63).

Na década de 1990, apesar do esforço em respeitar a diversidade, os estereótipos tradicionais persistem: à mulher pertence o lar e ao homem, a vida pública (Santos et al., 2001). Quanto à educação dos meninos, as autoras apontam uma certa mudança no decorrer das cinco décadas relatadas. Na década de 1940, a pureza moral e intelectual são a ênfase do desenvolvimento dos meninos, porém às meninas é exigido um amadurecimento mais rápido, com o ensino a elas das atividades domésticas. A década de 1950 traz um certo reforço do modelo tradicional: o menino é considerado um *homenzinho*, com destaque para características como independência, força de caráter e senso de proteger a família; já, da menina, espera-se que se sinta protegida pelos irmãos, independente das idades (Santos et al., 2001). Para as autoras, nas décadas de 1970 e 1980 ocorre uma mudança, que persiste, especialmente no desenvolvimento do menino. Ele, apesar de não ser responsável pelas tarefas do lar, deve aprender a desempenhá-las.

Outro foco é o das pesquisadoras Ivanilza dos Santos e Cristina Dias (2008). Elas estudaram, por meio de entrevistas, o papel masculino na terceira idade. A análise do estudo anterior em combinação com este, pode nos dar uma dimensão da transformação, ao longo da vida dos indivíduos, do seu desenvolvimento enquanto homens. Santos e Dias identificaram as fases de vida dos idosos estudados. Na fase de início de casamento, os entrevistados relataram preocupação com a aquisição de bens e com se estruturar financeiramente para a educação dos filhos. As pesquisadoras relatam que todos os entrevistados falaram que eram eles os responsáveis pelo sustento da casa, cabendo às esposas os cuidados com a casa e dos filhos. Da mesma forma, identificaram correspondência com relação às *normas sociais* e a reprodução dos papéis tradicionais nas suas famílias, havendo uma identificação com os papéis de seus próprios pais. No entanto, esses aposentados declararam sentir falta do papel produtivo e dos amigos, o que os levou a participar ativamente do trabalho doméstico como uma maneira de se sentirem produtivos, ou, no mínimo, ativos.

Vistas as pesquisas que apresentam descritivamente o cenário nacional, apresento agora, a posição de autores internacionalmente renomados. Com eles, buscamos não apenas uma

descrição do cenário, mas uma possível explicação para a mudança e um olhar para o desenvolvimento infantil.

Pierre Bourdieu (2012) destaca que o aumento no número de mulheres no trabalho produtivo afetou a divisão das tarefas domésticas e, com isso, os modelos tradicionais de gênero. Ele observa que “as filhas de mães que trabalham têm aspirações de carreira mais elevadas e são menos apegadas ao modelo tradicional da condição feminina”. No entanto, essas mudanças ainda não representam igualdade de condições. Somente quando as mulheres têm a oportunidade de se aperfeiçoar, de estudar e de acessar os meios produtivos, surge a pressão para que os homens participem ativamente das atividades domésticas, as chamadas atividades reprodutivas.

Em consonância com esse pensamento, Badinter atesta que até recentemente, os papéis masculino e feminino eram estritamente diferenciados. A possibilidade de complementaridade dos papéis e das funções alimentava o sentimento de identidade e pertencimento específicos de cada sexo. No entanto, à medida que homens e mulheres podem assumir as mesmas funções e exercer os mesmos papéis – nas esferas pública e privada –, essas diferenças vão diminuindo. Badinter (1993) afirma que esses novos homens são “muito numerosos” (p. 187) e que estão, de alguma forma, encurralados entre um discurso modernista e uma prática ultrapassada, pois sentem-se defasados em relação às mulheres.

O ponto é que a divisão de tratamento entre os sexos e, conseqüentemente, dos papéis sociais de gênero, remonta à Antiguidade. Funari (2002) faz um relato dos costumes sociais e familiares na Grécia e Roma antigas. Segundo o autor, já havia muitas diferenças em relação às mulheres nessas duas civilizações. Na Grécia antiga, em todas as fases da vida, homens e mulheres eram tratados de forma desigual. Ao nascer, ambos eram banhados em água, vinho, ou outro líquido. Porém, nos meninos se pendurava um ramo de oliveira e nas meninas, uma fita de lã (Funari, 2002), como símbolos dos lugares que deveriam ocupar.

O ramo de oliveira representando a vida pública, com suas glórias; e a fita de lã, a vida doméstica, a reclusão. Os brinquedos, da mesma forma, eram distintos: os meninos brincavam de lutas e as meninas aprendiam a ser mães e donas de casa. Além disso, a *boa educação* mandava que meninas e meninos não mantivessem contato depois da primeira infância. O ensino era obrigatório apenas para os meninos, futuros cidadãos (Funari, 2002). Nas classes mais abastadas, quando cresciam, as mulheres viviam em cômodos separados das casas, os gineceus, onde ficavam confinadas. Os casamentos eram arranjados entre o pai da noiva e o noivo, que era, geralmente bem mais velho que a noiva e já havia servido ao exército (ele por volta dos 30 anos e ela, 15). A mulher, fatalmente se dedicava aos afazeres domésticos. O

marido frequentava a *pólis*¹². Os homens buscavam, *para casar*, mulheres robustas e sem defeitos físicos (o que era preditor de bons partos), de pele clara e de modos tímidos, sinal que vivia em um gineceu, que não era obrigada a se expor ao sol para o trabalho (Funari, 2002).

Ou seja, o sistema patriarcal da elite era limitador da liberdade das mulheres. Nas famílias dos camponeses e artesãos, os casamentos ocorriam em idade mais nova que dos nobres, e implicava em divisão igualitária de mão de obra. Nesse período, até mesmo nos funerais havia papéis diferentes. Cabia às mulheres a preparação dos corpos para as despedidas finais. E, somente a elas, era permitido o choro nessas ocasiões (Funari, 2002).

Situação diferente das gregas era a das romanas. Estas não viviam isoladas como aquelas. Participavam tanto da vida doméstica quanto da pública. Elas podiam ser educadas e participavam das campanhas eleitorais. Porém, em termos legais, ainda eram submissas aos homens das famílias. O patriarcado romano deu origem ao sistema familiar dominante no ocidente ainda hoje. Estava sob o poder do patriarca: esposa, filhos, escravos, animais, edifícios, terras. Mesmo quando os filhos se casavam, o pai continuava exercendo poder sobre eles. Havia uma festa por ocasião do noivado, com a celebração do contrato de casamento. O pai da noiva deveria dar um dote¹³. E, no dia do casamento, a noiva se vestia de branco. As mulheres romanas, tinham uma inserção social bastante ampla, com participação nos banquetes e reuniões sociais. Elas poderiam não só organizar, como também, distribuir convites em seus nomes. Nas classes humildes, os casamentos ocorriam, como os gregos, para auxiliar o trabalho (Funari, 2002).

Le Goff (2006), adentrando na Idade Média, traz a história dos costumes, dos hábitos, do cotidiano, enfim, das pessoas e dos seus corpos. E, para o autor, a Idade Média foi período das grandes tensões: entre Deus e o homem, a cidade e o campo, o homem e a mulher, entre tantas outras. Essas tensões, para Le Goff, foram a raiz da dinâmica daquela sociedade, e, conseqüentemente, da nossa sociedade. Na Idade Média, o pecado original do livro do Gênesis, que até então era um pecado de orgulho do homem diante de Deus, foi transformado em pecado sexual no qual a culpa recaía sobre a mulher. E, a partir dessa nova leitura, seria necessário regular os corpos, especialmente os corpos das mulheres. Por outro lado, esse corpo medieval poderia ser também fonte de redenção, se ele fosse cuidado e, de alguma forma venerado como templo divino: “Para Santo Tomás de Aquino o prazer corporal é um bem humano indispensável que deve ser regido pela razão em prol dos prazeres superiores do espírito, as paixões sensíveis contribuindo, assim, para o dinamismo do impulso espiritual” (p. 12). Esse

¹² Vida pública, a cidade.

¹³ Segundo Funari (2002), o dote era o preço para comprar um marido.

corpo atravessado pelas tensões é em parte reprimido e humilhado, e em parte exaltado e venerado.

No paganismo dos gregos e dos romanos, o culto do corpo e a liberdade sexual. No cristianismo, a castidade, a abstinência e a busca doentia da virgindade. Os trabalhos de Paul Veyne e Michel Foucault mostram claramente que um *puritanismo da virilidade* existe antes da guinada decisiva do alto Império Romano [séculos 1-11] em direção ao cristianismo (Le Goff, 2006, p. 48, grifo original).

Foi durante a Idade Média, com a instalação do cristianismo, elemento fundamental de nossa identidade coletiva, que foram introduzidas e incorporadas, as normas sociais, a vergonha, o pudor e o constrangimento. Nesse período, o corpo se tornou “lugar de um paradoxo” (Le Goff, 2006, p. 35); o cristianismo, ao mesmo tempo o reprime e o glorifica. Abomina-se as manifestações sociais, abomina-se as exultações íntimas do corpo, reprime-se até seu desaparecimento: os esportes, as termas, o teatro. Exalta-se a castidade, inclusive entre esposos – proíbe-se a cópula durante o período menstrual, com o argumento de esta seria a causa da lepra.

Exalta-se a sujeição do corpo ao controle. Surgem as universidades; e, com elas, a exaltação do intelecto, do conhecimento. Em especial, o conhecimento das verdades cristãs, e entre elas, o já citado pecado original, agora tornado sexual. Com a disseminação do conhecimento universitário (nesse caso, cristão), o corpo é cindido em partes nobres e ignóbeis. À primeira parte correspondem a cabeça e o coração; à outra, o ventre, as mãos, o sexo. Note-se que com essa valoração diferenciada das partes do corpo, ocorre fatalmente a valoração diferenciada do trabalho intelectual e braçal. Do trabalho produtivo e do reprodutivo.

Ao fim de uma longa caminhada, ao preço de ásperas lutas ideológicas e de condicionamentos práticos, o sistema de controle corporal e sexual instala-se, portanto, a partir do século XII. Uma prática minoritária estende-se à maioria dos homens e das mulheres urbanos da Idade Média. E é a mulher que irá pagar o tributo mais pesado por isso. Por muitos e muitos anos (Le Goff, 2006, p. 52).

“Darás à luz na dor ...; ganharás o pão com o suor do teu rosto” (Le Goff, 2006, p. 112), ou seja, ao homem, *labor*, à mulher, *dolor*. À mulher cabe o trabalho reprodutivo, ao homem o trabalho produtivo; a mulher tem que aguentar a dor, pois é a *condição feminina da redenção*, o homem tem que ignorá-la, condição masculina de virilidade. A nudez, venerada em todas as formas na Antiguidade, é aqui fonte de tensão entre a inocência anterior ao pecado original e a

luxúria, símbolo do mesmo pecado. A figura feminina é exaltada na figura de Maria, a mãe de Jesus, *a redentora*; e desprezada na figura de Eva, *a tentadora*. Observe que Eva, nessa visão, não foi tentada junto com Adão, mas ela mesma foi a origem do pecado, seduzindo o *inocente* e *puro* Adão. Na mesma direção, podemos vislumbrar que foi Eva quem se ofereceu ao deleite de Adão, ou seja, nessa perspectiva, foi a mulher que *se colocou* voluntariamente como objeto do desejo e do pecado.

Na mesma direção, para Ariés (1986), na Antiguidade, na Idade Média e até certamente o século XVI, as crianças tinham o status de pequenos adultos. A partir dos cinco ou seis anos, já eram vestidas da mesma forma que os adultos e participavam da vida social e laboral juntamente com eles (ARIÉS, 1986). Segundo o autor, foi com a escolarização, a partir do séc. XVII que aquilo que chamamos de infância começou a se desenhar. “A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo geral, a socialização da criança, não eram, portanto nem asseguradas nem controladas pela família. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las” (p. 10).

No século XVIII, a roupa identificava as etapas do crescimento das crianças, ver figura 4. No entanto, isso era aplicado exclusivamente aos homens. As meninas não mudavam de estilo ao se tornarem mulheres. Tal costume se perpetuou até o fim da Primeira Guerra Mundial. No mesmo século (XVIII), as brincadeiras dos meninos e meninas, até em torno dos seis anos, também eram idênticas. A partir dessa faixa etária, começava a diferenciação. “Os meninos pulavam sobre odres cheios de vinho, e as meninas eram empurradas em balanços” (Ariés, 1986, p. 89).

Ainda referindo a Ariés (1986), até pelo menos o início da Modernidade, não se preservava a infância das questões relativas ao sexo:

Aos quatro anos, [sobre o futuro Rei Luis XIII] sua educação sexual já estava adiantada: Foi levado aos aposentos da Rainha; aí, M^{me} de Guise mostrou-lhe a cama da Rainha e disse-lhe: - Monsieur, foi aqui que fostes feito. - Ele respondeu: - Com mamãe? - Ele perguntou ao marido de sua ama: - O que é isto? - É a minha meia de seda, disse este. - E isto? (à maneira dos jogos de salão). - São as minhas calças. - Elas são de quê? - De veludo, - E isto? - É uma braguilha. - O que é que tem dentro? - Não sei, Monsieur. - Eh [sic], é um pênis. Para quem é esse pênis? - Não sei, Monsieur. - Eh [sic], é para M^{me} Doundoun [sua ama] (Ariés, 1986, p. 127).

Aos 14 anos, o futuro rei da França teve sua primeira relação sexual com sua mulher, sob os olhos de sua mãe. Nesse período, no entanto, já começava a se tornar raro o casamento de meninos nessa idade, mas ainda era comum o casamento de meninas de 13 anos. O teólogo

Gerson¹⁴ foi quem introduziu na escola *Notre-Dame-de-Paris* do séc. XIV regras de comportamento que proibiam quais atos de cunho sexual envolvendo adultos e crianças; e de crianças entre si. A partir daí, vários outros religiosos começaram a adotar essa *nova cartilha*. No séc. XVI passou-se a recomendar que não fossem apresentados às crianças leituras e termos *duvidosos*. Ocorreu que, o que partia de moralistas isolados, como Gerson, no séc. XIV, tornou-se um movimento amplamente difundido do séc. XVII em diante. A noção da inocência infantil estava definitivamente posta (Ariés, 1986).

Seguindo a narrativa histórica, Pierre Bourdieu (2012) traz em seu livro *A dominação masculina*, uma análise, no contexto do séc. XX, da naturalização da sensação de inevitabilidade da divisão das coisas e das atividades segundo a oposição entre o masculino e o feminino.

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição o entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima /embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado) etc., que, para alguns, correspondem a movimentos do corpo (alto/baixo//subir/descer, fora/dentro//sair/entrar) (Bourdieu, 2012, p. 16).

Para Bourdieu (2012), a visão androcêntrica dispensa justificção, uma vez que ela se impõe como *neutra*, dessa forma, dispensando discursos de legitimidade. Com isso, as mulheres se alicerçam também nos esquemas de percepção dominantes, que as levam a uma autopercepção negativa, elas enxergam o mundo com mesmo olhar masculino. De forma que ambos os sexos consideram, por exemplo, a posição *normal* do ato sexual, aquela em que o homem fica por cima, em atividade; enquanto a mulher, imóvel, fica embaixo para ter seu *vazio* preenchido. Continua o autor afirmando que as mulheres – imersas em um mundo de injunções continuadas, silenciosas, invisíveis, sexualmente hierarquizado – acabam também, por aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis as prescrições que se imprimem sobre seus corpos (Bourdieu, 2012).

Essa estrutura vai muito além do ato sexual e do ambiente íntimo. Chega, fatalmente, à distribuição dos espaços, do trabalho e das atividades. Os espaços de mercado, de *assembleia* são destinados aos homens; enquanto a casa, às mulheres. E, quando as mulheres transcendem *seu espaço natural*, cabe a elas, funções subordinadas. Bourdieu (2012) compara a

¹⁴ Jean Charlier de Gerson (1363-1429) – Paris/França.

masculinidade à nobreza. O homem não deve rebaixar-se e realizar atividades *inferiores* (femininas), e quando as realiza com consentimento de seus pares, e fora da esfera privada, enobrece a atividade. Transforma atividades consideradas fáceis e fúteis (quando exercidas por mulheres) em nobres e difíceis (quando exercidas por homens), exemplos disso são as funções de cozinheira e cozinheiro, costureira e costureiro/alfaiate. Nota-se aqui, que ao realizar atividades que as mulheres desempenham em casa, os homens o fazem fora dela, em ambiente *profissional*, portanto mais nobre. E quando os pares não reconhecem essa atividade, o homem que a exerce é visto como inferior, como feminino.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam *femininas*, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas (Bourdieu, 2012, p. 82, grifo original).

Bourdieu (2012) após apresentar a tese da formação da dominação masculina, traz uma luz ao futuro. Destaca o trabalho do movimento feminista, que, “pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado” (p. 106). Exigindo que a evidência da dominação, que sua naturalização seja justificada. Ou seja, questionando a *ordem natural* das coisas. Em virtude dessa tensão criada pelo movimento feminista, a condição feminina vem experimentando profundas transformações. Ele aponta como evidências o aumento do acesso à esfera pública, ou seja, ao ensino superior e ao trabalho assalariado; bem como a possibilidade de adiamento da idade de casamento e da procriação – para isso, contribuíram as técnicas contraceptivas – e, inclusive a elevação dos percentuais de divórcio (Bourdieu, 2012).

O aumento do número de mulheres que trabalham¹⁵ fatalmente afetou a divisão das tarefas domésticas¹⁶ e, com isso, os modelos masculinos e femininos. O autor aponta que “as filhas de mães que trabalham têm aspirações de carreira mais elevadas e são menos apegadas ao modelo tradicional da condição feminina” (Bourdieu, 2012, p. 107). No entanto, essas mudanças ainda estão longe de representar igualdade de condições. As mulheres ainda são minoria nos departamentos de ciências das universidades. Bem como, quando o nível hierárquico de especialidades sobe, a representação feminina diminui (Bourdieu, 2012). A

¹⁵ Interessante como o próprio Bourdieu usa isso em relação ao trabalho produtivo, ao trabalho fora da esfera doméstica, de alguma forma ainda naturalizando o trabalho reprodutivo como “não-trabalho”.

¹⁶ Na mesma linha de raciocínio: o trabalho doméstico é visto como tarefa, não como trabalho; parece algo leve, fácil.

verdade é que ainda que esteja havendo mudanças nas condições femininas, elas ainda seguem a lógica do modelo tradicional, ou seja, os homens continuam dominando o espaço público e as áreas de poder, e as mulheres, predominantemente o espaço privado e as suas extensões (serviço social, educação nos níveis iniciais, serviços hospitalares...).

Se as estruturas antigas da divisão sexual parecem ainda determinar a direção e a forma das mudanças, é porque, além de estarem objetivadas nos níveis, nas carreiras, nos cargos mais ou menos fortemente sexuados, elas atuam através de três princípios práticos que não só as mulheres, mas também seu próprio ambiente, põem em ação em suas escolhas: de acordo com o primeiro destes princípios, as funções que convêm às mulheres se situam no prolongamento das funções domésticas: ensino, cuidados, serviço; segundo, que uma mulher não pode ter autoridade sobre homens e tem, portanto, todas as possibilidades de, sendo todas as coisas em tudo iguais, ver-se preterida por um homem para uma posição de autoridade ou de ser relegada a funções subordinadas, de auxiliar; o terceiro confere ao homem o monopólio da manutenção dos objetos técnicos e das máquinas (Bourdieu, 2012, pp. 112-113).

Entendemos como destaque do pensamento de Bourdieu, assim como o de Beauvoir, o apontamento de que, em nossa sociedade, o papel masculino é naturalizado, é o que não precisa ser descrito, é o *neutro*. E podemos notar isso em nosso cotidiano. As roupas *unissex* não seriam roupas masculinas? Podemos ver vários exemplos dessa pretensa neutralidade em nossas vidas. No entanto, o que mais nos interessa é o indício de que está ocorrendo alguma mudança no papel masculino, ainda que em resposta à pressão feminina. Para entendermos essa pressão, apresento um pequeno apanhado do pensamento de Simone de Beauvoir.

Simone de Beauvoir (1987) inicia o livro *O segundo sexo 2* com a frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (p. 13). O argumento para essa tese é que o papel feminino é construído em contraste, em negação, ao papel masculino. Com a mulher sendo *o outro* na sociedade. E essa construção se dá pelo cerceamento dos comportamentos infantis que são naturais para ambos os sexos. Desde cedo, até mesmo o toque no próprio corpo é tratado de maneira diferente entre meninos e meninas. Ao menino é permitido, e muitas vezes estimulado, o toque no próprio pênis, enquanto a menina é, no mínimo, advertida, senão punida, quanto toca em seu clitóris ou sua vulva. Para Beauvoir, esse é só o começo de uma infundável série de imposições e restrições que culminam em transformar a menina em uma mulher *de verdade*. Nas palavras da autora: “Sua *vocação* é-lhe imperiosamente ditada” (Beauvoir, 1987, p. 29).

Todas as intervenções dos adultos a fazem lembrar sua posição de mulher. Ela deve ser graciosa e gentil, e isso implica em reprimir seus movimentos espontâneos. Ao passo que os meninos são estimulados a serem viris, a rivalizarem, a desbravarem o mundo à sua volta

(1987). A implicação disso é que os meninos desenvolvem desde cedo noção espacial, bem como aprendem a se defender, a brigar por seus desejos e por sua posição. A restrição de movimentos exploratórios imposta às meninas as fazem sentir-se, desde cedo inferiores aos meninos. Ademais, as meninas são estimuladas a servir, a ter empatia, a cuidar. A própria fala, quando é dirigida aos meninos é mais grave, em tom de mais importância (Beauvoir, 1987).

“A hierarquia dos sexos manifesta-se a ela [menina] primeiramente na experiência familiar” (Beauvoir, 1987, pp. 33-34). Uma vez que o pai seja o responsável pelo sustento da casa, a vida dele é cercada de um prestígio misterioso. A própria autoridade do pai e da mãe diante da família tem caráter hierárquico, as determinações rotineiras e de menor importância são delegadas às crianças pela mãe. As que têm maior importância, cabem ao pai. O lugar (físico) que o pai ocupa na casa tem um ar *sagrado*, os objetos dele não devem ser tocados inadvertidamente. Ele é o representante familiar da virtude, da superação de dificuldades, da força, da transcendência (transcende a casa, vai aventurar-se no espaço público). O pai sente ternura pela filha e orgulho pelas conquistas do filho.

O mundo exterior, obviamente, continua confirmando a diferença de papéis. Os homens são citados nos livros de história. As canções e a literatura infantil mostram a fragilidade da mulher e o vigor do homem. Nelas, a princesa, reclusa, espera passivamente ser descoberta e conquistada pelo príncipe. “... é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino” (Beauvoir, 1987, p. 35). Para Beauvoir, as mulheres ilustres retratadas nos livros não passam de pálidas figuras ao lado de grandes homens, banhando-se na sombra de algum herói masculino. E a Bíblia, livro sagrado para os cristãos e para a família ocidental, é pródiga em apresentar exemplos: Eva foi criada a partir de Adão; o feito de Rute foi encontrar um marido; Maria aceitou com doçura e resignação o destino de ser a mãe do salvador. O mesmo ocorre na literatura *pagã*: os heróis representam, em geral, homens de verdade (seres humanos). As mulheres, quando são poderosas nessa literatura, são figuras míticas, sem correspondência no mundo real, são fadas, bruxas, sereias. E, ainda assim, muitas delas são traiçoeiras e têm o objetivo de seduzir e encantar o homem (que, diante dos encantos fica indefeso e ingênuo) (Beauvoir, 1987).

Beauvoir (1987) segue sua narrativa trazendo uma possibilidade de fuga desse destino. Para ela, quando a mãe perde o prestígio (de ser uma mulher resignada ao seu fardo), ocorre na menina uma revolta. Quando a mãe se queixa, se vitimiza, chora, *faz cena*, passa a ser detestada em vez de admirada. Essa mãe indica à menina que, seguindo os seus passos, estará fadada à insossa repetição. Nesse caso, “a filha não quer assemelhar-se a ela e rende culto às mulheres que escaparam à servidão feminina: atrizes, escritoras, professoras (as duas primeiras, em

especial, malvistas pela sociedade). Entrega-se com ardor aos esportes, aos estudos, sobe nas árvores, rasga vestidos, tenta rivalizar com os meninos” (p. 42). E se sente lisonjeada, a despeito do aparente desprezo por eles, quando os meninos a tratam em pé de igualdade.

Em consonância com Bourdieu, Beauvoir denuncia a naturalização do papel masculino em nossa sociedade. Para a autora, somente quando a menina sente raiva da mãe, não se identifica com ela, é que se dá esse rompimento, o desejo de entrar no mundo dito masculino (ou simplesmente entrar no mundo?), onde busca o respeito e a admiração que não encontrou na mãe.

Elisabeth Badinter (1993) apresenta uma posição interessante sobre o aprendizado da masculinidade em seu livro *XY*. A tese da autora é que a masculinidade patriarcal é forjada à base da violência infringida ao menino. Para se tornar *um homem de verdade* e se livrar de toda feminilidade aprendida com a mãe, o futuro homem tem que ser capaz de superar medo, dor e constrangimento. Nas sociedades primitivas, isso ocorre por meio de ritos de iniciação especialmente desenvolvidos para esse fim. Nas sociedades industrializadas, esses ritos podem ser substituídos pelo esporte ou pelo serviço militar. Para ter direito a adquirir a identidade masculina, o pretendente, em todas as sociedades patriarcais, deve pagar o preço de grandes dificuldades.

Essa *pedagogia da virilidade*, apresenta três pontos em comum em todas as sociedades (Badinter, 1993): o primeiro é a ideia de um limiar crítico a ser transposto; o segundo é a necessidade de provas; o terceiro é o papel nulo ou apagado dos pais (deve ser outro homem a prová-lo). Assim, a iniciação se dá, necessariamente, em três etapas: i) retirar o menino dos cuidados da mãe; ii) impor a ele a decisão de adotar o *mundo dos homens*; iii) fazê-lo passar por provas cruéis de enfrentamento e superação da dor e do constrangimento. Além disso, a autora afirma que não basta cumprir essa prova inicial; a identidade masculina deve ser sempre provada – não para as mulheres, mas para outros homens – que atribuem a si mesmos e a outros o adjetivo *verdadeiro*. Assim, só merece ser reconhecido por essa qualidade, o homem que se mostrar viril, traço forjado por ritos iniciáticos, conforme descrito acima (Badinter, 1993).

Mas, o que leva o próprio homem a questionar seu papel? Acontece que, “longe de ser pensada como um absoluto, a masculinidade, atributo do homem, é relativa e reativa. Tanto que, quando a feminilidade muda — em geral, quando as mulheres querem redefinir sua identidade —, a masculinidade se desestabiliza” (Badinter, 1993, p. 11). A autora segue atribuindo às mulheres os grandes questionamentos das sociedades patriarcais, uma vez que são os homens que detêm os privilégios nessas sociedades, e, por isso, não veem necessidade de mudança. Interessante a posição que vem em seguida, de que os “primeiros referenciais da

humanidade não são os homens, e sim as mulheres. [Pois] é em relação a elas e contra elas que eles [os homens] se definem” (p. 12). O ponto, para Badinter, é que não existe paralelo entre as mulheres, para a ansiedade que os homens sentem diante da possibilidade de semelhança entre os sexos. Ou seja, quem de fato se incomoda com a possibilidade de igualdade de direitos são os homens, uma vez que diante dessa situação, perderiam seus privilégios.

Não obstante, seguindo o raciocínio, a autora apresenta indícios de mudança. Segundo Badinter (Badinter, 1993), teóricos das ciências humanas, nos Estados Unidos, vêm questionando o papel masculino ideal, uma vez que essa virilidade, seria “fonte de alienação para os homens e de desentendimento com as mulheres” (p. 7). Destarte, segundo a autora, o homem do século XXI conseguiria lidar com seus lados feminino e masculino, sabendo equilibrar entre momentos de firmeza e de suavidade. Para a autora, as mulheres têm mais habilidade em conciliar essa dualidade que ela chama de verdadeira androginia.

Badinter (2011), aponta um movimento que chama de “a revolução paterna”. O novo homem não quer mais ficar à margem da educação de seus filhos, faz questão de exercer ativamente a paternidade desde a gestação.

É um homem oriundo das classes médias ou altas, que se beneficia de uma formação e de uma renda mais elevadas que a média. Tem uma profissão liberal que lhe permite, bem como à sua mulher, dispor livremente de seu tempo e rejeita a cultura masculina tradicional. A maioria se diz em ruptura com o modelo de sua infância e não quer, por nada, reproduzir o comportamento do pai, considerado *frio e distante*. Eles almejam *reparar* sua própria infância. Finalmente, vivem com mulheres que não têm vontade de ser mães em tempo integral (Badinter, 1993, p. 172, grifo original).

Essa nova paternidade tem como pressuposto relações igualitárias, mais democráticas do casal. Badinter (1993) prevê grandes perturbações para as próximas gerações de homens, com uma nova masculinidade, mais diversificada e sutil, bem distante da virilidade extrema. Todavia, essa mudança não depende apenas do indivíduo. A desigualdade social entre homens e mulheres, ainda resiste, com as mulheres desempenhando $\frac{3}{4}$ das tarefas domésticas (Badinter, 2011; 1993). Além disso, as instituições precisam se adaptar, de forma que haja igualdade de direitos, como bons salários às mulheres e licenças para os pais. Ademais, existe ainda uma certa crise de identidade, uma vez que “os homens jovens não se reconhecem na virilidade caricatural do passado” (Badinter, 1993, p. 187), mas também não repudiam a masculinidade. Não obstante, toda mudança encontra resistência.

Nota-se a emergência de um discurso moralista, com roupagem naturalista, que prega o retorno a um modelo tradicional. Esse discurso pesa fortemente sobre as mulheres, em especial

sobre o papel de mãe. Mas, diferentemente dos séculos passados, hoje é possível (em nossa sociedade) questionar, aderir, recusar ou negociar esse *chamado da mãe-natureza*. Ainda assim, essa pressão recai especialmente sobre a mulher, e mais uma vez apresentamos que a pressão para a mudança, também parte dela (de nós). Badinter (2011) indica os países escandinavos na vanguarda dessa mudança. Daí nota-se que a escolaridade feminina é essencial para acelerar essa mudança. “[...] as mulheres, quanto mais diplomadas são, menos realizam trabalho doméstico e mais intensificam o trabalho profissional, sem que por isso o companheiro faça mais em casa” (p. 24).

De maneira similar, referindo-se a uma pesquisa sobre preferências de trabalho realizada por Catherine Hakim (2000), Badinter (2011) enfatiza que os homens representam, em alguma medida, um grupo homogêneo. Quase a totalidade dos homens entre 25 e 50 anos procura poder, dinheiro e estabilidade profissional. “Embora certa heterogeneidade tenha aparecido nos últimos decênios, ela permanece menor em relação à das mulheres. Os homens que escolhem investir no trabalho doméstico representam apenas uma pequena minoria” (Badinter, 2011, p. 29). Nesse mesmo estudo, as mulheres poderiam ser classificadas em três grupos, em função da importância que dão à dedicação familiar e à profissão: as *home-centred*, as *adaptive* e as *work-centred*. Enquanto os homens quase em sua totalidade estão focados nas suas carreiras, as mulheres se dividem em grupos que priorizam a vida familiar, a carreira ou alguma adaptação dessas duas situações. No entanto, o estudo indica um pequeno viés de diversificação nessa opção. Essa constatação justifica o que foi apontado alguns parágrafos acima, que o novo homem tem um discurso progressista, mas um comportamento ainda conservador.

O *International Social Survey Programme (ISSP)*, acompanha periodicamente, a cada década, os papéis de gênero em mais de quarenta países. Lígia Amâncio e Karin Wall apresentaram parte dos resultados de uma dessas pesquisas nos Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, em 2004: “A família e os papéis de gênero: Alguns dados recentes do *Family and gender survey* (ISSP, 2021)”¹⁷. As pesquisadoras identificaram que os homens têm uma atitude que elas chamaram de “modernista” com relação ao trabalho doméstico e o cuidado com os filhos. Ou seja, participam mais ativamente do trabalho no âmbito doméstico (Amâncio; Wall, 2004). No entanto, surge uma contradição entre a participação no cuidado dos filhos e a crença de que a mãe é quem cuida melhor, o que pode sugerir uma falta de responsabilização paterna. Em outras palavras, o cuidado paterno é visto como *ajuda*, e não como responsabilidade direta.

¹⁷ Questionário de família e gênero (tradução livre).

Corroborando com Badinter e Bourdieu, Amâncio e Wall (2004), verificaram que, quanto maior a escolaridade (especialmente das mulheres), maior é a divisão das tarefas domésticas. Um dado interessante revelado por essa pesquisa refere-se à percepção de justiça em torno da divisão do trabalho doméstico. Nesse quesito, há maior disparidade com relação ao gênero do que com relação à escolaridade, embora a escolaridade também esteja presente. Os homens acreditam mais do que as mulheres que a partilha dos trabalhos é equilibrada, enquanto as mulheres se sentem sobrecarregadas (Amâncio; Wall, 2004).

Todas as fontes encontradas dão conta de que existe um viés de mudança nos papéis de gênero. (Hirata, 2015; Badinter, 2011; Hirata; Kergoat, 2007; Beauvoir, 1987). E essa mudança está sendo alavancada pelos movimentos feministas que exercem pressão na masculinidade para um equilíbrio de direitos na esfera pública e de deveres na esfera privada. Existem vários fatores, segundo a bibliografia pesquisada, para a diferente valoração do trabalho produtivo e do reprodutivo. Embora a diferença de papéis ocorra desde a antiguidade (Funari, 2002), foi na Idade Média que se instalou o elemento fundamental de nossa identidade coletiva: o cristianismo. Glorificando e reprimindo o corpo, atribuindo ao sexo (feminino) o pecado original (Le Goff, 2006).

A igreja da Idade Média impõe ao corpo um policiamento no espaço. E atribui ao marido a posse do corpo de sua mulher ao qual ele tem direito de posse “a mulher é fraca [...] razão pela qual ela deve estar submetida ao homem e deve estar sempre pronta para servi-lo” (Le Goff, 2006, p. 52). A manutenção dessa subordinação feminina, enfatiza Bourdieu (2012), segue três princípios – que a meu ver tem origem no que expõe Le Groff – i) convêm às mulheres funções de prolongamento de funções domésticas; ii) uma mulher não pode ter autoridade sobre homens; e iii) ao homem é atribuído o conhecimento técnico e o domínio dos meios de produção (Bourdieu, 2012). A resistência a essa subordinação remonta, da mesma forma, à Idade Média, haja vista a quantidade de mulheres que foram consideradas bruxas e queimadas vivas.

Contudo, a época histórica propícia ao movimento feminista foi a Idade Contemporânea, tendo início com o movimento sufragista no séc. XIX. Dois destaques do movimento feminista, são Simone de Beauvoir e Elisabeth Badinter, cada uma com sua interpretação. Beauvoir diz que a mulher é o segundo sexo, ou seja, é a oposição ao sexo dominante. Sua tese é de que o sexo – ou o gênero, nas palavras de hoje – não é natural, biológico, mas uma construção social. Que à mulher é imposta desde o nascimento, a condição de restrição de uso do espaço, por exemplo, o que é estimulado ao homem, também desde a primeira infância (Beauvoir, 1987). Por sua vez, Badinter revela que o patriarcado traz

sofrimento para homens e mulheres. E que o homem, precisa de desvencilhar de toda a fraqueza e fragilidade para se sentir um *homem de verdade* (Badinter, 1993).

Assim, a questão continua aberta, e talvez não haja *uma* explicação. Nossa proposta, longe de fechar em uma tese que determine o aprendizado do comportamento feminino ou masculino, é ampliar a discussão no sentido de tornar as relações entre homens e mulheres igualitárias e menos tensas. Bem como fornecer dados para que as pedagogias de gênero sejam menos sofridas tanto para meninas quanto para meninos. Os processos educativos passivos e informais contribuem com a formação de nossas crianças tanto ou mais que os processos formais, que são pensados em cada detalhe. A forma como o professor ou a professora se refere ao aluno é diferente da forma como define à aluna. Uma menina com caderno amassado e letra com traçado heterogêneo é considerada uma menina “relaxada”. Já, um menino com caderno nas mesmas condições, é só um menino. De forma que o nível de exigência por cuidado das meninas e dos meninos é similar em casa e na escola. Queremos contribuir para, ao menos, ampliar a reflexão do que é esperado em termos de cuidado em função do gênero.

4. ADAPTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO *FAMILY AND CHANGING GENDER ROLES V* PARA O BRASIL

Questionários são ferramentas habituais nas coletas de dados de pesquisas em diferentes áreas ao redor do mundo. Eles têm a função de mensurar comportamentos, hábitos, transtornos, ideologias, e o que mais os pesquisadores conceberem como objeto de suas pesquisas. Frequentemente, os questionários são ferramentas desenvolvidas para uma população específica, mas com interesse para outras populações. Nesses casos, justifica-se o uso de questionários já validados, uma vez que sua adaptação é menos dispendiosa que a criação de um novo instrumento.

Além disso, o uso de ferramentas equivalentes facilita a comparação entre populações e a troca de informação dentro da comunidade científica (Fortes; Araújo, 2019). No entanto, “deve haver um cuidado muito especial na preparação e na aplicação dos questionários, que não dependem somente de tradução, mas principalmente de adaptação de um cenário cultural para outro, para que mantenha seu potencial” (p. 203). Dito isso, optamos por adaptar um instrumento que há décadas mensura, em diferentes países, as mudanças ocorridas nos papéis de gênero, ao invés de criarmos nosso próprio instrumento.

4.1. DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO

O questionário *Family and Changing Gender Roles V* (ISSP, 2022 – Anexo 1), é a quinta versão de um instrumento de opinião, que vem sendo utilizado desde 1988, em mais de 40 países, com a finalidade de acompanhar as mudanças ocorridas nos papéis de gênero em seus territórios. O instrumento tem como objetivo original compreender questões relacionadas com o gênero, tais como atitudes em relação ao emprego das mulheres, casamento, filhos e apoio financeiro, gestão doméstica e parceria.

Embora o ISSP tenha base na Alemanha, e portanto, produza o questionário em língua germânica, optamos por utilizar a versão em língua inglesa, devido a facilidade de tradução. A versão anterior, datada de 2012 tem tradução para o português de Portugal. A atual versão, de 2022, não está disponível nesta língua. A versão em inglês é composta de 34 questões, sendo 6 delas de concordância/discordância; 22 de múltipla escolha e 6 de resposta numérica. O conteúdo envolve questões sobre estrutura familiar, trabalho remunerado, trabalho doméstico, cuidado com filhos e benefícios relacionados à maternidade ou paternidade. A versão final

brasileira apresentou a mesma estrutura, acrescida da coleta de dados sociodemográficos. Ambas as versões se encontram anexadas a esta tese.

4.1.1. Etapas da Adaptação

A tradução e adaptação foi realizada seguindo etapas de Beaton e colaboradores (2007), como citado por Fortes e Araújo (2019), uma vez que o artigo original tem acesso restrito¹⁸.

Etapa 1 – tradução: Foram contratados por nossa equipe três tradutores independentes, o que está de acordo com a literatura consultada, que sugere pelo menos dois tradutores, que possuam domínio linguístico e cultural de ambos os idiomas, e conhecimento sobre o tema (Fortes; Araújo, 2019). Seus honorários foram pagos com recursos próprios.

Etapa 2 – conciliação de traduções: ocorreu após o recebimento das três versões. Esta etapa foi realizada por um comitê composto pela pesquisadora e dois dos tradutores contratados (Fortes; Araújo, 2019). Foi realizada uma síntese das versões, utilizando como base a mais fiel das três versões recebidas. Os honorários dos tradutores para esta etapa já estavam incluídos na contratação para a etapa anterior.

Etapa 3 – retrotradução: foi realizada por tradutora nativa de língua inglesa, com domínio linguístico e cultural de ambas as línguas e que realiza profissionalmente traduções do português para o inglês (Fortes; Araújo, 2019, pp. 206-207). Esta pessoa foi contratada por nossa equipe e paga com recursos próprios.

Etapa 4 – revisão: a revisão confere qualidade à Adaptação Transcultural, buscando, primariamente, equivalência conceitual, e posteriormente, mas não menos importante, as equivalências linguísticas entre a versão original e a adaptada (Fortes; Araújo, 2019). Para esta etapa foi constituído um comitê composto por um grupo focal, nas dependências do LabFeno, com a participação dos pesquisadores do próprio laboratório. Sua data e horário foram agendados após a conclusão das três primeiras etapas da tradução. O grupo focal teve a duração de duas horas, nas quais o questionário foi lido e discutido para adaptação do vocabulário visando uma maior compreensão. Foram realizadas algumas alterações no instrumento, para maior clareza de algumas questões. Todos os participantes assinaram o TCLE (Apêndice 1).

Incluímos uma etapa anterior ao que seria a etapa 5 – pré-teste. Com isso, o pré-teste passou a ser, para nós, a etapa 6.

¹⁸ Entendemos que a divulgação científica deve ser ampla e irrestrita. E, para sermos coerentes a essa postura optamos por utilizar somente artigos *open access*.

Etapa 5 – adaptação para versão online: Após a etapa anterior, realizamos a transposição da versão impressa para uma versão online, utilizando a plataforma Google Forms.

A versão online adaptada contou com a seguinte estrutura:

Seção 1: Folha de rosto com breve descrição da pesquisa a que se destinou o questionário, dados da aprovação do CEP/CHS e link para o TCLE; coleta de e-mail, para evitar duplicidade nas respostas; termo de aceite do TCLE.

Seção 2: dados sociodemográficos, com 16 questões, incluindo idade, local de residência, cor/raça, escolaridade, religião, faixa de renda, gênero, orientação sexual, estado civil, escolaridade do/a cônjuge, quantidade e idade de filhos e de enteados.

Seções 3 a 6: questionário, com a mesma estrutura do questionário original, descrito no item 3.1.1 (descrição do instrumento).

Etapa 6 – pré-teste: Esta etapa consiste em testar a versão revisada em um número reduzido da população-alvo. Nessa fase confirma-se a equivalência semântica e observa-se a equivalência operacional (FORTES e ARAÚJO, 2019). O pré-teste foi realizado já com a versão online. Foram encontrados pequenos erros de digitação que foram corrigidos para a etapa de coleta de dados.

4.1.2. Coleta e Manejo dos Dados Quantitativos

O convite à participação foi realizado por meio de *link*-convite divulgado por: e-mail para os contatos cadastrados no LabFeno; por e-mail para os contatos cadastrados nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Psicologia, ambos da Universidade Federal do Paraná; e por divulgação nas redes sociais da pesquisadora, do LabFeno e de seus membros. O instrumento ficou disponível para preenchimento no período de 28 de outubro de 2023 a 02 de dezembro de 2023. Ao acessar o *link*-convite, o participante precisou informar seu endereço de e-mail (recurso para evitar a duplicidade de respostas); após essa etapa, foi encaminhado para a página de descrição da pesquisa e teve acesso ao TCLE, ao qual teve que concordar para, somente depois ter acesso ao ambiente de pesquisa. Tendo concordado com o TCLE, o participante foi encaminhado para o questionário socioeducacional e, na sequência, para o questionário propriamente dito. O preenchimento foi de, aproximadamente 15 minutos. Ao término, foi questionado se deseja ou não receber o resultado desta, e, finalmente, seguiu para a página de agradecimento. Não foi possibilitada a alteração das respostas fornecidas após o envio.

Os dados coletados estão armazenados em ambiente da plataforma Google, protegidos por senha. Contratamos um estatístico para tratamento dos dados quantitativos, o pagamento foi feito com recursos próprios.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1. ESTUDO QUANTITATIVO

5.1.1. Análise Descritiva

5.1.1.1. Análises Exploratórias com Detecção de Falsos Outliers.

As amostras obtidas nas 249 entrevistas foram avaliadas quanto a presença de falsos outliers, ou seja, valores discrepantes ocasionados por erro de resposta, sejam elas intencionais ou não. Algumas questões (variáveis) foram avaliadas em relação a isto e utilizadas para remoção dos registros discrepantes.

a) Quantidade de pessoas que moram na residência do/a participante [A17]: foram excluídos três registros com valores discrepantes, ou seja, maiores de 10 pessoas (12, 200 e 2000);

b) Quantidade ideal de filhos/as [Q6]: foram desconsiderados dois registros com valores muito discrepantes, sendo eles 100 filhos/as e 10^{18} (dez na potência dezoito) filhos/as¹⁹;

c) Tempo gasto com tarefas domésticas [Q15.a]: quatro registros com valor superior a 90 horas por semana foram desconsiderados, onde três pessoas apontaram 100 horas e uma respondeu 412;

d) Tempo gasto com cuidado de filhos/as e familiares [Q15.b]: também foram excluídos os registros com valores maiores do que 90 horas por semana (112h, 150h, 168h, 200h);

e) Tempo gasto com cuidado de filhos/as e familiares pelo companheiro/a [Q16.b]: foi desconsiderado 1 registro com valor maior do que 90 horas por semana (98h).

Este primeiro filtro reduziu o número de registros (amostras) para 235, que foram utilizados nas análises descritivas. Para as análises multivariadas foi aplicado um filtro adicional, onde foram excluídos mais cinco registros com tempo de licença maternidade remunerada superior a 24 meses (quatro com 36 meses e um com 48 meses) por representarem valores discrepantes que podem adicionar ruído nas análises multivariadas. Entretanto, uma vez que esses valores não necessariamente são decorrentes de erros intencionais, eles foram mantidos nas análises descritivas.

¹⁹ O participante colocou esse valor.

5.1.1.2. Avaliação das respostas quantitativas e qualitativas através de gráficos, tabelas e estatística descritiva

As variáveis, descritoras da amostra e questões do questionário, foram avaliadas individualmente de forma descritiva. Variáveis numéricas foram apresentadas por meio de gráficos de caixa (*box and whiskers plot*) e estimadores descritivos (média e desvio padrão, mediana e quartis, moda). Por outro lado, as variáveis qualitativas foram avaliadas por meio de tabelas de contingência e proporção em relação ao total de registros (após eliminação de falsos outliers) (ZAR, 2010).

5.1.1.3. Avaliação das relações entre participantes através da análise conjunta das variáveis descritoras da amostra

Uma Análise de Coordenadas Principais (PCoA), ordenação baseada em uma matriz e associação e que admite o uso de diferentes medidas de distância entre objetos (Legendre P.; Legendre L., 2012), foi aplicada na matriz contendo as variáveis descritoras da amostra, ou seja, aquelas variáveis que qualificam participantes. Nesta análise não foram consideradas as variáveis (perguntas): data/hora (A1), e-mail (A2), termo de consentimento (A3), UF da moradia (A5), país de moradia se mora no exterior (A6), cidade de moradia (A7), e se mora na Capital, Região Metropolitana, Interior, Litoral ou Exterior (A8). Foi utilizada a medida de associação de Gower para dados mistos, uma vez que os descritores contêm variáveis quantitativas e qualitativas (Gower, 1971; Podani, 1999). O objetivo desta ordenação é buscar a existência de padrões de agrupamentos ou de associação entre participantes com base nas suas características principais (cor ou raça, escolaridade, religião, renda, gênero, estado civil, escolaridade cônjuge).

Adicionalmente foi gerada uma segunda ordenação, ou seja, a mesma PCoA, com uma matriz reduzida de dados das amostras. Nesta segunda análise foram desconsideradas as variáveis (perguntas): faixa etária dos filhos/as (A19), se tem enteados e quantos (A20), faixa etária de enteados/as (A21), relação de parentesco das pessoas que moram com o/a participante (A22). As variáveis excluídas foram selecionadas devido ao excesso de níveis de resposta, o que pode dificultar o processo de ordenação. A Análise de Procrustes foi aplicada para verificar diferenças entre as duas ordenações, ou seja, para verificar se a retirada das referidas variáveis afetou significativamente a estrutura das ordenações (Legendre; Legendre, 2012). A significância do teste foi obtida com a rotina *Protest*.

5.1.1.4. Avaliação das relações entre participantes através da análise conjunta das respostas do questionário

A Análise de Coordenadas Principais (PCoA) também foi aplicada para ordenar as 70 variáveis que representam as respostas do questionário, de forma a buscar possíveis relações entre participantes com base em suas respostas. Será utilizada a medida de associação de Gower para dados mistos (Gower, 1971; Podani, 1999), uma vez que as respostas às questões resultaram em variáveis quantitativas e qualitativas (Legendre & Legendre, 2012). A ordenação resultante foi relacionada *a posteriori* a variáveis descritoras da amostra (cor ou raça, escolaridade, religião, renda, gênero, estado civil, escolaridade cônjuge). Esta relação buscou a existência de padrões de agrupamentos ou de associação entre participantes com base em algum descritor de caracterização da amostra.

5.1.1.5. Avaliação da existência de relações entre as respostas dos questionários e as variáveis de caracterização das amostras

A relação entre as respostas do questionário (matriz resposta) e as respectivas variáveis descritoras (características) dos participantes (matrix explicativa) foi avaliada através de uma Análise de Redundância baseada em distâncias - dbRDA (Legendre & Legendre, 2012). A dbRDA é uma ordenação canônica assimétrica que testa e ordena a relação de duas matrizes de dados multivariados, onde se pressupõe uma relação de dependência entre a matriz resposta (respostas do questionário) e matriz explicativa (características dos participantes). Este método foi escolhido pois ele fornece um valor de porção de variância da matriz resposta explicada pela matriz explicativa, ou seja, o quanto das respostas dos/as participantes sofre influência direta de suas características (e.g. estado civil, idade, escolaridade, religião etc.).

Dentre as ordenações canônicas assimétricas, a dbRDA foi selecionada pois ela permite ordenar matrizes de variáveis resposta com dados mistos (quantitativos e qualitativos) através da utilização da medida de similaridade de Gower (Gower, 1971; Podani, 1999), uma vez que a ordenação é aplicada sobre uma matriz de associação, o que permite o uso de praticamente qualquer método de associação entre amostras (Legendre & Legendre, 2012). Para obtenção dos escores das variáveis resposta, a parte qualitativa da matriz de dados foi transformada em uma matriz dummy (0/1) e posteriormente agregada às variáveis quantitativas. Devido ao grande número de variáveis resposta e explicativas, apenas as variáveis com os escores (valores

que posicionam cada variável em relação aos eixos canônicos) mais extremos no plano fatorial (Eixo dbRDA 1, $-0.2 < \text{escore} > 0.2$; Eixo dbRDA 2, $-0.05 < \text{escore} > 0.05$), foram exibidas. Além disso, cada conjunto de variáveis foi exibido em uma figura distinta, da mesma forma que as amostras (registros das entrevistas), exibidas com as mesmas cores utilizadas nas ordenações anteriores (PCA, PCoA) relacionadas ao estado civil. O estado civil foi a característica que mais destacou as amostras em relação à ordenação das respostas do questionário

Todas as análises e gráficos foram realizadas em ambiente R, utilizando os pacotes “readxl” (Wickham; Bryan, 2023) e “writexl” (OOMS, 2023) para importação e exportação de dados, “ggplot2” (Wickham, 2016) e ‘ggpubr’ (Kassambara, 2023) na produção dos gráficos e painéis, “FD”, “dummy” (Ballings; Van Den Poel, 2015) e “vegan” (Oksanen et al., 2022) em relação às análises multivariadas.

5.2. ESTUDO QUALITATIVO

A Análise das transcrições foi feita com o uso do método fenomenológico em três passos, como descrito por William Gomes (1997):

1. Descrição do objeto como se tratasse de um primeiro encontro. Nessa etapa, o objeto é descrito como se apresenta à consciência do pesquisador, sem a preocupação em identificar causas ou justificativas para o conteúdo analisado;
2. Exploração ou investigação do material descrito. Nessa etapa, busca-se extrair do material a estrutura, a essência do objeto, para descrevê-lo novamente em suas partes fundamentais;
3. Revelação do direcionamento da consciência do pesquisador para aquele objeto da experiência. Essa é a fase que revela o que em fenomenologia se chama de intencionalidade. Pelos processos de afeição (sentir), cognição (pensar) e conação (julgar) chega-se à experiência de acesso pelo pesquisador da intencionalidade do pesquisado.

5.2.1. Etapa 1

Descrição do objeto como se tratasse de um primeiro encontro. Nessa etapa, o objeto é descrito como se apresenta à consciência do pesquisador, sem a preocupação em identificar causas ou justificativas para o conteúdo analisado (Gomes, 1997):

Nessa etapa, entendemos que poderíamos seguir alguns caminhos diversos, como fazer uma única descrição, de todas as entrevistas, fazer uma descrição para cada entrevista ou fazer uma descrição de cada pergunta separadamente. Optamos por fazer a descrição por entrevista. Seguem as descrições.

Entrevista 1

Heitor é pós-graduado em nível de especialização e trabalha como gerente de vendas de uma operadora de telefonia, tem 39 anos, uma filha de 13 anos e um filho de 9 anos. Sua esposa é técnica em enfermagem, trabalha em um hospital e faz graduação em enfermagem. A divisão do trabalho doméstico na casa do Heitor é feita por todos os membros. Seu filho realiza trabalhos mais leves, como recolher a sujeira dos cachorros, retirar o lixo e tirar o pó dos móveis. Sua filha auxilia na limpeza diária, passando aspirador, passando pano no piso da casa. A limpeza mais pesada fica ao encargo do casal, dividido por quem tem mais tempo disponível. Normalmente Heitor limpa a cozinha, os vidros e os banheiros e a esposa limpa o piso e os móveis. A lavagem da roupa é sempre realizada por quem tem mais tempo livre no dia. Quem termina seus afazeres primeiro coloca a roupa na máquina e depois quem está disponível quando a máquina termina, estende a roupa no varal. As refeições normalmente são feitas pelo Heitor, num sistema de cozinhar durante o fim de semana para a semana ou o mês e congelar os alimentos para serem aquecidos nas refeições. Em termos de tempo, o Heitor diz que dedica mais tempo que a esposa no trabalho doméstico, ele dedica de 40 min a 1h30min diariamente à casa, incluindo roupa, louça e refeições, enquanto a esposa dedica em torno de 20 min. Nos fins de semana que eles fazem limpeza ou preparam as refeições, o tempo gasto por ele chega a até 5h. Nesses casos o entrevistado não falou quanto tempo a esposa dedica. Heitor atribui essa divisão à maior liberdade de horários que ele tem. A relação que Heitor tem com o trabalho doméstico é de dever compartilhado. Ele não se sente nem um pouco constrangido por realizar esse trabalho. Inclusive, ele citou ocasiões em que ele deixou outras pessoas constrangidas pela naturalidade com que ele assume as funções domésticas. Heitor relata que aprendeu a fazer o trabalho doméstico em casa. Desde criança ele tinha que tirar o pó dos móveis e cuidar da louça e da mesa, incluindo arrumar a mesa, recolher a louça, lavar a louça, fogão e pia. Ele relatou que seu pai abandonou a família quando ele (Heitor) era criança. Realizando essas tarefas e sem o exemplo do pai em casa, o Heitor nunca questionou a responsabilidade sobre essas funções. Ele acredita, pelo que sua mãe e irmãos falam, que ele (Heitor) realiza mais coisas em casa do que seu pai. Heitor tem a percepção que os homens do círculo da igreja que eles frequentam realizam trabalho doméstico, mas os homens fora desse círculo, não.

Entrevista 2

Raul tem 58 anos, é professor e advogado, é pós-graduado em nível de mestrado e trabalha na secretaria estadual de educação. Sua esposa é graduada e trabalha como consultora em uma empresa de grande porte. Eles têm um filho de 29 anos, casado e graduado. Raul relata que não existe uma divisão explícita do trabalho doméstico, segundo ele, “a gente vê a necessidade de fazer e faz”, mas a maior parte do trabalho é a esposa quem faz. Raul prepara o café da manhã e faz a carne para o almoço. As atividades rotineiras levam em torno de meia hora a uma hora por dia para ele e, provavelmente, o dobro do tempo para ela. A limpeza pesada é feita aos sábados pelos dois. A roupa é de responsabilidade da esposa. Raul não se sente constrangido por fazer o trabalho doméstico. No entanto, ele diz que gostaria de “ser homem de verdade”, de “não ser tão sensível como ele é” com relação às mulheres, gostaria de não se sentir responsável pelo trabalho doméstico. Raul relata que faz “100%” mais do que os homens da família de origem. Apenas ele e um irmão dele fazem o trabalho doméstico. Diz que os outros homens da família, incluindo os cunhados (irmãos da esposa) delegam o trabalho doméstico para as esposas, porém, mais para frente, na entrevista, ele fala de dois outros cunhados que cozinham e limpam o chão, e um deles, o entrevistado se referiu como “quase uma mulher”, por ser muito caprichoso. Sobre o próprio filho, Raul diz que divide os cuidados com a casa igualmente com a esposa, o que Raul chama de “saiu melhor que eu”. Raul diz que aprendeu a cuidar da casa no seminário. Ele saiu de casa aos 14 anos e foi para o seminário. Lá ele tinha obrigações com seus pertences, com a louça e com a limpeza da casa. Com relação aos seus contatos, Raul diz que não é um tema que ele converse.

Entrevista 3

Thiago tem 43 anos, é pós-graduado em nível mestrado, trabalha como Engenheiro em uma empresa portuária. Sua esposa é graduada e deixou de trabalhar quando nasceu a primeira filha, que tem 11 anos. Seu filho caçula tem 7 anos. Thiago diz que não há divisão de tarefas na casa dele. Thiago diz que todo o trabalho doméstico é a esposa quem faz. Ele se encarrega de alguma manutenção, como trocar uma lâmpada ou passar um “Vap” na parede. Também diz que faz o café da manhã nos fins de semana. Relata que não sabe cozinhar. Thiago diz que sua contribuição com a casa é deixar suas coisas organizadas, ou pelo menos, num canto. Que não deixa as coisas espalhadas pela casa, como as crianças deixam. Ele acredita que a esposa passa o dia inteiro envolvida com a casa e os filhos, é ela quem leva para a escola e para as atividades complementares no contraturno. Thiago diz que não se sente constrangido por não realizar o

trabalho doméstico, segundo ele, a atividade mental que ele realiza no trabalho traz um esgotamento maior que o cansaço físico do trabalho da esposa. Com isso, mesmo quando chega em casa e ela pede que ele faça alguma coisa, ele justifica dizendo que está muito cansado. Thiago diz que, em alguns momentos entende que deveria participar mais das atividades da casa, mas que ela tem que saber relevar porque é ele quem está provendo a casa. De acordo como Thiago, ele faz mais coisas em casa do que seu pai. Ele relata um episódio em que seu pai falou para a Sua Esposa que admira o tempo que Thiago passa com os filhos, que ele (o pai) se arrepende de não ter passado mais tempo com os filhos. Thiago diz que tem um amigo que é dono de casa. Que deixou o trabalho para cuidar da casa porque a esposa, médica, passou em um concurso, de forma que passou a ter uma remuneração maior que a do esposo. Thiago diz que, nessas condições, ele não teria problema em cuidar da casa, inclusive já teria dito para a esposa que se ela ganhasse mais do que ele, ele ficaria em casa, sem problemas. Thiago diz que aprendeu a ser como é, segundo ele, 50% na família de origem, 25% com a esposa e 25% com colegas de trabalho, televisão, mídia, coisas assim. Ele diz que a educação que ele e os irmãos tiveram foi “efetiva”. Dessa forma, ele tenta reproduzir o que aprendeu com os pais.

Entrevista 4

Vinícius tem 44 anos, pós-graduado em nível de mestrado, trabalha como consultor empresarial. Sua esposa é graduada e trabalha na área de formação, como podologista. Eles têm uma filha de 9 e um filho de 7 anos. Vinícius diz que o trabalho doméstico tem que ser feito, então ele e a esposa fazem. Mas tem certas zonas de conforto. Ele fica mais com a limpeza da louça e cozinha, ela fica mais com a roupa e a limpeza diária da casa. Para ele, estando a louça lavada e a cama arrumada, ele fica confortável, já a esposa se sente confortável com a roupa, especialmente das crianças “em dia”. O almoço, quem está em casa no horário faz. Vinícius diz que cada um deles dedica de 1h30min a 2h por dia com as tarefas da casa. A limpeza pesada é feita nos sábados. Nessas ocasiões, ele se encarrega de limpar o chão e ela os banheiros. Vinícius diz que estão há 2 anos sem diarista e, em razão disso, eles têm que manter a casa em ordem. Ele também diz que as crianças estão começando a se envolver com a rotina da casa, arrumam seus quartos e alguma coisinha mais. Na percepção dele, a esposa acaba dedicando mais tempo do que ele para o trabalho doméstico, cerca de 65/35. Vinícius diz que não se sente constrangido em fazer o trabalho doméstico. Diz que morou sozinho por um tempo e que sempre fez o trabalho, inclusive porque não gosta de casa bagunçada. Com relação à família de origem, Vinícius relata que sempre viu o pai realizando o trabalho doméstico. Não era muita coisa porque eles tinham funcionária que fazia o trabalho, mas sempre se envolveu com as

tarefas domésticas. Vinícius declarou que, atualmente ele se dedica mais do que o pai dele para o trabalho doméstico, inclusive porque os pais ainda têm funcionária para fazer o trabalho “mais grosso”, como limpar o chão, tirar o pó, limpar os banheiros. Vinícius diz que aprendeu a realizar essas atividades com o pai, por ter visto ele fazer sempre. Lembrou, também, que foi escoteiro, e no escotismo ele tinha que fazer o trabalho. Depois, quando foi morar sozinho, fazendo mestrado fora do país, ele precisou fazer todo o serviço da casa, desde cozinhar até fazer a limpeza geral e a limpeza pesada. Com relação aos seus contatos, Vinícius percebe que todos os que têm filhos se envolvem com a criação deles. Na visão dele, esses conhecidos se dedicam mais ao trabalho doméstico do que historicamente o homem se envolvia. Principalmente em atividades como cozinhar, lavar louça, lavar roupa, limpar a casa. No entanto, segundo ele quem consegue pagar para uma pessoa fazer o trabalho, paga e nesse caso, não o faz. Ele relata dois exemplos de amigos que se dedicam mais do que as esposas ao trabalho doméstico. Ambos são empresários e conseguem ter mais tempo livre do que as esposas. Com isso, fazem mais coisas em casa. Um fator importante na visão dele é a remuneração da mulher. Diz que o homem fazer o trabalho doméstico é tão importante quanto a mulher ter uma atividade profissional.

Entrevista 5

Luiz tem 33 anos, é pós-graduado em nível de especialização, trabalha como psicólogo autônomo, a esposa é pós-graduada em nível de especialização e é funcionária pública. Eles têm um filho de 1 ano e meio. Luiz diz que o trabalho doméstico é dividido entre ele e a esposa. No dia a dia, ele tira o lixo, lava a louça, e ela cozinha e arruma a roupa. Segundo ele, ao mesmo tempo que tem essa divisão, acaba que todos fazem um pouco de tudo. Quando um está cuidando do bebê o outro faz e vice-versa. Depende do tempo livre de cada um. O entrevistado diz que eles pagam uma pessoa para fazer comida a cada 15 dias, e uma pessoa para fazer a limpeza geral uma vez por semana. Então para o casal ficam coisas básicas, como esquentar comida ou cozinhar algo específico que queiram. Com isso, o tempo dedicado diariamente fica em torno de 1h., no máximo 1h30. Essa dedicação é partilhada igualmente. Luiz diz que, além de não se sentir constrangido em fazer o trabalho doméstico, incentiva as pessoas a fazerem, que fala abertamente sobre o assunto. Ele diz que gosta de lavar louça porque traz um momento de calma. Com relação à família de origem, Luiz diz que sempre viu o pai fazendo todo o trabalho, que não tinha divisão por sexo. Então ele entende que aprendeu a fazer todo o trabalho doméstico em casa. Que tanto ele quanto os três irmãos e a irmã faziam todo o tipo de trabalho doméstico. Para ele, esse aprendizado foi natural, tranquilo. Com relação à percepção sobre

outros amigos, Luiz diz que tem um grupo de amigos que cresceu como ele, que faz de tudo em casa de forma natural, e outro grupo que diz que não aprendeu a fazer essas tarefas, e usa isso como desculpa para não fazer.

Entrevista 6

Fernando tem 37 anos, é pós-graduado em nível de mestrado e trabalha como professor universitário, está em união estável não formalizada com sua companheira, com a qual tem um filho de 6 anos. Ela também é pós-graduada em nível mestrado e trabalha como psicóloga autônoma. Fernando diz que a divisão de trabalho costumava ser mais igualitária antes de ele começar a trabalhar em uma segunda IES. Antes disso, ele diz que fazia o almoço, preparava a janta e cuidava da louça, enquanto a esposa dele sempre ficou com a roupa. O cuidado da casa, ficava na maior parte com ela. Fernando acredita que dedica de 1h30 a 2h por dia ao trabalho doméstico, enquanto sua esposa, de 3h a 4h. Ele se sente constrangido por ela fazer o trabalho doméstico e ele não conseguir fazer mais do que faz. Com relação à família de origem, Fernando diz que seu pai fazia pouco do trabalho doméstico, mas que fazia coisas de manutenção, pintura, reforma. Com relação às atividades domésticas mesmo, o pai não se envolvia. Com isso, Fernando faz muito mais do que o pai fazia. Hoje, o pai de Fernando faz muito mais coisas em casa do que anteriormente, acredita que mais do que a mãe dele. Sobre o aprendizado desse papel, Fernando diz que, embora não tivesse o exemplo do pai fazendo o trabalho doméstico, ele nunca ouviu algo parecido com “isso é coisa de homem, aquilo é coisa de mulher”, nunca foi, para ele, algo que não pudesse fazer. Então, ao estudar mais sobre gênero, ele percebeu que já fazia o trabalho doméstico, sem perceber. Aí quando o filho nasceu, foi assumindo o cozinhar cada vez mais, chegou a descobrir que é um bom cozinheiro. Fernando diz que pertence a um nicho que não conversa muito sobre trabalho doméstico, mas tem percebido um aumento na quantidade de homens que se envolvem com os afazeres domésticos. Amigos que começaram a cozinhar, a fazer coisas em casa e que falam com naturalidade.

5.2.2. Etapa 2

Exploração ou investigação do material descrito. Nessa etapa, busca-se extrair do material a estrutura, a essência do objeto, para descrevê-lo novamente em suas partes fundamentais (Gomes, 1997):

Entrevista 1

Para o Heitor, a realização do trabalho doméstico é vista como de responsabilidade compartilhada entre todos os membros da família. O Heitor não atribui essa atividade a nenhum gênero específico, com isso não só não se sente constrangido, como incentiva outros homens a fazerem esse trabalho. Ele percebe que entre seus contatos, um grupo realiza as tarefas domésticas e outro não. O aprendizado desse papel, para o Heitor ocorreu de forma natural, com a realização desse trabalho desde sua infância.

Entrevista 2

Raul, realiza o trabalho doméstico junto com a esposa, sente-se responsável por realizar, mas considera essa atividade como uma atividade feminina. Ele gostaria de não precisar realizar esse tipo de trabalho. Só o realiza para não sobrecarregar a esposa que também desempenha atividade profissional. Vários de seus relacionamentos próximos realizam o trabalho doméstico, desde seu filho a seus cunhados, embora ele não tenha claramente essa percepção. Para Raul, o aprendizado desse papel como uma tarefa feminina ocorreu em sua família de origem, porém, ao ir para o seminário, teve que aprender a realizar as tarefas domésticas.

Entrevista 3

Thiago, deixa todo o trabalho doméstico sob responsabilidade da esposa. Ele faz algum trabalho de manutenção e, eventualmente, alguma limpeza mais pesada, como de paredes. Diz que sua contribuição é em deixar suas coisas arrumadas “em um canto”. Atribui ao seu trabalho a falta de participação nas atividades domésticas. Diz que chega exausto. Thiago entende que o trabalho doméstico deve ser feito por quem tem a menor renda, e que essa pessoa deve deixar o trabalho remunerado para cuidar da casa. Thiago percebe, em seus contatos, um aumento do trabalho doméstico masculino. Ele atribui à sua família de origem a maior parte da sua educação, com influências da esposa, dos contatos e das mídias.

Entrevista 4

Vinicius divide o trabalho doméstico com a esposa, segundo ele, de acordo com o tempo e a preferência de cada um. Ele se sente igualmente responsável pelas atividades domésticas e procura envolver os filhos, ainda pequenos, nessas tarefas. Ele tem a percepção, entre seus contatos, que há um aumento dos homens que fazem o trabalho doméstico, e que eles dão maior atenção ao cuidado dos filhos. Apesar de a família de origem ter alguém pago para realizar o trabalho, ele sempre viu o pai contribuindo com essas atividades. Acredita ter

aprendido isso com o exemplo do pai. O trabalho de limpeza mais pesado, ele aprendeu a fazer quando morou sozinho.

Entrevista 5

Luiz paga quinzenalmente uma pessoa para fazer a comida, e outra semanalmente para fazer a limpeza da casa. As atividades diárias são divididas entre ele e a esposa, de acordo com a preferência de cada um e o tempo disponível. Ele diz que tem dois grupos de amigos, um que faz o trabalho doméstico e outro que não faz. Ele relata que os amigos que não fazem, dizem que é porque não aprenderam. Ele aprendeu a fazer o trabalho doméstico na família de origem, onde todos os irmãos e irmãs tinham responsabilidades.

Entrevista 6

Fernando diz que já foi mais participativo no trabalho doméstico, e sente-se constrangido por, atualmente deixar a maior parte para sua companheira. No tempo que tem disponível, prepara as refeições e cuida da louça. Para ele, as tarefas domésticas são responsabilidade de todos os moradores da casa. Entre seus contatos, ele percebe que os homens têm cozinheiro mais. Seu aprendizado foi na família de origem, e posteriormente, com os estudos sobre gênero.

5.2.3. Etapa 3

Revelação do direcionamento da consciência do pesquisador para aquele objeto da experiência. Essa é a fase que revela o que em fenomenologia se chama de intencionalidade. Pelos processos de afeição (sentir), cognição (pensar) e conação (julgar) chega-se à experiência de acesso pelo pesquisador da intencionalidade do pesquisado (Gomes, 1997).

Entrevista 1

O Heitor é um excelente exemplo da nova masculinidade. Para ele, a responsabilidade pelo trabalho doméstico é compartilhada por todas as pessoas que habitam a residência. Badinter (1993) diz que os homens estão encurralados entre um discurso modernista e uma prática ultrapassada. Esse não é o caso do Heitor, pois tanto sua prática quanto seu discurso estão alinhados com o que Badinter chama de modernista. Sua família envolve-se inteira na execução dessas tarefas, de acordo com a capacidade de cada um e o tempo que cada indivíduo disponível. Esse modelo está de acordo com o modelo iii de Hirata (2015), o modelo de parceria.

É muito gratificante ver que existem homens pensando e agindo como o Heitor, especialmente nos momentos em que estão presentes outras pessoas, com a naturalização do trabalho doméstico realizado por ele. A forma como ele aprendeu que o trabalho doméstico não é sexuado, segundo ele mesmo, é mérito de sua mãe. Ele já é fruto de uma mulher que tem atividade profissional, e que sustentava a família. Acreditamos que, sua família de origem foi fruto do que afirma Bourdieu (2012): a pressão para que os homens participem das atividades reprodutivas ocorre em decorrência do acesso feminino aos meios produtivos. No caso do Heitor, além dessa pressão, houve a pressão da ausência do pai.

Entrevista 2

Raul traz uma ambiguidade em sua fala, ele diz que somente dois dos homens de sua família realizam trabalho doméstico, mas apresenta exemplo de vários homens realizando essas atividades. A participação masculina no trabalho doméstico é aceita em caso de necessidade familiar. Raul é um exemplo típico da visão de Bourdieu (2012) de que o homem não deve se rebaixar e realizar atividades inferiores. Ele não gostaria de realizar o trabalho doméstico, entende que é uma atividade feminina, mas considera importante a participação de sua esposa na composição da renda familiar. E, somente em decorrência desse pensamento, em razão de a esposa contribuir com a renda familiar, ele se sente responsável pela divisão das atividades domésticas. No entanto, ele realiza aquelas que entende que não vão interferir em sua masculinidade, como exemplo apresentamos como símbolo de tarefa delicada, o cuidado com a roupa, que fica a cargo de sua esposa. Sua contribuição nessa atividade, restringe-se a estender e recolher roupa do varal. Pensando nos modelos de Hirata, (2015), Raul e sua esposa oscilam entre os modelos de conciliação e de parceria. A esposa do Raul é a maior responsável pelo trabalho doméstico, embora haja parceria em determinadas tarefas. O aprendizado do trabalho doméstico e o senso de responsabilidade por este trabalho, não ocorreu em sua família de origem, ocorreu com a ida do Raul para o seminário. O modelo familiar do Raul representa a ambiguidade descrita por Santos e colaboradoras (2001), em que dizem haver uma coexistência de liberdade sexual e de valores tradicionais.

Entrevista 3

A família dThiago, segue o modelo tradicional de papéis, em que ele provê e a esposa faz o trabalho doméstico, a despeito de ela ser graduada. Ele não sente constrangimento em deixar todo o trabalho doméstico ao encargo da esposa, mas adota o discurso de que o trabalho doméstico é uma atividade relacionada, necessariamente, ao cônjuge que tem a menor renda ou

não que tem renda. Contudo, ao entrevistá-lo, senti que esse argumento é uma justificativa infundada para parecer “politicamente correto”. Seu ponto de vista mantém e admira o modelo patriarcal. Isso fica claro quando ele diz que pretende repetir o modelo adotado por seus pais na educação de seus filhos. O aprendizado desse papel, para Thiago, foi majoritariamente em sua família de origem, com exceção à atenção dispensada aos filhos. Thiago é o maior representante do modelo tradicional de família. Pensando nos modelos de Hirata (2015), A família dele apresenta claramente o modelo i, complementaridade. Esse modelo alimenta o sentimento de identidade e pertencimento de cada sexo (Bourdieu, 2012) Ele entende que um cônjuge tem que prover e o outro tem que ficar em casa. Embora não esteja explícito na fala, ele acredita que o provedor tem que ser ele, com o argumento de que sua renda é maior. Ele é engenheiro, sua esposa é publicitária e largou o emprego para se dedicar à família. Senti, durante a entrevista, que ele não estimula a esposa ao trabalho remunerado, ou que, no máximo, ela pode trabalhar desde que isso não atrapalhe suas funções domésticas. Podemos atribuir sem receio à família dThiago a fala de Birolli (2016), essa divisão não é escolha livre, é atividade pela responsabilização desigual do trabalho doméstico, contribuindo para sua perpetuação.

Entrevista 4

Para Vinícius, realizar o trabalho doméstico é algo necessário. Sua contribuição rotineira se dá majoritariamente na limpeza da cozinha, enquanto sua esposa se encarrega da roupa. A limpeza mais pesada, é dividida igualmente. Para ele, a contribuição masculina nos afazeres domésticos é tão importante quanto o engajamento profissional das mulheres. Ele entende, como diz Birolli (2016) que o trabalho doméstico é trabalho. O sentimento ao entrevistá-lo foi de sinceridade. Não estava cuidando as palavras e nem tentando responder o que nós gostaríamos de ouvir. Entendemos que sua fala e seu fazer estão levemente desalinhados, o que ele chama de preferência será mesmo? A preferência da esposa por cuidar da roupa, não seria uma falta de interesse dele pelo mesmo trabalho? Sua educação teve um caráter colaborativo, com a divisão das responsabilidades e ele reproduz esse modelo na educação dos filhos.

Entrevista 5

O modelo de divisão do trabalho da família de Luiz, é a sobreposição dos modelos iii e iv de Hirata (2015). Eles delegam as tarefas mais difíceis a outras mulheres e repartem o trabalho não contratado. As diferenças de ambos tanto na esfera profissional quanto doméstica são mínimas, corroborando a fala de Badinter (2011) de que à medida que homens e mulheres

assumem funções profissionais semelhantes, a diferença diminui. Luiz tem uma visão muito clara que o aprendizado dos papéis de gênero ocorre prioritariamente em casa. Ele deixa isso claro quando se refere aos amigos. Aqueles que aprenderam a realizar o trabalho doméstico em casa, veem isso com naturalidade e aqueles que não aprenderam, não se sentem responsáveis e usam a falta de aprendizado como pretexto para não fazerem.

Entrevista 6

A visão de Fernando é de que a atividade doméstica é tarefa de todos os membros da família. Embora ele, nesse momento de vida, realize poucas atividades domésticas, seu entendimento é diferente do entendimento de Thiago, pois ele se sente responsável e demonstra constrangimento pelo afastamento desse trabalho. O modelo familiar de divisão do trabalho, no momento, é o ii, no qual a mulher concilia a vida familiar e profissional, mas para ele o ideal é o modelo de parceria. Segundo ele, algum tempo atrás, quando ele tinha a clínica psicológica e trabalhava em uma IES, ele dividia o trabalho doméstico igualmente com a companheira. Ele percebe, entre seus contatos, um aumento dos homens no trabalho doméstico, especialmente cozinhando, o que é o caso dele atualmente. Ele atribui parte do aprendizado do papel à família de origem. Embora seu pai não participasse muito dessas tarefas, ele nunca ouviu que algum tipo de trabalho deveria ser desempenhado por um ou outro gênero. Segundo ele, seu senso de responsabilidade veio com os estudos sobre gênero. Com isso, sua visão é de que não deve haver divisão sexual do trabalho doméstico, embora na família dele isso ocorra. Ele segue o modelo da família de origem, com o pai participando pouco das atividades domésticas, mas não atribuindo essas atividades ao gênero feminino.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1. ESTUDO QUANTITATIVO

6.1.1. Avaliação das Respostas Quantitativas e Qualitativas Através de Gráficos, Tabelas e Estatística Descritiva

Para dar um panorama geral dos participantes, a tabela 1 apresenta a distribuição sociodemográfica dos 249 participantes, considerando o gênero como principal critério. A partir dessa distribuição segue as avaliações abaixo.

Tabela 1- Distribuição dos participantes por gênero

N	Mulheres Cis 159	Homens Cis 83	Homens Trans 2	Não Binário 3	Não Responderam 2
Idade	18 a 66	19 a 71	19 a 51	20 a 23	25 a 33
Branco/as	132 (83%)	63 (75,9%)	2 (100%)	2 (66,6%)	1 (50%)
Pardos/as e Pretos/as	18 (11,3%)	18 (21,7%)	0	0	1(50%)
Outras	9 (5,7%)	2 (2,4%)	0	1 (33,3%)	0
	159 (100%)	83 (100%)	2 (100%)	3 (100%)	2 (100%)
Casados/as	56 (35,2%)	36 (41,9%)	0	0	1(50%)
União Estável	31 (19,5%)	11 (13,3%)	0	0	0
Solteiros/as	58 (36,5%)	30 (36,1%)	1 (50%)	3 (100%)	1(50%)
Divorciados/as	14 (8,8%)	4 (4,8%)	1(50%)	0	0
	159 (100%)	83(100%)	2 (100%)	3 (100%)	2 (100%)
Com filhos/as	114 (71,7%)	34 (41%)	1(50%)	0	0
Com enteados	18 (11,3%)	10 (12%)	0	0	0
	132 (83%)	44 (53%)	1 (50%)	0	0
Doutorado (completo ou não)	26 (16,4%)	13 (15,7%)	0	0	1(50%)
Mestrado (completo ou não)	36 (22,6%)	15 (18,1%)	0	1 (33,3%)	0
Especialização (completa ou não)	36 (22,6%)	19 (22,9%)	1(50%)	0	1(50%)
Pós-graduados/as	98 (61,6%)	47 (56,6%)	1 (50%)	1 (33,3%)	2 (100%)
Graduação (completa ou não)	58 (36,5%)	35 (42,2%)	1(50%)	2 (66,6%)	0
Ens. Superior ¹	156 (98,1 %)	82 (98,8%)	2 (100%)	2 (66,6%)	0
Ensino médio completo	3 (1,9%)	1 (1,2%)	0	0	0
Católicos/as	42 (26,4%)	27 (32,5%)	0	0	0
Evangélicos/as	12 (7,5%)	9 (10,8%)	0	0	1(50%)
Cristãos	54 (33,9%)	36 (43,4%)	0	0	1 (50%)

N	Mulheres Cis 159	Homens Cis 83	Homens Trans 2	Não Binário 3	Não Responderam 2
Kardecistas	9 (5,7%)	3 (3,5%)	0	0	0
Muçulmanos/as	9	0	0	0	0
Matrizes Africanas	9 (5,7%)	2 (2,4%)	0	0	0
Ateístas	9 (5,7%)	10 (12%)	0	0	0
Sem religião ²	69 (43,4%)	24 (28,9%)	2 (100%)	2 (66,6%)	1 (50%)
Outras respostas	8 (5%)	8 (9,6%)	0	1 (33,3%)	0
Total não cristãos	105 (66,1%)	47 (56,6%)	2 (100%)	3 (100%)	1 (50%)

¹ Inclui graduação e todos os níveis de pós-graduação

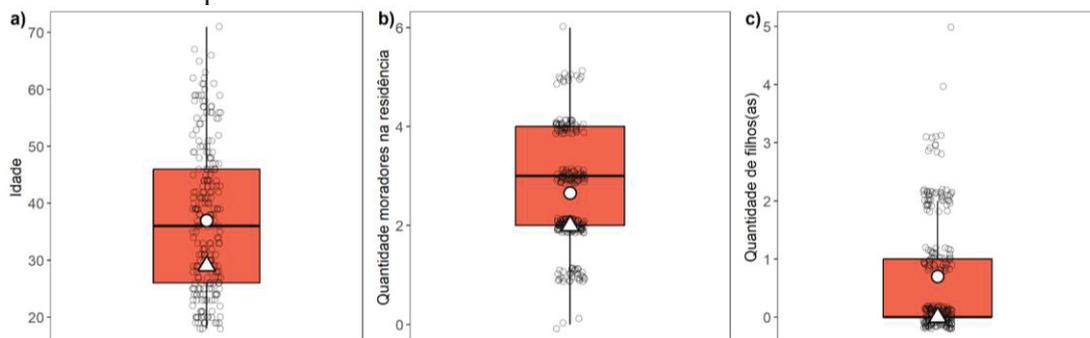
³ Inclui as respostas: “nenhuma” e “tenho fé, mas não tenho religião”

* Percentuais sobre o N de cada gênero

Fonte: Elaborado por Orengo e Holanda, 2025.

Entre as variáveis quantitativas descritoras da amostra (figura 4), a idade do participante apresentou uma distribuição ampla entre 18 (mínimo) e 71 (máximo) anos, com amplitude interquartil (AIQ = 3º quartil - 1º quartil) igual a 20 anos. A média (37 anos) e mediana (36 anos) foram bem próximas, enquanto a moda (valor mais frequente no conjunto de dados) foi inferior (29 anos). A quantidade de moradores na residência do participante variou entre 0 e 6 com AIQ igual a 2, valor que foi igual a moda. A quantidade de filhos/as foi a única das três variáveis que apresentou valores discrepantes (*outliers verdadeiros*) segundo o *bloxpot*, de 4 e 5 filhos/as (Figura 4c). A AIQ foi de 1 filho/a, enquanto a mediana e a moda foram zero filhos/as.

Figura 4- *Box and whisker plots* (min, 1º quartil, mediana, 3º quartil, máximo) das variáveis quantitativas da matriz de dados descritores da amostra.



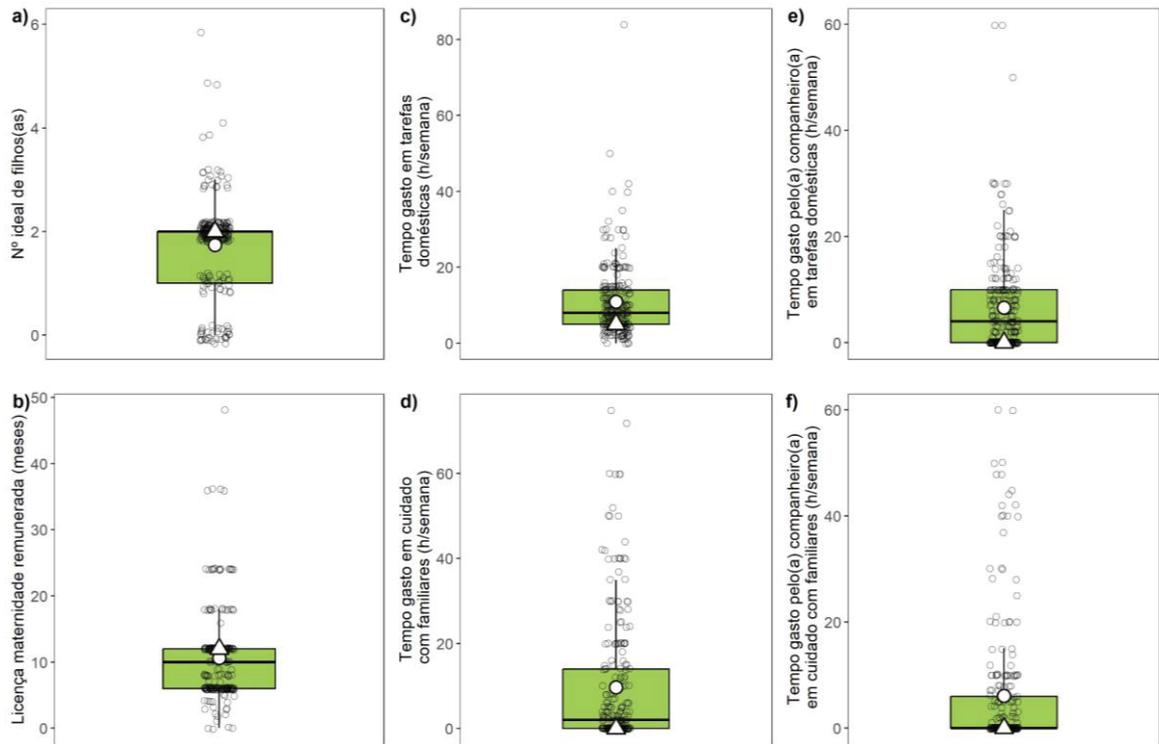
Fonte: Elaboração própria, 2025

Nota: (a) idade do participante (a), (b) quantidade de moradores na residência incluindo o participante (a), (c) quantidade de filhos/as. Círculo e triângulo brancos representam a média e a moda, respectivamente. Círculos pretos sem preenchimento representam os valores originais.

Entre as variáveis quantitativas das respostas do questionário (Figura 5), o número ideal de filhos variou entre 0 e 5 filhos/as, com AIQ de 1 filho/a, mediana e moda de 2 filhos/as. O tempo ideal de licença maternidade remunerada ficou com média e mediana de 10 meses, e moda (valor mais frequente) de 12 meses. O máximo foi de 48 meses.

O tempo gasto com atividades domésticas variou entre 0 e 84 horas por semana, com média de 10,88, mediana de 8 e valor mais frequente (moda) de 6 horas por semana. Os homens casados ou em união estável, declararam gastar 9,7h/s. Os homens solteiros ou divorciados, gastam, em média, 7,8h/s. As mulheres casadas ou em união estável, gastam, em média 13,5h/s e as mulheres solteiras ou divorciadas, 11,6h/s. Quando questionados/as em relação ao tempo gasto em atividades domésticas realizadas pelo/a companheiro/a, os valores decrescem, o máximo ficou em 60 h/s, média 6.59, mediana de 4 h/s e moda zero. Quanto ao tempo gasto em relação aos cuidados com familiares, incluindo filhos e filhas, o máximo é de 75 h/s, com média de 9,7. No entanto, a mediana reduz bastante (2 h/s) e a moda é zero. Em relação aos companheiros/as, o tempo máximo e o tempo médio reduziram, 60 e 6,1 h/s respectivamente, enquanto a mediana e a moda são zero. Os valores de mediana e moda mostram como os valores destas duas respostas, apesar dos valores máximos e médios registrados, são desviados para a esquerda em relação à média com maior proximidade ao valor zero.

Figura 5- *Box and whisker plots* (min, 1º quartil, mediana, 3º quartil, máximo) das variáveis quantitativas da matriz de dados das respostas ao questionário

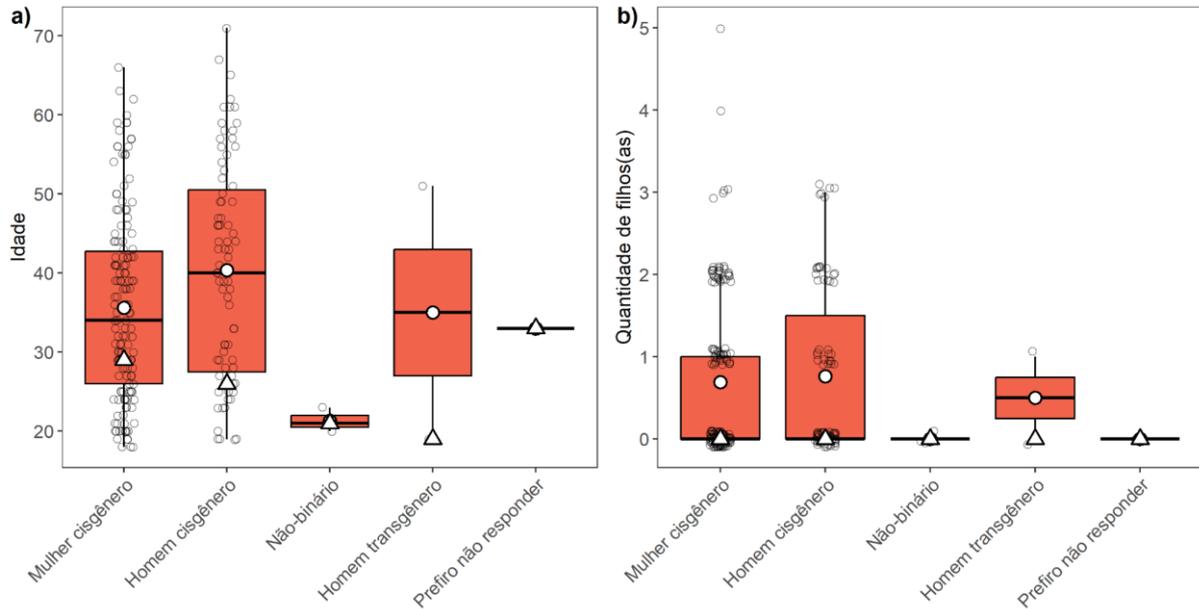


Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: (a) número ideal de filhos/as, (b) licença maternidade remunerada em meses, (c) tempo gasto em tarefas domésticas (horas/semana), (d) tempo gasto em cuidado com familiares incluindo filhos/as (horas/semana), (e) tempo gasto pelo/a companheiro/a em tarefas domésticas (horas/semana), e (f) tempo gasto pelo/a companheiro/a em cuidado com familiares incluindo filhos/as (horas/semana). Círculo e triângulo brancos representam a média e a moda, respectivamente. Círculos pretos sem preenchimento representam os valores originais.

As respostas relativas à idade dos/as participante(s) e quantidade de filhos/as foi cruzada com o gênero (Figura 6).

Figura 6- *Box and whisker plots* (min, 1º quartil, mediana, 3º quartil, máximo) das variáveis quantitativas



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: (a) idade, e (b) quantidade de filhos/as em relação ao gênero do participante. Círculo e triângulo brancos representam a média e a moda, respectivamente. Círculos pretos sem preenchimento representam os valores originais.

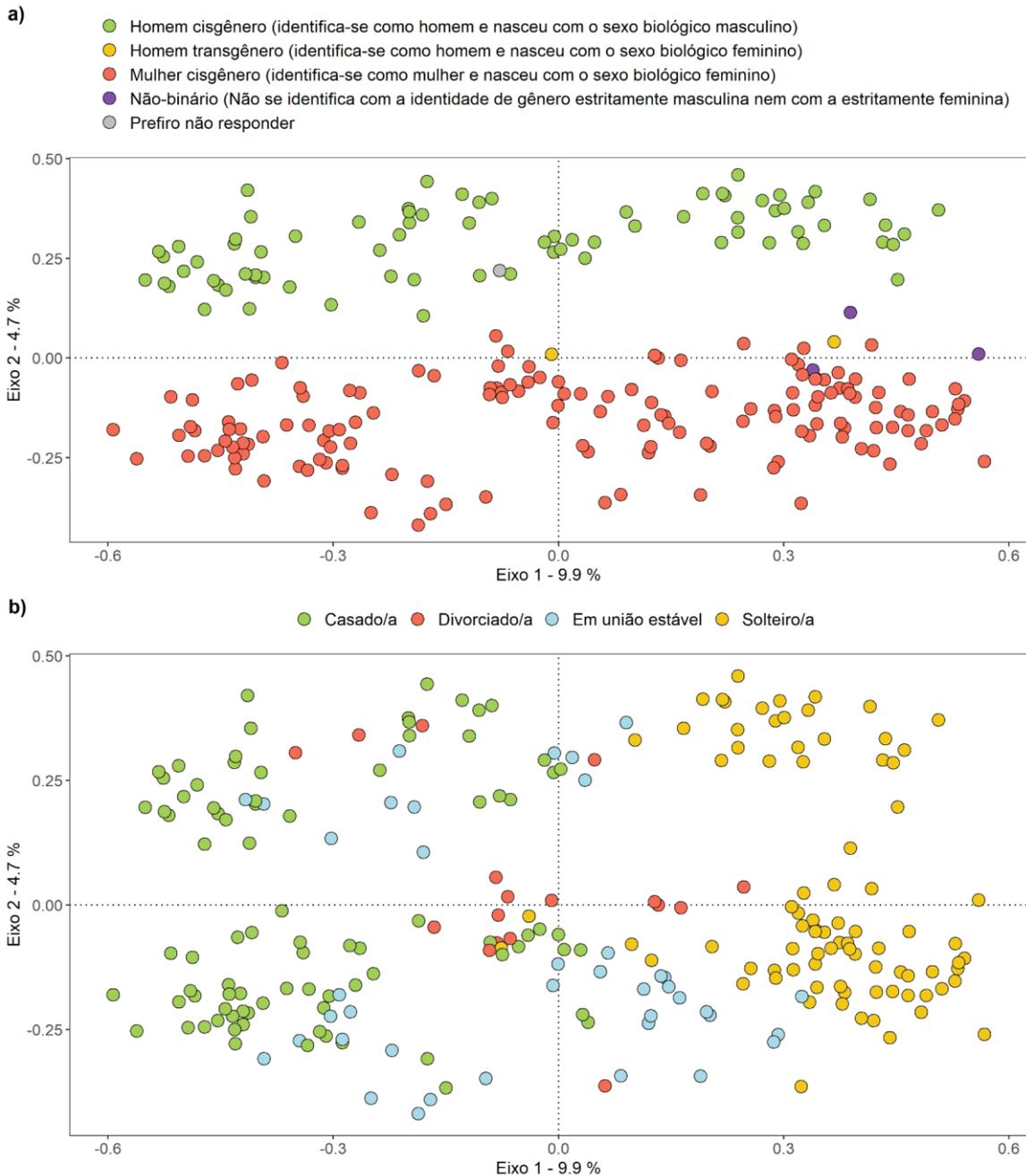
Em relação a idade, mulheres e homens cisgênero tiveram um n amostral mais relevante, 150 e 79 respectivamente. Por outro lado, os outros três níveis, “não-binário” (3), “homem transgênero” (2) e “prefiro não responder” (1), foram pouco amostrados. A idade de mulheres cisgênero variou entre 18 (mínimo) e 66 anos (máximo, com AIQ de 16.75. A média de idade ficou em 35.6 anos, com mediana próxima (34) e a moda 29 anos. Para homens cisgênero a amplitude foi maior (19 a 71 anos) e igualmente a AIQ (23 anos). Média e mediana foram praticamente iguais (40 anos), no entanto, a moda ficou bem abaixo (26 anos). A quantidade de filhos diferiu pouco entre mulheres e homens, com maior amplitude entre mulheres (0 a 5) do que entre homens (0 a 3).

6.1.2. Relações Entre Entrevistados e Entrevistadas Através da Análise Conjunta das Variáveis Descritoras da Amostra

A ordenação dos objetos (amostras) com base nos descritores das amostras, ou seja, aquelas variáveis que qualificam participantes e entrevistadas apresentou agrupamentos distintos em relação ao gênero (Figura 8a), principalmente na separação entre respostas de

homens e mulheres cisgênero, o primeiro positivamente relacionado ao eixo 2 (4.7% da variância total), enquanto o segundo negativamente relacionado ao mesmo eixo. Adicionalmente, o estado civil (Figura 7b) destacou-se na formação de grupos de amostras, em relação ao eixo 1 (9.9% da variância), com oposição entre solteiros/as e casados/as, ficando divorciados/as e àqueles em união estável localizados mais ao centro do plano fatorial.

Figura 7- Análise de ordenação (PCoA) aplicada a matriz de dados descritores da amostra

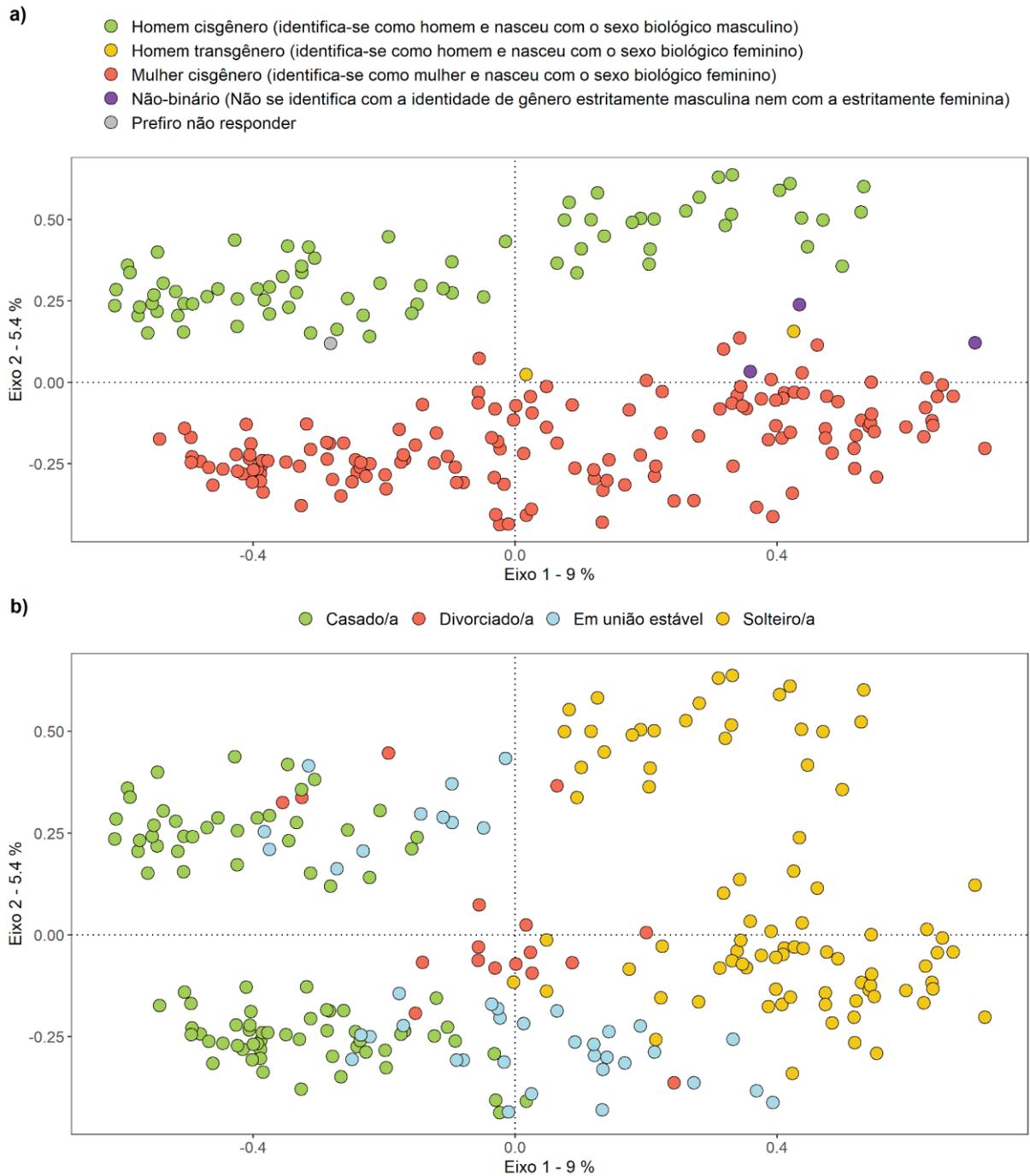


Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: Variáveis que qualificam participantes/as, associadas pela medida de Gower para dados mistos (quantitativos e qualitativos). Cores adicionadas após a ordenação com base no (a) gênero, e (b) estado civil.

O padrão se repete na ordenação realizada sobre a matriz reduzida (Figura 8), uma vez que o resultado do Procrustes/Protest apresentou correlação de 0.97, sendo as duas ordenações estatisticamente iguais ($p = 0.0001$).

Figura 8- Análise de ordenação (PCoA) aplicada a matriz reduzida de dados descritores da amostra

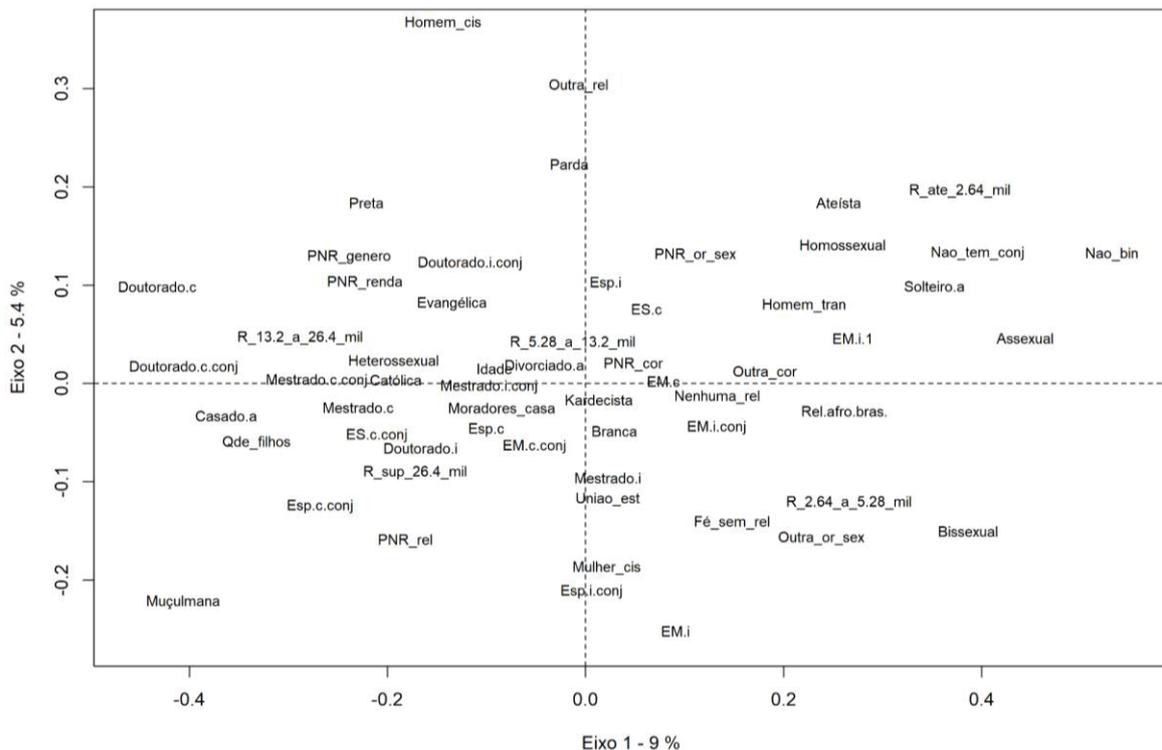


Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: Variáveis que qualificam participantes(s), associadas pela medida de Gower para dados mistos (quantitativos e qualitativos). Cores adicionadas após a ordenação com base no (a) gênero, e (b) estado civil.

O plano fatorial com a ordenação das variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas, com base na matriz reduzida dos descritores das amostras (Erro! Fonte de referência não encontrada.), evidencia o posicionamento oposto de solteiros/as e casados/as em relação ao eixo 1, enquanto homens cisgênero se posicionam em oposição de mulheres cisgênero em relação ao eixo 2. No mesmo quadrante onde se localizou o nível homens cisgênero (variável gênero) estão os níveis outras religiões, cor/raça parda e preta, religião Evangélica, doutorado incompleto ou cursando do cônjuge ou companheiro/a, heterossexuais, divorciados/as e renda entre R\$ 13.200 e R\$ 26.400. Por outro lado, próximo ao nível mulheres cisgênero foram ordenados os níveis ‘tenho fé mas não tenho religião’, renda entre R\$ 2.640 e R\$ 5.280, união estável, bissexual e outra orientação sexual, ensino médio (ou colegial) incompleto e mestrado incompleto, e ainda especialização incompleta do cônjuge ou companheiro/a.

Figura 9- Plano fatorial com as variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas (códigos na Tabela S1) resultante da ordenação (PCoA) aplicada a matriz reduzida de dados descritores da amostra



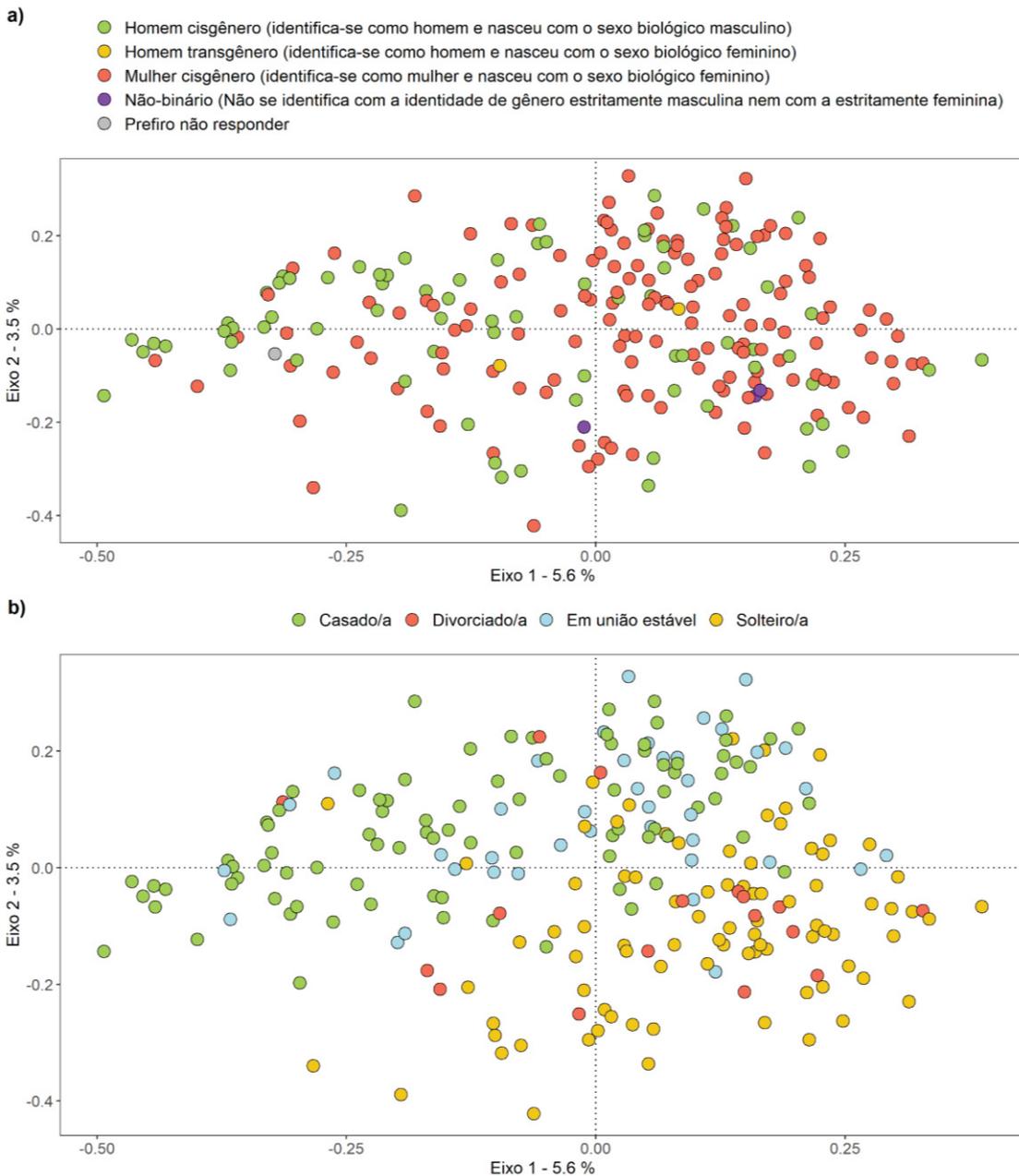
Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: Variáveis que qualificam participantes(s). As amostras foram associadas pela medida de Gower para dados mistos

6.1.3. Relações Entre Entrevistados e Entrevistadas Através da Análise Conjunta das Respostas do Questionário

A PCoA que ordenou os objetos (participantes) com base nas respostas ao questionário, não apresentou agrupamentos distintos em relação ao gênero (Figura 10a). No entanto, a separação manteve-se entre respostas de casados/as e solteiros/as, mesmo que com alguma sobreposição entre respostas (Figura 10b). A maior parte da variância foi retida no eixo 1 (5.5%) enquanto o eixo 2 reteve 3.7% da variância total.

Figura 10- Análise de ordenação (PCoA) aplicada a matriz das respostas do questionário, associadas pela medida de Gower para dados mistos (quantitativos e qualitativos). civil.



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: Cores adicionadas após a ordenação com base no (a) gênero, e (b) estado.

A PCoA das variáveis resultante das respostas do questionário (Figura 12 a 14), ordenou as 6 respostas (variáveis) quantitativas e as 64 respostas (níveis) das 27 variáveis qualitativas. Na região mais extrema do primeiro quadrante, quando eixos 1 e 2 são positivos, se localizaram pessoas que concordam que uma mãe que exerce atividade profissional consegue estabelecer uma relação afetuosa e segura com seus filhos tanto quanto uma mãe que não exerce atividade profissional (1, Figura 11a); que mulheres e homens devem assumir igualmente as responsabilidades em relação ao lar e a família (37, Figura 12b); concordam plenamente que um casal viva juntos sem ter a intenção de se casar (73, Figura 12c); discordam plenamente que um pai solo pode criar sozinho um(a) filho/a tão bem quanto um casal (86), e também discordam plenamente que um casal de mulheres (92) ou um casal de homens (98) pode criar um filho(a) tão bem quanto um casal de homem e mulher (Figura 12d).

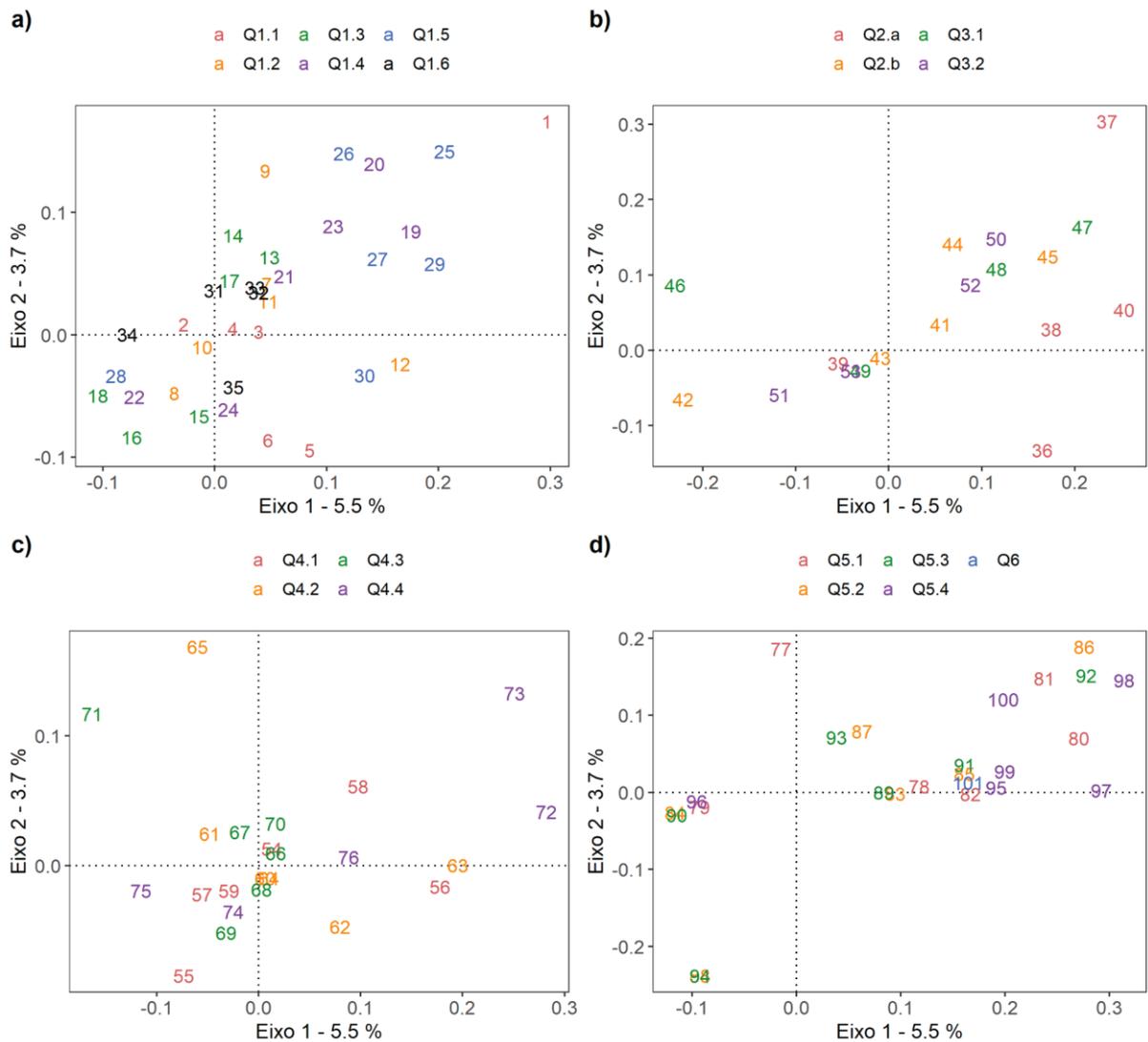
Neste quadrante ainda se localizam as respostas que afirmaram que principalmente a mãe (130) ou principalmente o pai (131) é quem deve tentar desempenhar o papel de modelo para o/a filho/a de 5 anos de idade (Figura 12a); que concordam que a mãe deve tirar a maior parte do período de licença remunerada e o pai deve tirar a menor parte (135, Figura 12b); e que a família deve ser o principal responsável por cobrir os custos dos cuidados infantis com crianças abaixo da idade escolar (157, Figura 12c). Ainda neste quadrante, pessoas que não se consideram nem felizes e nem infelizes (291), e que se consideram relativamente felizes (293) com sua vida em um aspecto geral (Figura 13c); que consideram que mulheres e homens são igualmente adequados para ocupar um cargo de Ministério de um Governo (297, Figura 13d).

Em oposição, no terceiro quadrante, quando os eixos 1 e 2 são negativos, se localizaram participantes(s) que discordam plenamente (Figura 11a) que é ruim para a família quando a mulher tem um emprego em tempo integral (16), que trabalhar é bom, mas o que a maioria das mulheres realmente quer é um lar e filhos (22), que ser dona de casa é tão gratificante quanto exercer atividade profissional (28); que afirmam que as mães são um pouco mais adequadas para cuidar dos filhos (42, Figura 11b); que discordam plenamente que um casal possa viver juntos sem ter a intenção de se casar (75, Figura 11c). Neste quadrante ainda estão associadas às pessoas que responderam que (Figura 12a) mãe e pai igualmente podem prover financeiramente a família (102) e tomar conta dos filhos/as diariamente (107); que seria menos desejável o pai ficar em casa sem trabalho remunerado e a mãe trabalha em período integral (146, Figura 12b); que membros da família (162), ONGs (163) e prestadores de serviços

especializados (165) devem ser o principal responsável por ajudar idosos/as, que moram sozinhos, em atividades diárias (e.g. compras de mercado, limpeza da casa, lavar a roupa etc.) (Figura 12c).

No extremo do segundo quadrante (eixo 1 negativo e eixo 2 positivo), menos respostas se localizaram (Figura 13), como as que indicaram que sempre o/a participante é a pessoa que cuida de familiares doentes (200), e que sempre faz a limpeza doméstica (214); que várias vezes por semana chega cansado/a demais no trabalho para ser produtivo/a em função das tarefas domésticas (237, Figura 13b); que são relativamente infelizes (294) e próximos os/as completamente felizes (288) em relação à sua vida (Figura 14c). No lado oposto do quarto quadrante (eixo 1 positivo e eixo 2 negativo) se associaram os/as que admitem que fazem um pouco menos trabalho doméstico do que considera justo (227), que nunca (230) voltaram para casa cansados/as demais para realizar as tarefas domésticas que precisavam ser realizadas (Figura 14b) e os/as que uma ou duas vezes se sentiram assim (231). Neste extremo do quadrante ainda se localizaram as respostas que afirmam que o/a cônjuge ou parceiro/a foi muito mais envolvido/a na educação de filhos e filhas (363) e as respostas que admitem que o/a cônjuge ou parceiro/a foi um pouco mais envolvido/a (364, Figura 13f).

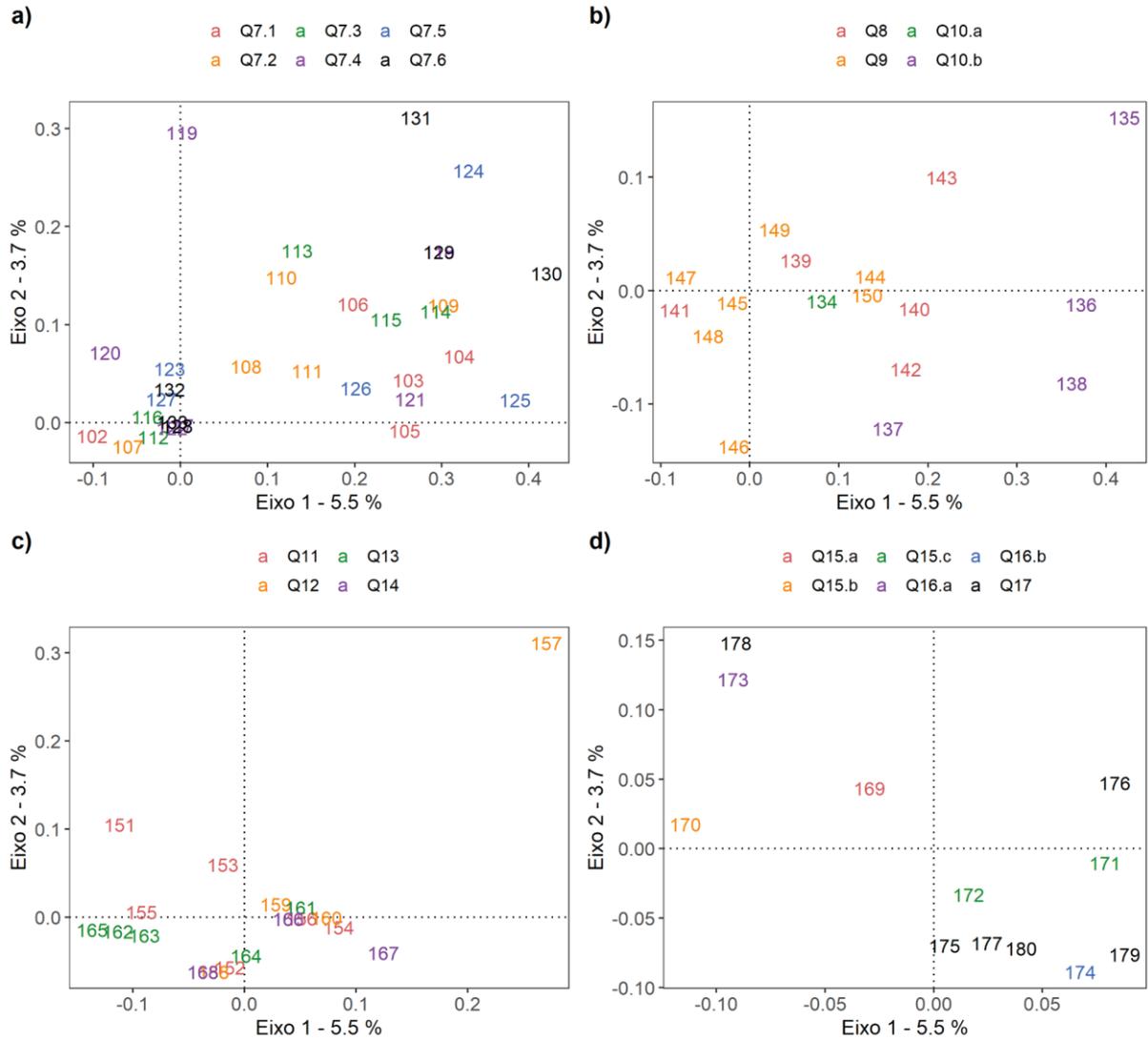
Figura 11- Plano fatorial com as variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas (códigos na Tabela S2) resultante da ordenação (PCoA) aplicada a matriz das respostas do questionário



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: As amostras foram associadas pela medida de Gower para dados mistos (quantitativos e qualitativos): a) questão 1, b) questões 2 e 3, c) questão 4, d) questões 5 e 6.

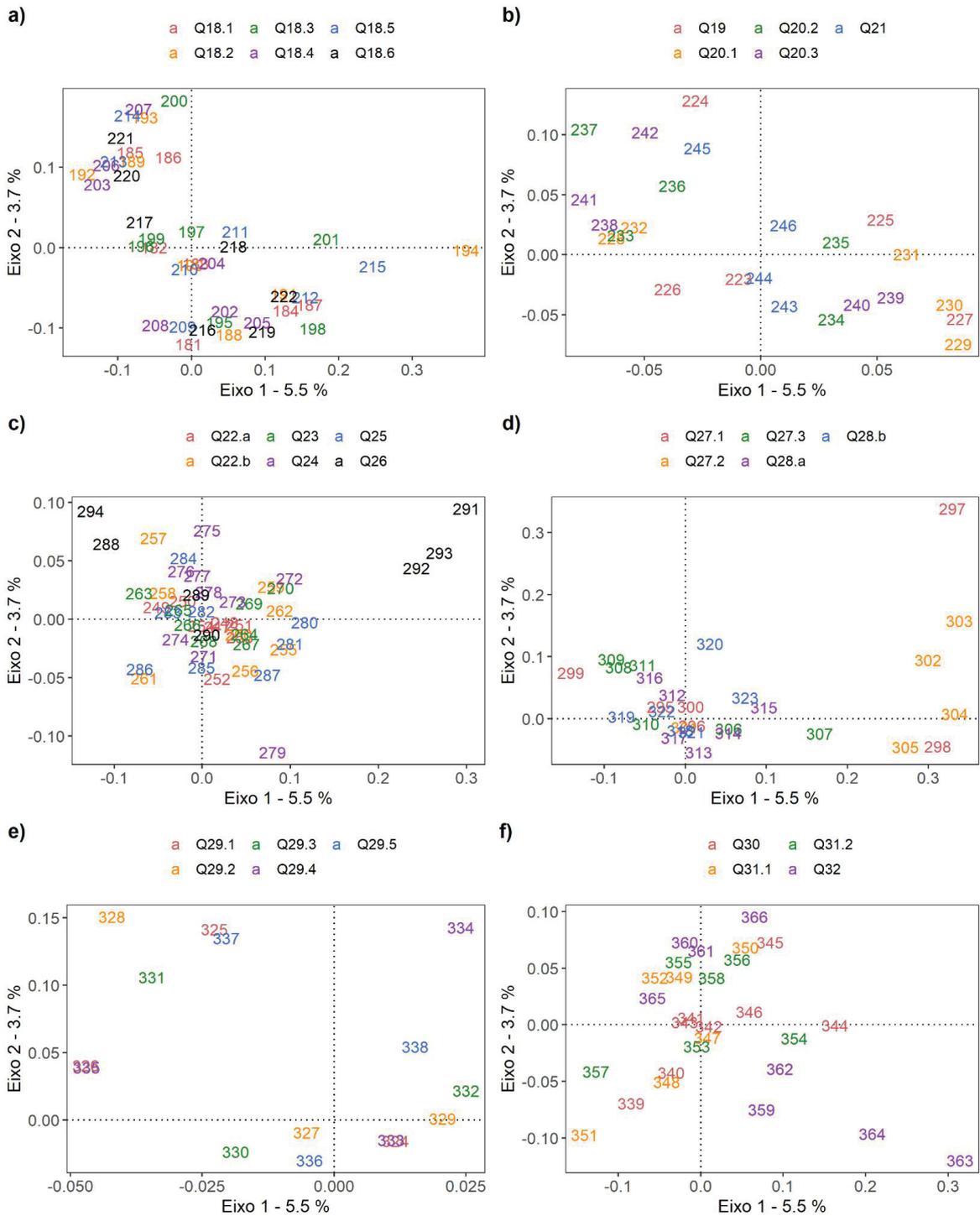
Figura 12- Plano fatorial com as variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas (códigos na Tabela S2) resultante da ordenação (PCoA) aplicada a matriz das respostas do questionário



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: As amostras foram associadas pela medida de Gower para dados mistos (quantitativos e qualitativos): a) questão 7, b) questões 8 a 10, c) questões 11 a 14, e d) questões 15 a 17.

Figura 13- Plano fatorial com as variáveis quantitativas e níveis das variáveis qualitativas (códigos na Tabela S2) resultante da ordenação (PCoA) aplicada a matriz das respostas do questionário



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: As amostras foram associadas pela medida de Gower para dados mistos (quantitativos e qualitativos): a) questão 18, b) questões 19 a 21, c) questões 22 a 26, d) questões 27 e 28, e) questão 29, e f) questões 30 a 32.

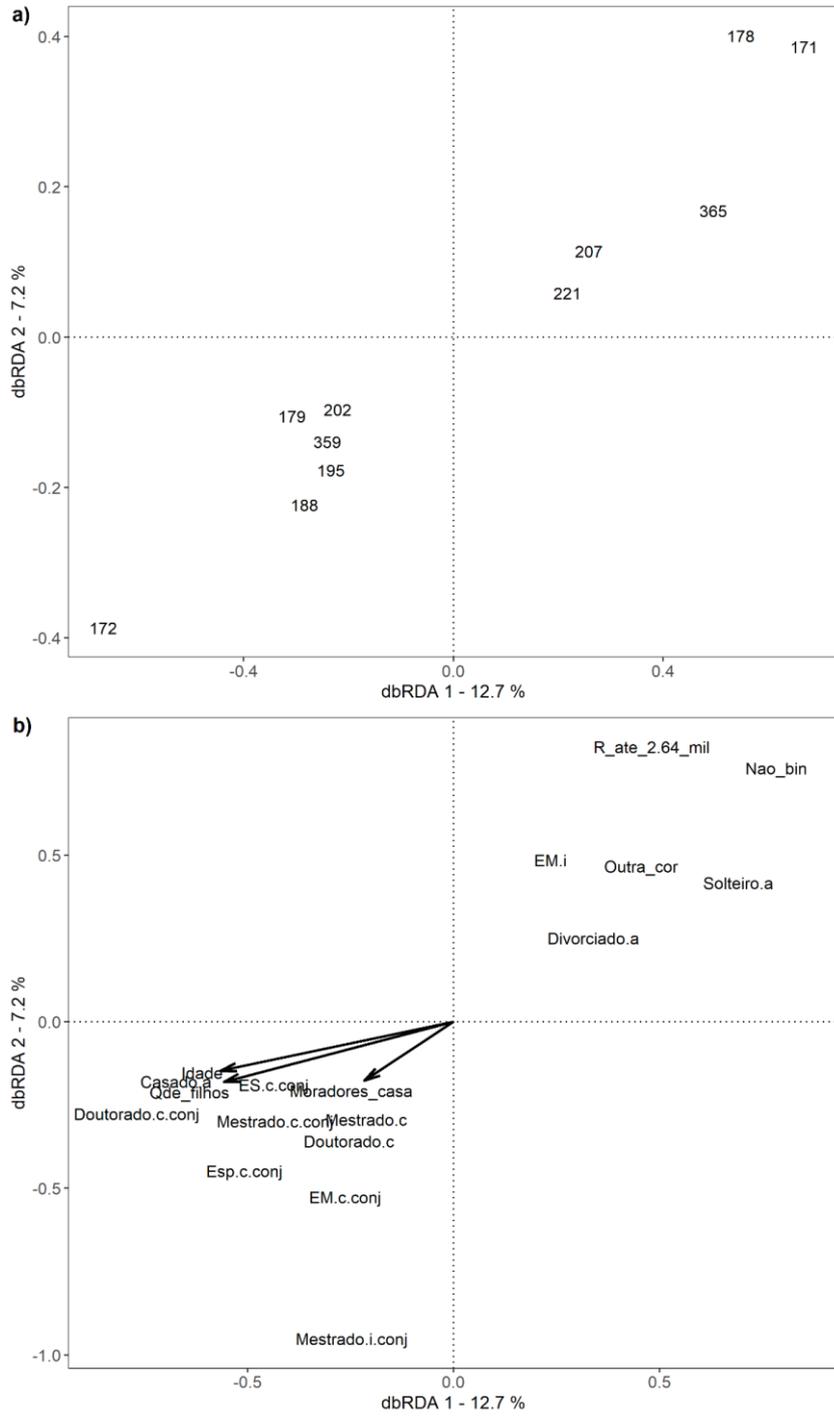
6.1.4. Influência das Variáveis de Caracterização das Amostras nas Respostas dos Questionários dos/as participantes

As características dos participantes explicaram 27.6% da variância da matriz de respostas do questionário (22.7 de variância explicada do total de 82.3), e a relação entre as duas matrizes foi significativa segundo o teste de hipóteses ($F = 1.3275$; $p = 0.001$). As variáveis resposta e explicativa exibidas no plano fatorial (Figura 14) se destacaram em relação ao lado positivo dos eixos dbRDA 1 (12.7% da variância explicada) e dbRDA2 (7.2% da variância explicada). Em oposição, um segundo grupo de amostras se destacou no quadrante negativo dos dois eixos canônicos.

Àqueles/as participantes que não moram com cônjuge ou companheiro/a (171); e que não tem cônjuge ou companheiro/a para dividir a renda (178); e que sempre fazem as atividades de compras no mercado (207) e preparo de refeições (221); e que não se aplicavam em relação à contribuição na educação de filhos e filhas (365) (Figura 15a), se associaram às características (variáveis explicativas) gênero não binário; renda até R\$ 2.640,00; solteiros e solteiras; outra cor ou raça, ensino médio incompleto; e divorciados/as (Figura 14b).

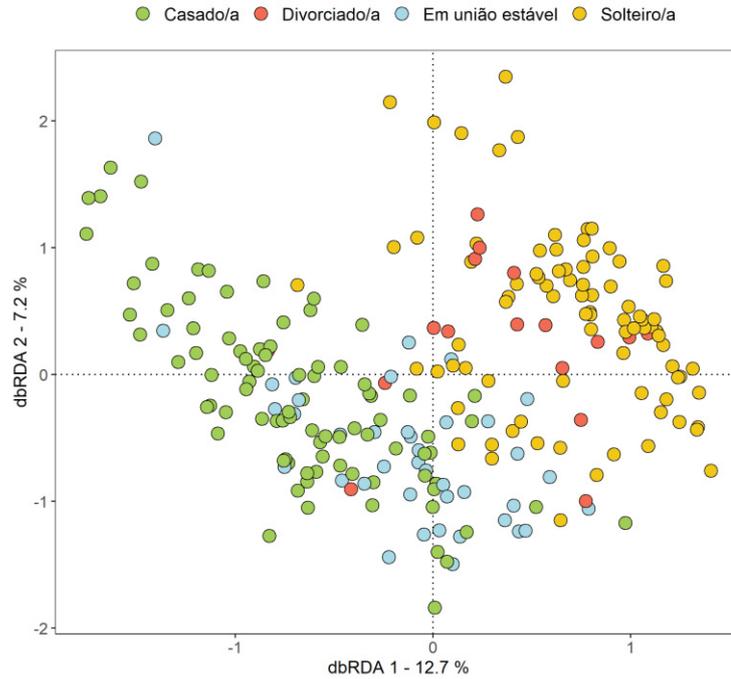
Por outro lado, participantes que moram com cônjuge ou companheiro/a (172); que juntam todo o dinheiro e cada um faz retiradas de acordo com a necessidade (179); que dividem igualmente ou fazem juntos atividades de planejamento e organização de atividades sociais e familiares (188), cuidados com familiares doentes (195), e compras no mercado (202); e que estiveram igualmente envolvidos/as na educação de filhos e filhas (359) (Figura 14a), se associaram à casados/as; com mais idade; maior quantidade de filhos e moradores/a na residência; com ensino médio completo e pós-graduação incompleta ou completa (Especialização, Mestrado e Doutorado) do participante e companheiro/a (Figura 14b). A ordenação das amostras com cores adicionadas *a posteriori* em relação ao estado civil, confirma a oposição entre solteiros e solteiras e divorciados/as, localizados mais ao lado positivo dos eixos dbRDA1 e dbRDA2, enquanto casados e casadas e participantes em união estável localizam-se majoritariamente no lado negativo do plano fatorial (Figura 15).

Figura 14- Resultado da Análise de Redundância baseada em distâncias (dbRDA)



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Figura 15- Ordenação dos participantes classificados com cores de acordo com o estado civil



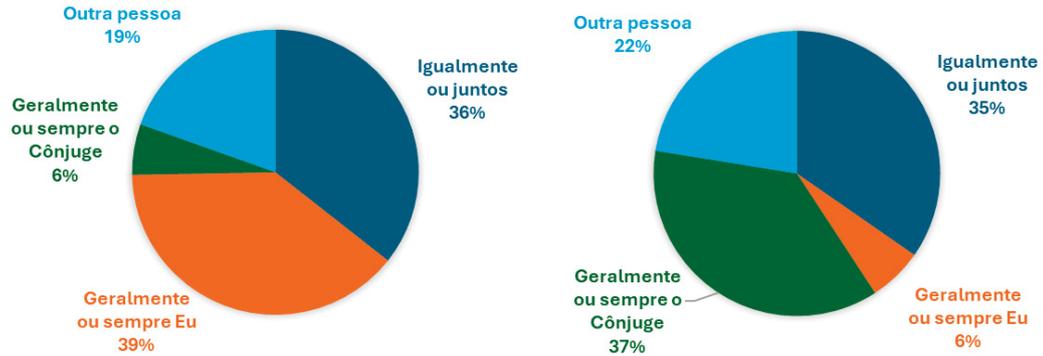
Fonte: Elaboração própria, 2025.

Os/as participantes casados ou em união estável, apresentaram respostas diferentes relativas ao gênero quanto à participação no trabalho doméstico. Com relação à limpeza doméstica (Figura 16), 35% dos homens e 36% das mulheres declaram realizar juntos ou dividem igualmente o trabalho com seu/sua cônjuge. Declaram que é *sempre* ou *quase sempre eu* que realiza a limpeza, 39% das mulheres e 6% dos homens. Dizem que é *sempre* ou *quase sempre o/a cônjuge* 37% dos homens e 6% das mulheres. 22% dos homens e 19% das mulheres declaram que outra pessoa realiza a atividade.

Com relação ao cuidado com a roupa (Figura 17, considerando homens e mulheres casados ou em união estável, 53% das mulheres assinalaram *sempre* ou *quase sempre eu*. Para a mesma resposta, assinalaram 16% dos homens. A opção *sempre* ou *quase sempre o/a cônjuge* foi assinalada por 51% dos homens e 12% das mulheres. 21% dos homens e 25% das mulheres dizem que realizam juntos ou dividem igualmente a atividade. E 10% das mulheres e 12% dos homens disseram que quem cuida da roupa é outra pessoa.

Figura 16- Quem faz a limpeza doméstica
Quem faz a limpeza doméstica

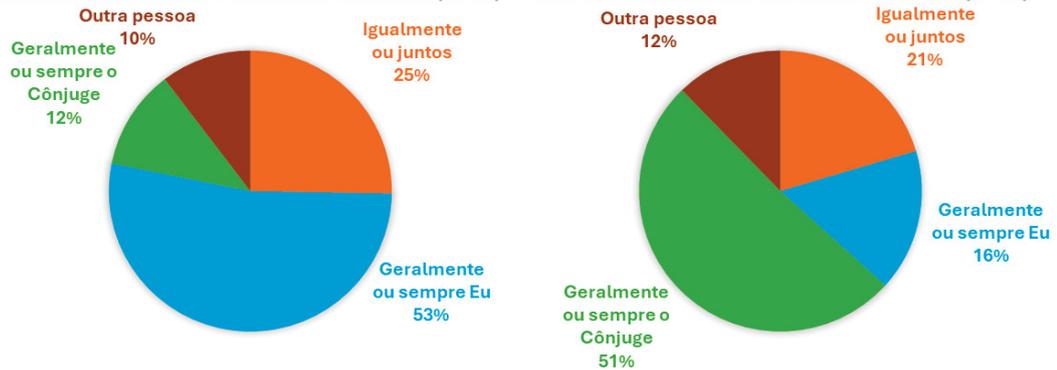
MULHER CASADA OU EM UNIÃO ESTÁVEL (N=87) HOMEM CASADO OU EM UNIÃO ESTÁVEL (N=49)



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Figura 17- Quem cuida da roupa
Quem cuida da roupa

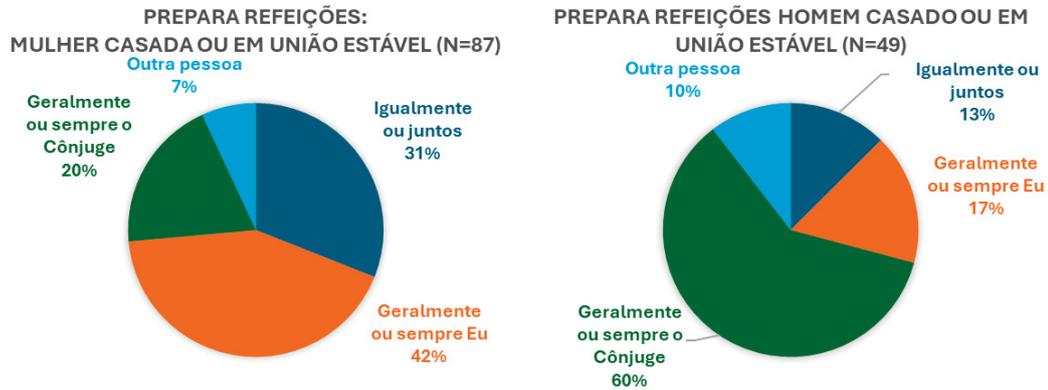
MULHER CASADA OU EM UNIÃO ESTÁVEL (N=87) HOMEM CASADO OU EM UNIÃO ESTÁVEL (N=49)



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Sobre *quem prepara as refeições* (Figura 18), ainda considerando o público casado ou em união estável, teve a opção *sempre* ou *quase sempre eu* respondida por 42% das mulheres e 20% dos homens. *Sempre* ou *quase sempre o/a cônjuge*, foi assinalada por 60% dos homens e 20% das mulheres. Outra pessoa é responsável para 7% das mulheres e 10% dos homens.

Figura 18- Quem prepara as refeições
Quem prepara as refeições



Fonte: Elaboração própria, 2025.

6.1.5. Análise e Conclusão

Era nossa intenção atingir um público mais representativo da sociedade, com participantes de nível acadêmico variado, e com uma amostra maior. Porém, entendemos que, a despeito dessa adversidade, os objetivos foram alcançados. A limitação, com o tamanho da amostra respondente, foi de não conseguirmos traçar um perfil social representativo do Brasil, que pudesse vir a ser comparado aos perfis de outros países que utilizam o mesmo instrumento. Porém, considerando que o foco do estudo é o desempenho do papel masculino em âmbito doméstico, acreditamos ter conseguido traçar um perfil que está alinhado com a literatura, no que corresponde ao viés de mudança. Este público é o descrito por Beauvoir (1987), Hirata e Santos e colaboradoras (2001), Kergoat (2007), Badinter (2011), Bourdieu (2012), Hirata (2015), Birolli (2016) e Garcia e Marcondes (2022) como homens e mulheres com formação superior, e homens cujas esposas estão inseridas no mercado profissional qualificado, como sendo o público que está provocando as alterações no ambiente doméstico.

O público estudado, homens e mulheres com formação superior, independente do estado civil, dedicam, em média, 10,9 h/s no trabalho doméstico (8,9 h/s para os homens e 12,6 h/s para mulheres). Comparando com dados recentes do IBGE (2021), que apontam 11 h/s para os homens e 21,4 h/s para as mulheres, notamos que nossos dados embora discrepantes com a estatística média nacional, corroboram o que as fontes acima mencionadas indicam, afirmando que as mulheres diplomadas realizam menos trabalho doméstico que as não diplomadas. Também destacamos que a diferença entre o trabalho doméstico masculino e o feminino é menor do que a média nacional. Ainda, indicando que a formação acadêmica é um fator que

merece destaque, os homens participantes dessa pesquisa também realizam menos trabalho doméstico que os apontados pelo IBGE (2021).

Quando associamos o critério casado/a ou em união estável, nossos números apresentam uma pequena variação na média, com cerca de uma hora a mais por semana, tanto para homens quanto para mulheres. Há concordância na percepção de quem realiza as tarefas, com o peso pendendo para a mulher em todos os casos estudados: quem cuida da roupa, cozinha e faz a limpeza da casa. Flávia Birolli (2016) afirma que a divisão do trabalho tem caráter estruturante, o que molda e limita as possibilidades de ação, definindo o fazer masculino e o feminino de maneira dual. Nosso estudo aponta que a participação feminina no trabalho doméstico continua sendo maior que a masculina, o que entendemos que indique a forte estrutura de divisão sexual do trabalho, especialmente o doméstico. No entanto, ainda que seja estruturante, a divisão do trabalho vem sofrendo alterações, como apontam Santos e colaboradoras (2001), com a crescente profissionalização feminina. Esse aumento na profissionalização feminina, Beauvoir atribui ao crescente desprestígio da figura feminina de *dona de casa* (Beauvoir, 1987). Nosso estudo, aponta que há um percentual maior de mulheres graduadas e pós-graduadas que homens na mesma condição. Para Beauvoir (1987), a mulher se sente lisonjeada quando está em pé de igualdade com o homem. Com isso, a participação mais ativa do homem no espaço doméstico (Garcia; Marcondes, 2022) vem aumentando, ainda que lentamente.

Outro fator interessante é a delegação do trabalho doméstico. Acreditamos que nossos números corroboram o que aponta Hirata (2015): o trabalho doméstico, nesses casos (alta escolaridade) é delegado a mulheres contratadas para esse fim. Como essa informação não foi objeto do questionário, não a temos. Contudo, apuramos que o trabalho é realizado por outra pessoa (que não o/a participante ou seu/sua cônjuge) em cerca de 20% (19% para as mulheres e 22% para os homens) com relação à limpeza doméstica, 10% (10% para as mulheres e 12% para os homens) no cuidado com a roupa e perto de 10% (7% para as mulheres e 10% para os homens) do preparo das refeições. Sabemos que aqui não há espaço para suposições, o que nos deixa sem resposta sobre quem realiza essas funções. Essas atividades podem ser realizadas por outros familiares, outras pessoas que residem junto ou pessoas ou empresas contratadas para esse fim.

Apresentamos nesta seção, uma análise detalhada das variáveis quantitativas e relacionadas aos participantes, explorando características como idade, número de filhos, tempo dedicado a atividades domésticas e respostas a questionários sobre questões familiares e sociais. A idade média dos participantes foi de 37 anos, com a moda situada em 29 anos. O tempo dedicado às atividades domésticas apresentou diferenças marcantes entre os gêneros, com

mulheres investindo mais horas semanais que os homens. Quanto ao número de filhos, a maioria dos participantes possui poucos filhos, sendo que as discrepâncias foram mais evidentes entre mulheres e homens.

Os dados também evidenciam diferenças relevantes de comportamento e responsabilidades com base no gênero e estado civil. Mulheres cisgênero mostraram maior envolvimento em tarefas domésticas e cuidado com filhos, enquanto homens relataram menor contribuição. O estado civil foi outro fator influente, indicando que casados/as apresentaram maior colaboração em algumas atividades domésticas quando comparados aos solteiros/as.

A análise conjunta das respostas e variáveis revelou padrões distintos entre os grupos de gênero e estado civil. Solteiros/as e casados/as demonstraram respostas opostas em várias questões, evidenciando valores culturais predominantes sobre a divisão de responsabilidades no lar e licenças maternidade/paternidade. Além disso, enquanto as mulheres assumem mais frequentemente tarefas como limpeza, cuidado com a roupa e preparo de refeições, os homens tendem a delegar essas atividades às parceiras ou a terceiros.

Outro ponto relevante da análise é a influência das variáveis de caracterização nas respostas aos questionários. Aspectos como estado civil, renda e escolaridade explicaram aproximadamente 27,6% da variância nas respostas, mostrando que fatores socioeconômicos afetam diretamente a dinâmica familiar e doméstica. Solteiros/as e pessoas com menor renda demonstraram padrões de envolvimento menores em comparação aos casados/as, destacando desigualdades na divisão de tarefas e responsabilidades.

De forma geral, os resultados reforçam as disparidades de gênero na realização de atividades domésticas e no cuidado familiar, enquanto destacam a importância das condições sociais e econômicas na definição dessas dinâmicas.

6.2. ESTUDO QUALITATIVO

Como resultado do estudo qualitativo desta tese, podemos destacar que os entrevistados, realizam o trabalho doméstico e se sentem responsáveis por esse trabalho. Para eles, a divisão de tarefas ocorre, geralmente, com relação ao tempo disponível e à preferência individual de cada membro. No entanto, os entrevistados que falaram que dividem o trabalho, relataram que sua participação se dá, preferencialmente na cozinha. Eles cozinham, lavam a louça e limpam a cozinha, enquanto suas esposas e companheiras cuidam da roupa. A limpeza da casa, aparece mais distribuída, com o homem tendendo a realizar as tarefas que consideram mais pesadas. Esses dados tem semelhança com a atribuição sexual de habilidades e tarefas, a que Birolli

(2016) se refere. Os estudos de Birolli se concentram na divisão entre atividades produtivas e reprodutivas, mas notamos, em nossos estudos, que, até mesmo quando o homem realiza atividades reprodutivas, existe uma atribuição distinta ao que eles e suas companheiras fazem.

Os entrevistados, corroboram os dados de Garcia e Marcondes (2022), que apontam para um processo de mudança na participação masculina nos trabalhos reprodutivos, e com Santos e colaboradoras (2001), que destacam como a crescente profissionalização feminina provoca mudanças no ambiente doméstico. Destacamos o modelo do Raul como exemplo do que Santos e colaboradoras (2001) indicam como predomínio da ambiguidade, em que há uma maior liberdade sexual, no caso, uma participação igualitária no trabalho doméstico, mas com uma afirmação dos valores tradicionais como modelo ideal. Para legitimar sua participação nas atividades domésticas, os argumentos são diversos: alguns entrevistados afirmam que esse trabalho deve ser responsabilidade compartilhada entre todos os membros da família, realizado por quem tem mais tempo disponível e respeitando as preferências individuais. Outro, atribui à mulher a responsabilidade principal pelo trabalho doméstico, embora reconheça a importância da atividade profissional da esposa e, por isso, sintam-se parcialmente responsáveis. Ainda outro, considera o trabalho doméstico como responsabilidade de quem possui menor ou nenhuma renda, reproduzindo um modelo tradicional no qual o homem se dedica exclusivamente à atividade profissional, enquanto a mulher assume tanto o trabalho doméstico quanto o cuidado prioritário dos filhos.

Nas entrevistas que realizamos, aparecem claramente três dos modelos de divisão sexual do trabalho indicados por Hirata (2015), o *modelo tradicional*, em que o homem é provedor e a mulher é cuidadora dos espaços domésticos; o *modelo de parceria*, no qual homens e mulheres repartem as tarefas domésticas, representando uma suposta igualdade de condições entre os cônjuges; e o *modelo de delegação*, no qual são contratadas outras pessoas (mulheres) para a realização das atividades domésticas. Essa constatação corrobora, da mesma forma, o que Bourdieu (2012) e Badinter (2011) declararam em seus textos, de que a formação acadêmica, especialmente a feminina, e o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, são fatores determinantes de pressão também na esfera privada. Essas mulheres, questionadoras da ordem “natural” da divisão do trabalho, estão conseguindo romper o círculo de dominação masculina (Bourdieu, 2012). Essa transformação que inicia, segundo Bourdieu (2012) na esfera pública, tem suas consequências na esfera privada e nos modelos dos papéis masculino e feminino.

A importância da família de origem no aprendizado do papel masculino apareceu em todas as entrevistas. Os entrevistados que se sentem responsáveis pelo trabalho doméstico

relatam que aprenderam isso naturalmente, realizando essas atividades em casa. O entrevistado que não realiza o trabalho doméstico, diz, ele mesmo, que reproduz o modelo patriarcal, embora o chame assim, da família de origem. Já, o entrevistado que realiza o trabalho doméstico, mas gostaria de não se sentir responsável, diz que, tal como aprendeu na família de origem, o ideal é que as mulheres realizam esse trabalho.

Trazemos para reflexão, agora, a posição de Badinter (1993), quando afirma que, na masculinidade hegemônica, o “homem de verdade”, viril, tem que provar constantemente sua masculinidade para outros homens. Nossos entrevistados, com as duas exceções da qual já falamos, estão fora desse padrão, não se sentem menos homens por desempenharem funções anteriormente identificadas como femininas. Eles sentem-se, ao contrário, homens mais completos, mais livres com relação ao desempenho de papéis. Identificam-se com a alcunha atribuída por Badinter (1993) de “novo homem”, que não se reconhece mais na virilidade do passado, e não repudia a masculinidade, mas assume sua responsabilidade em todas as esferas de suas vidas.

É evidente o papel da família no desenvolvimento desses homens, seja por meio da participação masculina nos afazeres domésticos, seja pela mudança de discurso que inclui o homem como parte ativa no trabalho doméstico. Observa-se que, tanto na presença de um pai que assume essas tarefas quanto na ausência de um pai na formação, o papel da família na construção do masculino é destacado por todos os entrevistados como essencial. Compreendemos, portanto, que, para alcançar uma sociedade igualitária, em que homens e mulheres desempenhem de forma natural tanto atividades produtivas quanto reprodutivas, é fundamental incentivar as famílias a compartilharem essas responsabilidades entre todos os seus membros.

Outro ponto de destaque das entrevistas, é que os entrevistados percebem que os homens estão mais envolvidos no trabalho doméstico do que as gerações anteriores. Destacamos dois relatos de homens que assumiram a totalidade do trabalho doméstico. Esses dois casos têm em comum, que as mulheres conseguiram renda maior do que a dos homens, em condições de prover exclusiva ou majoritariamente a casa. Esses relatos estão alinhados com as pesquisas de Louro (2000) e outros pesquisadores, que destacam que as transformações sociais e culturais desde os anos 1960 têm levado a uma redefinição dos papéis de gênero. A crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e as mudanças nas composições familiares têm contribuído para que os homens assumam mais responsabilidades domésticas. No entanto, essa realidade ainda é uma exceção. Ainda prevalece a ideia que os homens *ajudam* no trabalho doméstico, em vez de serem igualmente responsáveis (Carvalho & Melo, 2019). Badinter (2011) também

contribui para essa discussão ao destacar que, embora haja uma pequena minoria de homens que escolhem investir no trabalho doméstico, a maioria ainda está focada em suas carreiras profissionais.

CONCLUSÃO

Esta tese oferece contribuições significativas para o cenário acadêmico brasileiro. Primeiramente, destaca-se a adaptação do questionário *Family and Changing Gender Roles V*, um instrumento que avalia as mudanças nos papéis de gênero ao longo das décadas em diversos países, e que ainda não tinha representação brasileira. Além disso, registra-se academicamente a percepção dos homens sobre o sentido do trabalho doméstico e a atribuição de aprendizado desse papel.

Apesar de a amostra do questionário não ser representativa da população brasileira, conseguimos realizar a adaptação. Os dados obtidos mostram que mulheres ainda dedicam mais tempo ao trabalho doméstico e ao cuidado com filhos, enquanto homens contribuem menos. O estado civil e a renda também afetam a divisão de responsabilidades, com casados/as apresentando maior colaboração em comparação a solteiros/as. A análise aponta que variáveis como idade, renda e escolaridade explicam parte das diferenças nas respostas, evidenciando desigualdades estruturais nas relações familiares.

Os resultados do estudo qualitativo revelam um cenário de transição na divisão do trabalho doméstico, com avanços no envolvimento masculino, embora ainda marcado por resquícios de papéis tradicionais de gênero. A maioria dos entrevistados demonstram um senso de responsabilidade compartilhada pelo trabalho doméstico, enxergando-o como parte de uma nova identidade masculina que valoriza a igualdade. O impacto da família de origem e dos modelos culturais é evidente, tanto na perpetuação de valores tradicionais quanto na adoção de práticas igualitárias.

Um destaque significativo do estudo qualitativo é a atribuição de aprendizado dos papéis de gênero. Os entrevistados atribuíram à família de origem o principal fator de aprendizagem desses papéis, seguido de fatores referentes à obrigação de realizar o trabalho em outras circunstâncias. Para a construção de uma sociedade igualitária, é vital olhar para o aprendizado informal dos papéis durante o desenvolvimento infantil e juvenil. As entrevistas mostraram que exemplos, narrativas e deveres atribuídos às crianças são fatores primordiais de aprendizado. A presença ou ausência do pai no trabalho doméstico não é fator determinante para o aprendizado do papel masculino com relação ao trabalho doméstico. A distribuição de afazeres entre os filhos resultaram em homens que realizam o trabalho doméstico e se sentem responsáveis por ele.

Com isso, conseguimos concluir que, considerando a população de nível superior, o homem tem a percepção de que o trabalho doméstico é de sua responsabilidade. a participação masculina no trabalho doméstico depende de olhar e discurso igualitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese traz contribuições importantes para o cenário acadêmico brasileiro. Primeiramente, a adaptação do questionário *Family and Changing Gender Roles V*, um instrumento que avalia as mudanças nos papéis de gênero ao longo das décadas em diversos países, e que ainda não tinha representação brasileira. Não menos importante, o registro acadêmico da percepção de sentido do trabalho doméstico por homens, e a atribuição de aprendizado desse papel.

O objeto desse estudo foi a participação masculina no trabalho doméstico, e como os homens acreditam terem aprendido a desempenhar ou não esse papel. A motivação para esse tema surgiu pela observação empírica de contatos familiares e de amigos próximos e da observação da representação de gêneros em filmes e comerciais. O interesse acadêmico surgiu com relutância, após o contato com estudos de gênero. No início do doutoramento, não era intenção entrar nessa seara, o que acabou ocorrendo com uma certa naturalidade, à medida que líamos sobre os possíveis temas a serem escolhidos. Com o tema final definido, traçamos os objetivos do trabalho, e a metodologia a ser seguida. Desta forma, e com vários desvios no caminho, chegamos ao tema e ao trabalho que aqui se encontra.

Entendemos que esta tese é composta de dois estudos distintos, sendo um quantitativo, com o objetivo de identificar a participação de cada gênero no trabalho doméstico. Para isso, optamos por traduzir e adaptar um instrumento internacional para uso no Brasil, o que por si só já daria um estudo à parte. E um estudo qualitativo, utilizando o método fenomenológico para conseguirmos compreender o significado do trabalho doméstico para os homens com formação superior, e a atribuição do aprendizado desse papel.

A despeito da amostra que respondeu ao questionário não ser representativa da população brasileira, conseguimos realizar a adaptação. Os dados obtidos apresentam disparidades nas respostas por gênero e a influência de fatores socioeconômicos na dinâmica familiar e doméstica. Mulheres dedicam mais tempo ao trabalho domésticas e ao cuidado com filhos, enquanto homens contribuem menos. O estado civil e a renda também afetam a divisão de responsabilidades, com casados/as apresentando maior colaboração em comparação a solteiros/as. A análise também aponta que variáveis como idade, renda e escolaridade explicam parte das diferenças nas respostas aos questionários, evidenciando desigualdades estruturais nas relações familiares. Ficamos satisfeitos com o resultado, uma vez que, como esperávamos, não houve variação significativa entre as respostas dentro dos mesmos grupos. O tamanho da amostra desse estudo impede que os resultados sejam generalizáveis na população. Ao mesmo

tempo, reflete um viés social de homens e mulheres brancos e graduados. Optamos por descrever o comportamento da maioria dos participantes em detrimento dos poucos, porém representativos divergentes para podermos aprofundar os dados sobre este viés da população. Ainda, ao optarmos por adaptar um instrumento, ao invés de construirmos um próprio para nosso fim, temos a limitação do próprio instrumento, que deixa de fora algumas questões que seriam interessantes para nosso estudo, bem como, este instrumento apresenta questões que para nós são irrelevantes.

O estudo qualitativo, por sua vez, teve como limitação a dificuldade em agendar as entrevistas. Entrevistamos pouco mais da metade das pessoas que gostaríamos. No entanto, acreditamos ter alcançado a riqueza de modelos que gostaríamos. As questões da entrevista foram elaboradas com base nos objetivos. Com certeza, se fosse possível recomeçar, traçaríamos algumas rotas diversas. Mas, de qualquer maneira, temos convicção que as limitações aqui expostas não invalidam os resultados obtidos. Pelo contrário, os resultados obtidos falam de grupos específicos, e sobre esses grupos falam muito.

Os resultados deste estudo revelam um cenário de transição na divisão do trabalho doméstico, com avanços no envolvimento masculino, embora ainda marcado por resquícios de papéis tradicionais de gênero. A maioria dos entrevistados demonstra um senso de responsabilidade compartilhada pelo trabalho doméstico, enxergando-o como parte de uma nova identidade masculina que valoriza a liberdade e a igualdade. Ainda assim, o impacto da família de origem e dos modelos culturais é evidente, tanto na perpetuação de valores tradicionais, quanto na adoção de práticas igualitárias pelos entrevistados. Esses dados corroboram as perspectivas de Badinter (1993) e Bourdieu (2012), ao indicar que transformações sociais e profissionais na vida das mulheres têm repercussões significativas na redefinição dos papéis masculinos no espaço doméstico. Assim, o “novo homem” emerge como uma figura que, ao desempenhar funções historicamente associadas às mulheres, não apenas desafia estereótipos de gênero, mas também redefine o significado da masculinidade em um contexto contemporâneo.

Destaque significativo do estudo qualitativo refere-se à atribuição de aprendizado dos papéis de gênero. Todos os entrevistados atribuíram à família de origem o principal fator de aprendizagem desses papéis, seguido de fatores referentes à obrigação de realizar o trabalho em alguma outra circunstância. Consideramos que, para a construção de uma sociedade igualitária, é de vital valor a importância olharmos para o aprendizado informal dos papéis durante o desenvolvimento infantil e juvenil. Vimos, por meio de nossas entrevistas que, os exemplos, as narrativas e os deveres atribuídos às crianças durante seu desenvolvimento são os fatores

primordiais de aprendizado. A presença do pai realizando o trabalho doméstico, a presença do pai que não realiza o trabalho doméstico, mas cuja família não atribui essa tarefa ao gênero feminino, a ausência do pai com a consequente distribuição dos afazeres pela mãe entre os filhos, são três modelos distintos de aprendizagem que resultaram em homens que se realizam o trabalho doméstico e se sentem responsáveis por ele. Consequentemente, mais do que uma receita de educação em uma ou outra direção, salientamos que o que se há de ter é um olhar e um discurso igualitário. Quer seja para a participação feminina no trabalho produtivo, quer seja para a participação masculina no trabalho reprodutivo.

Seria uma grande pretensão considerar o trabalho acabado. O fim de uma pesquisa aponta sempre o começo de outra. Nesse sentido, entendemos que uma futura aplicação do questionário por nós traduzido para um público mais abrangente e representativo do cenário brasileiro será de imensa valia em termos sociais. Da mesma forma, sugerimos um olhar mais amplo para o desempenho masculino no trabalho doméstico, pois, até mesmo na literatura que trata questões de gênero, esse tema fica tangenciado. Sugerimos, talvez a nós mesmos, a possibilidade de outros recortes com essa mesma amostra, com base na religião, na idade, na região do país etc. Deixamos o questionamento de como poderia ser possível acessar o ambiente doméstico para contribuir com a educação de uma sociedade igualitária.

Em síntese, este estudo contribuiu para uma melhor compreensão do papel sexual em ambiente doméstico, oferecendo evidências relevantes. Apesar das limitações discutidas, os resultados obtidos fornecem subsídios importantes para futuras investigações e para a formulação de práticas educativas familiares. Assim, esperamos que este trabalho sirva como um ponto de partida para debates e avanços que promovam maior igualdade de gênero, tanto na esfera pública como na doméstica, reafirmando a importância da participação masculina na construção de um futuro mais igualitário.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares. Mudaram os tempos; mudaram as mulheres? Memórias de professoras do Ensino Superior. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 557-580, 2012.
- AMÂNCIO, Lígia; WALL, Karin. Família e Papeis de Gênero: Alguns dados recentes do Family ad Gender Srvey (ISSP). In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 2004.
- AMARAL, Grazielle A. Os Desafios da Inserção da Mulher no Mercado de. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG**, v. 2, n. 13, 2012.
- ARAGÃO, J. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. **Revista Práxis**, v. 6, pp. 59-62, 2011. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/566/528>. Acesso em 12 jan. 2025.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Tradução de Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BALLINGS , M; VAN DEN POEL, D. dummy: Automatic Creation of Dummies with. In **CRAN.R-project.org**, 2015. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=dummy>. Acesso em 12 jan. 2025.
- BEATON, D. et al. Recommendations for the cross-cultural adaptation of the DASH & QuickDASH outcome measures. In **Institute for Work & Health**, Toronto, 2007.
- BEAUVOIR, Simone. Infância. In: _____ **O segundo sexo 2: A experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, pp. 13-76.
- BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **DADOS - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, 59, n. 3, pp. 719-754, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Fernando L. Inversões do papel de gênero: "drag queens", travestismo e transexualismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 421-430, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300017>

CARVALHO, Julia B.; MELO, Mônica Cristina. A família e os papéis de gênero na adolescência. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>

COLCERNIANI, Claudia B.; D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; CAVAS, Cláudio S. T. A participação das mulheres no mercado de trabalho sob a perspectiva da teoria da justiça social de Nancy Fraser e dos conceitos relativos ao trabalho decente. **Cad. psicol. soc. trab.**, v. 18, n. 2, 2015. 169-180.

COLLING, Ana M.; TEDESCHI, Losandro A.; [Orgs]. **Dicionário crítico de gênero**. 2ª. ed. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

CRAN.Rproject.org, 2022. Disponível em: <https://CRAN.Rproject.org/package=vegan>.

CRAN.R-project.org, 2023. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=gpubr>.

DEL PRIORI, Mari. **A História das Mulheres no Brasil**. 9ª. ed. Contexto, 2008.

DESSEN, Maria A.; LEWIS, Charlie. Como estudar "a família" e "o pai"? **Paideia**, Ribeirão Preto, 8, n. 14-15, 1998, pp. 105-121.

DOUTOR, Catarina; ALVES, Natália. Formação experiencial e aprendizagem biográfica: refletir para atribuir sentidos às experiências? **Educação e Pesquisa**, v. 48, 2022.

FÁVERO, Maria H. **Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações**. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FORTES, Clarice P. D. D.; ARAÚJO, Alexandra P de Q. F. Check list para tradução e Adaptação Transcultural de questionários em saúde. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 2, 2019, pp. 202-209.

FUNARI, Pedro P. **Grécia e Roma**. Brasil: Contexto, 2002.

GARCIA, Bruna C.; MARCONDES, Glaucia D. S. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. **Rev Bras. Est. Pop.**, v. 39, pp. 1-20, 2022.

GOMES, William B. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. **Psicologia USP**, v. 8, n. 2, 1997.

GONÇALVES, Susana. **Teorias da aprendizagem, práticas de ensino**. Coimbra: ESEC, Edição policopiada, 2007.

GOWER, J. P. A general coefficient of similarity and some of its properties. **Biometrics**, 1971.

HAKIM, Catherine. **Escolhas de estilo de vida profissional no século 21: teoria da preferência**. MIT Press, 2000.

HEILBORN, Maria L.; RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. APRENDER – **Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, v. XXI, n. 20, pp. 9-21, 2018.

HIRATA, Helena. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

HIRATA, Helena. **Mudanças e permanências nas desigualdades de Gênero**: divisão sexual numa perspectiva comparativa. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, v. 7, 2015.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, pp. 595-609, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmndsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 fev. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: população residente, por sexo, idade e forma de declaração da idade. In: **IBGE** (Online). Sidra: sistema IBGE, 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero**: Uma análise do Censo Demográfico 2010. Brasil, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>. Acesso em 20 mar. 2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas**: Informação demográfica e socioeconômica, v. 38, n. 2, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em 20 mar. 2025.

ISSP - INTERNACIONAL SOCIAL SURVEY PROGRAMME. About ISSP. In **Issp** (Online). Disponível em: <https://issp.org/about-issp/>. Acesso em 12 mar. 2024.

ISSP - INTERNATIONAL SOCIAL SURVEY PROGRAMME. Family and Gender Changing Roles V. n **Issp** (Online), 2022. Disponível em: https://issp.org/wp-content/uploads/2023/12/ISSP2022_final-source-questionnaire.pdf. Acesso em 12 mar. 2024.

ISSP - INTERNATIONAL SOCIAL SURVEY PROGRAMME. Family and Gender Changing Roles: Data and documentation. In **Issp** (Online). Disponível em: <https://www.gesis.org/en/issp/data-and-documentation/family-and-changing-gender-roles#:~:text=The%20ISSP%20Family%20and%20Changing%20Gender%20Roles%20modules%20mainly%20deal,support%2C%20household%20management%20and%20partnership>. Acesso em 12 mar. 2024.

ISSP - RESEARCH GROUP. International Social Survey Programme: ISSP 2012 – **Family and Changing Gender Roles IV**: Study Monitoring Report, 2016.

ISSP - RESEARCH GROUP. International Social Survey Programme: ISSP – **Family and Changing Gender Roles V**: Source questionnaire., 2021. Disponível em: https://issp.org/wp-content/uploads/2023/12/ISSP2022_final-source-questionnaire.pdf.

ISSP - RESEARCH GROUP. **Modules by year, 2024**. Disponível em: <https://issp.org/data-download/by-year/>.

ISSP - RESEARCH GROUP. Portugal ISSP 2012 – **Family and Changing Gender Roles IV**: Questionnaire, 2012.

JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**, v. 24, n. 1, p. 373-382, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300005>.

KASSAMBARA, A. **Based Publication Ready Plots**. R package, 2023.

KEINUBING, Neusa D.; SARAIVA, Maria do Carmo; FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes. A dança no Ensino Médio: Reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 24, n. 1, p. 71-82, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/vdX5TG9F3cCkz4vLzxSF5VF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 22 dez. 2024.

LALIBERTÉ E, E; LEGENDRE, P. A **distance-based framework for measuring functional**. Ecology, 2010.

LE GOFF, Jacques. **Uma história do corpo na idade média**. Tradução de Marcos Flaminio Perez. Brasil: Civilização Brasileira, 2006.

LEGENDRE, P.; LEGENDRE, L. **Numerical Ecology**. 3ª. ed. Londres: Elsevier, 2012.

LOURO, Guacira L. **O corpo educado**. 2ª. ed. Brasil: Autêntica, 2000.

MARCOLINO, Clarice; GALASTRO, Elisabeth P. As visões feminina e masculina acerca da participação de mulheres e homens no planejamento familiar. **Rev. Latino-americana de Enfermagem**, v. 9, n. 3, p. 77-82, 2001.

MINAYO, Maria C. D. S. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 33, n. suppl. 01, pp. 83-91, 2009. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbem/v33s01/v33s01a09.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

OKSANEN, J et al. [vegan: Community Ecology Package]. R package version 2.6-4.

OOMS, J. **_writexl: Export Data Frames to Excel 'xlsx' Format**. R package version. CRAN.R-project.org, 2023. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=writexl>.

PATTINSON, Rob; HUNT, Bem. THE PITS Hypocrisy of F1 bosses raking in cash from glam sponsors while banning grid girls. In **The Sun**, 2018. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/news/5480549/hypocrisy-of-f1-bosses-raking-inglam-sponsors-while-banning-grid-girls-cash-from>. Acesso 12 abr. 2024.

PEREIRA, Rosângela S.; SANTOS, Daniele Almeida dos; BORGES, Waleska. A Mulher no Mercado de Trabalho. In **Anais da II Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Universidade Federal do Maranhão, 2005.

PODANI, J. **Extending Gower's general coefficient of similarity to ordinal characters**. Taxon, 1999.

POMBO, Mariana F. Estrutura ou dispositivo: como (re)pensar a diferença sexual hoje? **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019.

ROCHA-COUTINHO, Maria L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 2-17, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a02.pdf>. Acesso em 13 mai. 2024.

ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia e Saúde**. Rio de Janeiro: Medsi, 2003.

SANTOS, Carine V. M. D.; GOMES, Isabel Cristina. The L Word – Discussões em torno da parentalidade lésbica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, pp. 101-115, 2016.

SANTOS, Ivanilza E. D.; DIAS, Cristina M. D. S. B. Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. **Aletheia**, n. 1, pp. 98-110, 2008.

SANTOS, Michele C.; CALDANA, Regina Helena Lima; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. O papel masculino dos anos quarenta aos noventa: transformações no ideário. **Paideia**, v. 20, pp. 57-68, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, pp. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em 20 mar. 2024.

TURATO, E. G. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VASQUES, Gabriela. Veja 10 números que explicam as eleições de 2024. In **CNN Brasil** (30 out 2024, online). Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/eleicoes-2024-numeros/>. Acesso em 12 jan. 2025.

WAGNER, Adriana et al. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 2, pp. 181-186, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000200008>.

WAGNER, Adriana; TRONCO, Cristina; ARMANI, Amanda Borgert. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In: WAGNER, Adriana *Desafios Psicossociais da Família Contemporânea*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 19-35.

WICKHAM, H; BRYAN, J. `_readxl: Read Excel Files_`. R package version 1.4.3. CRAN.R-project.org, 2023. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=readxl>.

WICKHAM, H. *ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis*. New York: pringer-Verlag, 2016.

ZAR, J. H. **Biostatistical Analysis**. 5ª. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2010.

ANEXOS

Anexo 1- Family and Changing Gender Roles V

SOURCE QUESTIONNAIRE

ISSP 2022

August 27, 2021

Family and Changing Gender Roles V

Drafting group:

India

[Gaura Shukla, Aakansha Bariar & Shaleja Mahajan]

Slovakia

[Miloslav Bahna & Roman Džambazovic]

Sweden {Convenor}

[Jonas Edlund & Ida Öun]

Thailand

[Thawilwadee Bureekul, Lertporn Udompong & Ratchawadee Sangmahamad]

Turkey

[Ali Çarkoğlu & Ersin Kalaycıoğlu]

& one expert from Switzerland

[Stephanie Steinmetz]

New questions = (N)
 Repeat questions = (R)

Repeat questions have original question numbers for 2012 and 1988 in brackets.

General note: in this source-questionnaire, which is designed to be in self-completion format, note that whenever “/” is used in question wording, “/” should be read-out as “or” in interview-mode.

“TN” refers to “translation note” and is supposed to help questionnaire designers translating the British English questionnaire into national language(s).

R 1 (2012:1a-e, 2b)

To begin, we have some questions about women.

To what extent do you agree or disagree...?

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		Strongly agree	Agree	Neither agree nor disagree	Disagree	Strongly disagree	Can't choose
a	A working mother can establish just as warm and secure a relationship with her children as a mother who does not work.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
b	A pre-school child is likely to suffer if his or her mother works.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
c	All in all, family life suffers when the woman has a full-time job.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
d	A job is all right, but what most women really want is a home and children.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
e	Being a housewife is just as fulfilling as working for pay.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
f	A man's job is to earn money; a woman's job is to look after the home and family.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8

TN: 1e: “Fulfilling” means “satisfying” and NOT “time consuming”, “important”, etc.

N 2a

People have different opinions about how much responsibility women and men should have for the home and family. Which of the following statements comes closest to your opinion?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- Women should take much more responsibility 1
- Women should take somewhat more responsibility 2
- Women and men should take equal responsibility 3
- Men should take somewhat more responsibility 4
- Men should take much more responsibility 5
-
- Can't choose -8

N 2b

People have different opinions about how well mothers and fathers are suited to look after their children. Which of the following statements comes closest to your opinion?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- Mothers are much better suited 1
- Mothers are somewhat better suited 2
- Mothers and fathers are equally suited 3
- Fathers are somewhat better suited 4
- Fathers are much better suited 5
-
- Can't choose -8

R 3 (slightly modified 2012: 3a, 3b)

Do you think that women should work full-time, part-time or not at all under the following circumstances?

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		Work full-time	Work part-time	Stay at home	Can't choose
a	When there is a child under school age.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> -8
b	After the youngest child starts school.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> -8

TN: The translation of the category "Stay at home" should convey the notion of not working for pay.

R 4 (2012: 7b, 7e; 4b, 4c)

To what extent do you agree or disagree ...?

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		Strongly agree	Agree	Neither agree nor disagree	Disagree	Strongly disagree	Can't choose
a	Having children interferes too much with the freedom of parents.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
b	Having children increases people's social standing in society.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
c	People who want children ought to get married.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
d	It is all right for a couple to live together without intending to get married.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8

TN 4b: "Social standing" might be rendered by "social respect", "social status" (but not economic) or "prestige".

R 5 ([c, d from 2012: 5 b, c] [a, b from 1988: 5 g, h])

Children grow up in different kinds of families. To what extent do you agree or disagree with the following statements?

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		Strongly agree	Agree	Neither agree nor disagree	Disagree	Strongly disagree	Can't choose
a	A single mother can bring up her child as well as a married couple.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
b	A single father can bring up his child as well as a married couple.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
c	A same sex female couple can bring up a child as well as a male-female couple.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
d	A same sex male couple can bring up a child as well as a male-female couple.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8

R 6 (2012: 6) All in all, what do you think is the ideal number of children for a family to have?

PLEASE WRITE THE NUMBER IN THE BOX

--	--

N 7

Please consider a family with a father and a mother raising a child who is five years old. In your opinion, which parent should do the following? Who should ...

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		The mother mostly	The mother somewhat more than the father	The mother and father equally	The father somewhat more than the mother	The father mostly	Can't choose
a (N)	... provide for the family financially?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
b (N)	... take care of the child on a daily basis?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
c (N)	... play with the child, and take part in his/her leisure activities?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
d (N)	... teach the child how to behave?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
e (N)	... take time to listen to and advise the child if he/she has problems?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
f (N)	... try to be a role model for the child?	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8

R 8 (2012: 8)

Consider a couple who both work full-time and now have a new born child. One of them stops working for some time to care for their child.

Do you think there should be paid leave available and, if so, for how long?

PLEASE ENTER THE NUMBER OF MONTHS
OR TICK THE BOX

Yes, months

No, there should be no paid leave 0 → Go to R 10a

TN: "Paid leave" can include paid maternity, paid paternity, and paid parental leave.

PLEASE ANSWER QUESTION R 9 IF YOU ARE IN FAVOUR OF PAID LEAVE.
OTHERWISE GO TO R 10a

R 9 (2012: 10)

Still thinking about the same couple, if both are in a similar work situation and are eligible for paid leave, how should this paid leave period be divided between the mother and the father?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- The mother should take the entire paid leave period and the father should not take any paid leave. 1
- The mother should take most of the paid leave period and the father should take some of it. 2
- The mother and the father should each take half of the paid leave period. 3
- The father should take most of the paid leave period and the mother should take some of it. 4
- The father should take the entire paid leave period and the mother should not take any paid leave. 5
-
- Can't choose -8

TN: "Paid leave" can include paid maternity, paid paternity, and paid parental leave.

FOR ALL

R 10a (2012: 11a)

Consider a family with a child under school age. What, in your opinion, is the best way for them to organise their family and work life?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- The mother stays at home and the father works full-time. 1
- The mother works part-time and the father works full-time. 2
- Both the mother and the father work full-time. 3
- Both the mother and the father work part-time. 4
- The father works part-time and the mother works full-time. 5
- The father stays at home and the mother works full-time. 6
-
- Can't choose -8

TN: "Under school age" means under age of regular/compulsory school.

TN: The translation of the category "Stay at home" should convey the notion of not working for pay.

R 10b (2012: 11b)

And, in your opinion, which of these options would be the least desirable?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- The mother stays at home and the father works full-time. 1
- The mother works part-time and the father works full-time. 2
- Both the mother and the father work full-time. 3
- Both the mother and the father work part-time. 4
- The father works part-time and the mother works full-time. 5
- The father stays at home and the mother works full-time. 6

Can't choose -8

TN: The translation of the category "Stay at home" should convey the notion of not working for pay.

R 11 (2012: 12)

People have different views on childcare for children under school age. Who do you think should primarily provide childcare?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- Family members 1
- Government agencies 2
- Non-profit organisations (e.g. charitable organisations, churches/religious organisations) 3
- Private childcare providers (e.g. private crèche, nanny, babysitter) 4
- Employers 5

Can't choose -8

TN: "Government" might also mean "state", "public sector"; both central or local government is included.

TN: "Under school age" means under age of regular/compulsory school.

R 12 (2012: 13)

Who do you think should primarily cover the costs of childcare for children under school age?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- The family 1
- The government/public funds 2
- The employers 3

Can't choose -8

TN: "Government" might also mean "state", "public sector"; both central or local government is included.

TN: "Under school age" means under age of regular/compulsory school.

R 13 (2012: 14)

Thinking about elderly people who need some help in their everyday lives, such as help with grocery shopping, cleaning the house, doing the laundry etc. Who do you think should primarily provide this help?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- | | |
|--|-----------------------------|
| Family members | <input type="checkbox"/> 1 |
| Government agencies | <input type="checkbox"/> 2 |
| Non-profit organisations (e.g. charitable organisations, churches/religious organisations) | <input type="checkbox"/> 3 |
| Private providers of this kind of help | <input type="checkbox"/> 4 |
| <hr/> | |
| Can't choose | <input type="checkbox"/> -8 |

TN: "Government" might also mean "state", "public sector"; both central or local government is included.

R 14 (2012: 15)

And who do you think should primarily cover the costs of this help to these elderly people?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- | | |
|---|-----------------------------|
| The elderly people themselves or their family | <input type="checkbox"/> 1 |
| The government/public funds | <input type="checkbox"/> 2 |
| <hr/> | |
| Can't choose | <input type="checkbox"/> -8 |

TN: "Public funds" include all compulsory social insurances.

Now thinking of your own situation:

R 15a (2012: 16a)

On average, how many hours a week do you personally spend on household work, not including childcare and leisure time activities?

Hours

R 15b (2012: 16b)

On average, how many hours a week do you spend looking after family members (e.g. children, elderly, ill or disabled family members)?

Hours

PLEASE ANSWER THE FOLLOWING QUESTIONS IF YOU ARE CURRENTLY LIVING WITH YOUR SPOUSE OR A PARTNER. OTHERWISE GO TO Question R 20) [coding instruction: living with spouse, partner: use same filter conditions as PARTLIV=1].

R 16a (2012: 17a)

And what about your spouse/partner?

On average, how many hours a week does he/she spend on household work, not including childcare and leisure time activities?

Hours

R 16b (2012: 17b)

And on average, how many hours a week does he/she spend looking after family members (e.g. children, elderly, ill or disabled family members)?

Hours

R 17 (2012: 18)

How do you and your spouse/partner organise the income that one or both of you receive? Please choose the option that comes closest.

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- I manage all the money and give my spouse/partner his/her share 1
- My spouse/partner manages all the money and gives me my share 2
- We pool all the money and each take out what we need 3
- We pool some of the money and keep the rest separate 4
- We each keep our own money separate 5

R 18 (2012: 19a, c, d, e, f; 1 new)

In your household who does the following things...?

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		Always me	Usually me	About equal or both together	Usually my spouse/partner	Always my spouse/partner	Is done by a third person	Can't choose
a	Does the laundry	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> 6	<input type="checkbox"/> -8
b (N)	Plans and organizes social and family activities	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> 6	<input type="checkbox"/> -8
c	Cares for sick family members	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> 6	<input type="checkbox"/> -8
d	Shops for groceries	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> 6	<input type="checkbox"/> -8
e	Does the household cleaning	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> 6	<input type="checkbox"/> -8
f	Prepares the meals	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> 6	<input type="checkbox"/> -8

R 19 (2012: 20)

Which of the following best applies to the sharing of household work between you and your spouse/partner?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- I do much more than my fair share of the household work 1
- I do a bit more than my fair share of the household work 2
- I do roughly my fair share of the household work 3
- I do a bit less than my fair share of the household work 4
- I do much less than my fair share of the household work 5

TN: "Fair share" means what respondent thinks is an appropriate share.

FOR ALL

R 20 (2012: 23a-d).

How often has each of the following happened to you during the past three months?

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		Several times a week	Several times a month	Once or twice	Never	Doesn't apply/ no job
a	I have come home from work too tired to do the chores which need to be done.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 0
b	It has been difficult for me to fulfil my family responsibilities because of the amount of time I spent on my job.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 0
c	I have arrived at work too tired to function well because of the household work I had done.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 0
d	I have found it difficult to concentrate at work because of my family responsibilities.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 0

N 21

People may have different perceptions about who they consider to be close relatives.

Imagine a person living with a partner and their children. Which of the following options comes closest to who you would consider to be his/her close relatives?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- Children and partner only 1
 - Children and partner but also parents and siblings 2
 - All of the above but also cousins, aunts/uncles and nephews/nieces 3
 - All of the above but others as well 4
-
- Can't choose -8

People have different opinions about responsibilities towards relatives.

N 22a

Consider a couple living with their two children who has enough space in their home for someone to come and stay. A sibling of one of the couple needs a place to stay for a few months. In your opinion, do you think they should, or should not, offer him/her to stay for free in their home?

Please choose a number on a scale of 1 to 7 where 1 is "Yes, they definitely should" and 7 is "No, they definitely should not".

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

Yes, they
definitely
should

No, they
definitely
should not

Can't
choose

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(-8)

N 22b

Consider another couple living with their two children who has enough space in their home for someone to come and stay. The father of one of them recently became a widower. Although he is in good health, he is feeling lonely. In your opinion, do you think they should, or should not, ask the father to come and live with them permanently?

Please choose a number on a scale of 1 to 7 where 1 is "Yes, they definitely should" and 7 is "No, they definitely should not".

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

Yes, they
definitely
should

No, they
definitely
should not

Can't
choose

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(-8)

N 23

Consider an elderly couple. One of their grandchildren is in need of temporary financial help because the company he/she worked for closed down recently. Do you think they should, or should not, try their best to help their grandchild financially?

Please choose a number on a scale of 1 to 7 where 1 is "Yes, they definitely should" and 7 is "No, they definitely should not".

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

**Yes, they
definitely
should**

**No, they
definitely
should not**

**Can't
choose**

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(-8)

People have different opinions about who you can rely on and who should be important to you.

N 24

While some people think that you can rely more on close relatives, others think that you can rely more on close friends. Which view is closer to your opinion?

Please choose a number on a scale of 1 to 7 where 1 is "You can definitely rely more on close relatives", 4 is "You can rely equally on both" and 7 is "You can definitely rely more on close friends" or "You cannot rely on either of them".

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

You can definitely rely more on close relatives

You can rely equally on both

You can definitely rely more on close friends

You cannot rely on either of them

Can't choose

TN: By "rely on" we refer to "depend on with full trust or confidence".

TN: "You" should be translated rather as generic pronoun (a neutral "one") not as referring to the respondent specifically. E.g. in German use "Man kann sich definitiv mehr auf enge Verwandte verlassen".

N 25

While some people think that close relatives should be the most important people in one's life, others think that it should be close friends who are the most important. Which view is closer to your opinion?

Please choose a number on a scale of 1 to 7 where 1 is "Close relatives should definitely be the most important", 4 is "Both should be equally important" and 7 is "Close friends should definitely be the most important".

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- | | |
|---|-----------------------------|
| Close relatives should definitely be the most important | <input type="checkbox"/> 1 |
| | <input type="checkbox"/> 2 |
| | <input type="checkbox"/> 3 |
| Both should be equally important | <input type="checkbox"/> 4 |
| | <input type="checkbox"/> 5 |
| | <input type="checkbox"/> 6 |
| Close friends should definitely be the most important | <input type="checkbox"/> 7 |
| <hr/> | |
| Can't choose | <input type="checkbox"/> -8 |

R 26 (2012: 24)

If you were to consider your life in general, how happy or unhappy would you say you are, on the whole?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- | | |
|---------------------------|-----------------------------|
| Completely happy | <input type="checkbox"/> 1 |
| Very happy | <input type="checkbox"/> 2 |
| Fairly happy | <input type="checkbox"/> 3 |
| Neither happy nor unhappy | <input type="checkbox"/> 4 |
| Fairly unhappy | <input type="checkbox"/> 5 |
| Very unhappy | <input type="checkbox"/> 6 |
| Completely unhappy | <input type="checkbox"/> 7 |
| <hr/> | |
| Can't choose | <input type="checkbox"/> -8 |

N 27

People may have different opinions about whether women or men are best suited to serve in certain leadership positions. Please consider the following positions and tick the options that come closest to your own opinion.

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		Women are much better suited	Women are somewhat better suited	Women and men are equally suited	Men are somewhat better suited	Men are much better suited	Can't choose
a (N)	Cabinet minister in the national government	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
b (N)	Head of a university	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8
c (N)	Senior executive of a large company	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> -8

TN: If positions have different words for men and women, include both.

TN: N27b: "head of a university" should convey the meaning of the academic leader of a university.

N 28a (ISSP 2017: Q31)

Thinking about your household's total income, including all the sources of income of all the members who contribute to it, how difficult or easy is it currently for your household to make ends meet?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- Very difficult 1
 - Fairly difficult 2
 - Neither easy nor difficult 3
 - Fairly easy 4
 - Very easy 5
-
- Can't choose -8

TN: "make ends meet": As making ends meet does not exist in some languages, it can be translated by "pay for your usual necessary expenses"

N 28b (ISSP 2015: O4, modified)

Compared to 12 months ago, how do you think the financial situation of your household has changed? Would you say the current situation is ...

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- Much better 1
 - Somewhat better 2
 - About the same 3
 - Somewhat worse 4
 - Much worse 5
-
- Can't choose -8

ADDITIONAL COMPULSORY BACKGROUND QUESTIONS FOR THE 2022 MODULE

R 29 (2012: 32)

Education of current spouse/partner "spouse_ISCED": should be in the same format as "nat_ISCED".

NOTE TO DESIGNERS: Recommended to ask after ISSP background question PARTLIV

N 30

How many children have you ever had?

*PLEASE INCLUDE ANY BIOLOGICAL,
ADOPTIVE, FOSTER OR STEP-CHILDREN.*

0 None

child/ren

OPTIONAL QUESTIONS

O 31

Do you provide help or care to family member(s) who may or may not be living in your household, on a daily basis?

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

	Yes	No	Can't choose
Child(ren) below school age	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> -8
Child(ren) of school age, up to 18 years	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> -8
Elderly person(s)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> -8
Long term sick/disabled person(s)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> -8
Other person(s)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> -8

TN: "Below school age" means under the age of regular/compulsory school.

The next question is about your upbringing and your relationship with your parents.

By "parents" we mean biological parents, step-parents, foster parents or adoptive parents.

By "upbringing" we mean being involved hands on in the day-to-day raising of your child(ren), for example, giving the child(ren) moral values, emotional support, involvement in day-to-day activities (taking part in their leisure activities/homework etc.).

O 32

Who was more involved in your upbringing when you were a child – your mother, your father or both equally?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- My mother was much more involved 1-> go to O 33
- My mother was somewhat more involved 2-> go to O 33
- My mother and my father were equally involved 3-> go to O 33
- My father was somewhat more involved 4-> go to O 33
- My father was much more involved 5-> go to O 33
- Only one of my parents was there during my upbringing 6 -> go to O 33
- Neither of my parents was there during my upbringing 7 -> go to N 30

- Not applicable 0

O 33

Think about the time when you were planning to work for pay. How accepting were your parents regarding you working for pay?

PLEASE TICK ONE BOX ON EACH LINE

		Very accepting	Somewhat accepting	Not very accepting	Not at all accepting	Not applicable	Can't choose
a (O)	My mother was ...	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> -8
b (O)	My father was ...	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> -8

TN: "to work for pay" does not mean summer/temporary and part-time jobs; it implies working for pay as a career.

Note to designers: If optional questions are asked, please place N 30 here.

Filter routing:

if N 30 greater than 0 => go to O 34.

If N 30 equal to 0 => go to question (if any) after O 34.

The next question is about the upbringing of your child(ren) and your relationship with them.

Please include any biological, adoptive, foster or step-children.

By "upbringing" we mean being involved hands on in the day to day raising of your child(ren), for example, giving the child(ren) moral values, emotional support, involvement in day-to-day activities (taking part in their leisure activities/homework).

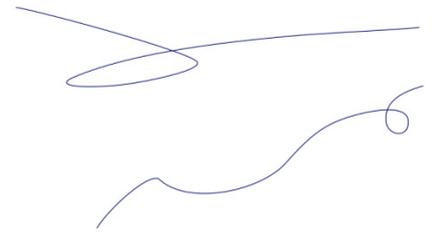
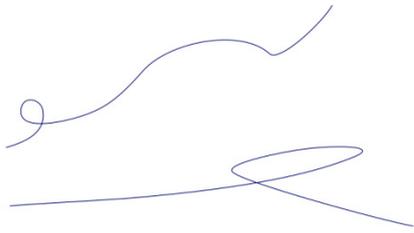
O 34

Now thinking about your children. Who has been more involved in their upbringing, yourself or your spouse/partner?

PLEASE TICK ONE BOX ONLY

- I am/was much more involved 1
- I am/was somewhat more involved 2
- I and my spouse/partner are/were equally involved 3
- My spouse/partner is/was somewhat more involved 4
- My spouse/partner is/was much more involved 5
- I am/was a single parent 6
- Can't choose -8
- Not applicable 0

APÊNDICES



Apêndice 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Grupo Focal)

Título do Projeto: “Menino veste azul!: Um estudo sobre o aprendizado do papel masculino”

Pesquisador/a responsável: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda

Pesquisador/a assistente: Psic. M^º Fabiane Villatore Orengo

Local da Pesquisa: LabFeno – Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná, Praça Santos Andrade, 50 – ala Alfredo Buffren, sala 102 – Curitiba/PR.

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada “Menino veste azul!: Um estudo sobre o aprendizado do papel masculino” tem como objetivo identificar e analisar as mudanças que vêm ocorrendo no papel masculino, em âmbito familiar; bem como o aprendizado desse papel.

Participando do estudo você está sendo convidado/a a: fazer parte de um grupo focal, com duração aproximada de uma hora.

Desconfortos e riscos: É possível que você experimente algum tipo de desconforto de ordem psicológica ao participar do grupo. Nesse caso, a pesquisadora Fabiane Orengo oferecerá sessões de terapia semanais, online, de forma gratuita, até que o desconforto passe.

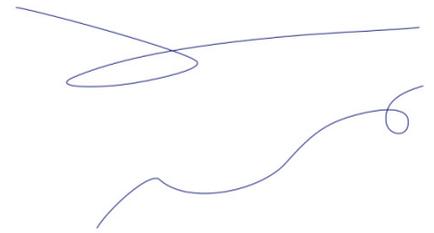
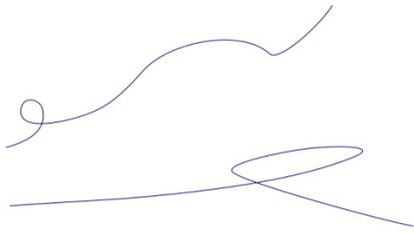
Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade dos pesquisadores responsáveis (Resol. 466/2012 e 510/2016).

Sigilo e privacidade: Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização: Não existem despesas necessárias para a realização da pesquisa e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Rubrica do pesquisador:

Rubrica do participante: _____



Contato: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por esse estudo: M^a Fabiane Villatore Orengo pelo e-mail psicologa.fabiane@gmail.com ou telefone (41) 99641-8787; e Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda pelos e-mails aholanda@yahoo.com e labfeno@gmail.com ou endereço LabFeno – Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná, Praça Santos Andrade, 50 – ala Alfredo Buffren, sala 102 – Curitiba/PR;

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba – Paraná, Telefone: (41) 3360 – 5094 ou pelo e-mail cep_chs@ufpr.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Este documento é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo/a pesquisador/a e pelo/a participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com o/a pesquisador/a.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE nº 70356023.5.0000.0214 e aprovada com o Parecer número 6.214.711 emitido em 02 de agosto de 2023.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas informo que aceito participar.

Permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos unicamente para esta pesquisa e tenho ciência que a guarda dos dados são de responsabilidade do(s) pesquisador(es), que se compromete(m) em garantir o sigilo e privacidade dos dados.

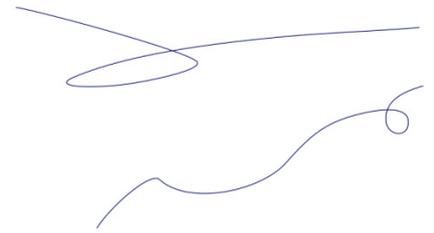
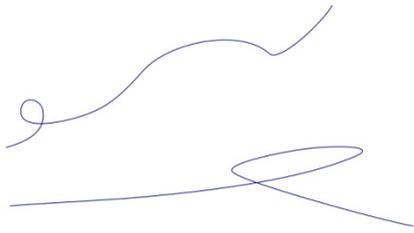
Não permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos para esta pesquisa.

Nome do/a participante da pesquisa: _____

(Assinatura do/a participante da pesquisa)

Rubrica do pesquisador:

Rubrica do participante: _____



Data:

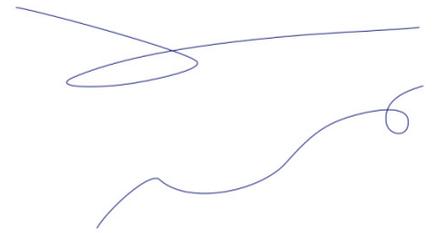
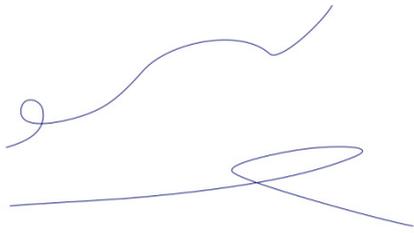
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (questionário)

Nós, Fabiane Villatore Orengo, estudante de pós-graduação (doutorado) e Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda, orientador de doutorado, ambos da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você, a participar de um estudo intitulado “Menino veste azul!: Um estudo sobre o aprendizado do papel masculino”. Esta etapa do estudo é compreende o questionário chamado “Família e mudança nos papeis de gênero”.

- a. O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar as mudanças que vêm ocorrendo no papel masculino, em âmbito familiar; bem como o aprendizado desse papel.
- b. Caso você participe da pesquisa, será necessário que você aceite este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Serão necessários cerca de quinze minutos para respondê-lo.
- c. Para tanto você deverá clicar em sim, no botão de concordância abaixo.
- d. É possível que você experimente algum tipo de desconforto de ordem psicológica ao responder à pesquisa, uma vez que se trata de compreender como você e sua família desempenham os papeis familiares. Nesse caso, a pesquisadora Fabiane Orengo oferecerá sessões de terapia semanais, online, de forma gratuita, até que o desconforto passe.
- e. Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por esse estudo: M^a Fabiane Villatore Orengo pelo e-mail psicologa.fabiane@gmail.com ou telefone (41) 99641-8787; e Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda pelos e-mails aholanda@yahoo.com e labfeno@gmail.com ou endereço LabFeno – Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná, Praça Santos Andrade, 50 – ala Alfredo Buffren, sala 102 – Curitiba/PR;
- f. A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento.
- g. As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas: Fabiane Villatore Orengo, Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda, pesquisadora e orientador. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.

Rubrica do pesquisador:

Rubrica do participante: _____



- h. O material obtido – questionários – será utilizado unicamente para essa pesquisa e será deletado dos arquivos ao término do estudo, dentro de 5 anos.
- i. Não existem despesas necessárias para a realização da pesquisa e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.
- j. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.
- k. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.
- l. Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade dos pesquisadores responsáveis (Resol. 466/2012 e 510/2016).

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba – Paraná, Telefone: (41) 3360–5094 ou pelo e-mail cep_chs@ufpr.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE nº 70356023.5.0000.0214 e aprovada com o Parecer número 6.214.711 emitido em 02 de agosto de 2023.

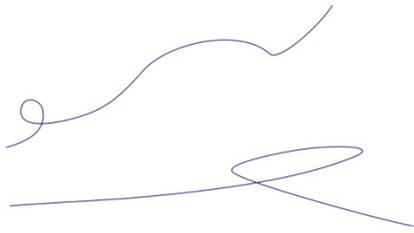
¹Delaro que li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Fabiane Villatore Orenge | fabiane.orengo@gmail.com | (41) 99641-8787

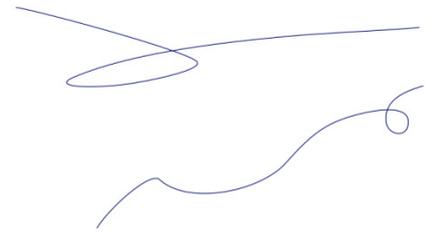
¹ Por se tratar de questionário *online*, o aceite do TCLE se dará por meio do clique em campo específico, sem o qual o participante não será encaminhado para o questionário. Da mesma forma, a data será gerada automaticamente pelo gerador do formulário.

Rubrica do pesquisador:

Rubrica do participante: _____



Laboratório de
Fenomenologia e
Subjetividade
LabFeno



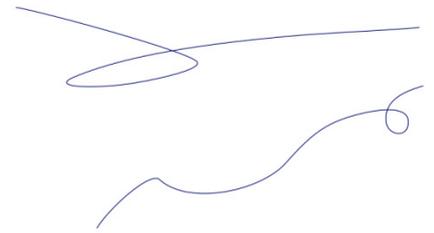
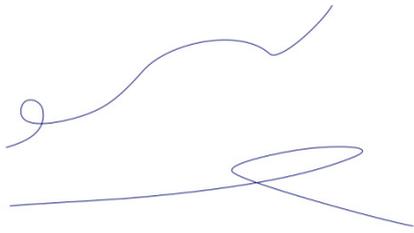
Prof. Dr. Adriano F. Holanda | aholanda@yahoo.com | labfeno@gmail.com | LabFeno – Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná, Praça Santos Andrade, 50 – ala Alfredo Buffren, sala 102 – Curitiba/PR;

Rubrica do pesquisador:

Rubrica do participante: _____

Versão: 02/08/2023

Página 5 de 7



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (entrevista)

Título do Projeto: “Menino veste azul!: Um estudo sobre o aprendizado do papel masculino”

Pesquisador/a responsável: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda

Pesquisador/a assistente: Psic. M^a Fabiane Villatore Orengo

Local da Pesquisa: LabFeno – Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná, Praça Santos Andrade, 50 – ala Alfredo Buffren, sala 102 – Curitiba/PR,

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada “Menino veste azul!: Um estudo sobre o aprendizado do papel masculino” tem como objetivo identificar e analisar as mudanças que vêm ocorrendo no papel masculino, em âmbito familiar; bem como o aprendizado desse papel.

Participando do estudo você está sendo convidado/a a: participar de uma entrevista, com duração aproximada de uma hora. Ela será gravada em áudio e/ou vídeo. Os arquivos serão armazenados em nuvem e protegidos por senha.

Desconfortos e riscos: É possível que você experimente algum tipo de desconforto de ordem psicológica ao responder à pesquisa, uma vez que se trata de compreender como você e sua família desempenham os papéis familiares. Nesse caso, a pesquisadora Fabiane Orengo, online, em sessões semanais de 50 min, de forma gratuita, pelo tempo necessário para que o desconforto cesse.

Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade do (s) pesquisador (es) responsável (is) (Resol. 466/2012 e 510/2016).

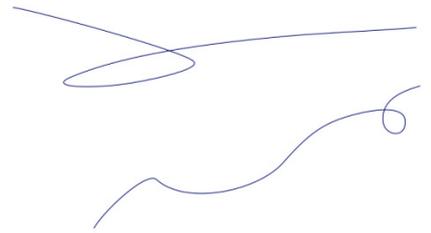
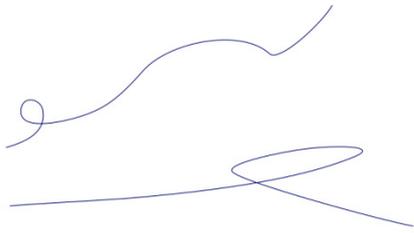
Sigilo e privacidade: Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização: Não existem despesas necessárias para a realização da pesquisa e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Contato: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por esse estudo: M^a Fabiane Villatore Orengo pelo e-mail psicologa.fabiane@gmail.com ou telefone (41) 99641-8787; e Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda pelos e-mails aholanda@yahoo.com e labfeno@gmail.com ou endereço LabFeno – Laboratório de Fenomenologia

Rubrica do pesquisador:

Rubrica do participante: _____



e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná, Praça Santos Andrade, 50 – ala Alfredo Buffren, sala 102 – Curitiba/PR.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretária do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba – Paraná, Telefone: (41) 3360 – 5094 ou pelo e-mail cep_chs@ufpr.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Este documento é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo/a pesquisador/a e pelo/a participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com o/a pesquisador/a.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE nº 70356023.5.0000.0214 e aprovada com o Parecer número 6.214.711 emitido em 02 de agosto de 2023.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas informo que aceito participar.

Permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos unicamente para esta pesquisa e tenho ciência que a guarda dos dados são de responsabilidade do(s) pesquisador(es), que se compromete(m) em garantir o sigilo e privacidade dos dados.

Não permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos para esta pesquisa.

Nome do/a participante da pesquisa: _____

(Assinatura do/a participante da pesquisa)

Data:

Rubrica do pesquisador:

Rubrica do participante: _____

Apêndice 2- Questionário - Versão aplicação

Família e Mudanças nos Papeis de Gênero V

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada "Menino veste azul!: Um estudo sobre o aprendizado do papel masculino", que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. São responsáveis pela pesquisa: a doutoranda Fabiane Villatore Orenge e seu orientador Adriano Furtado Holanda. Nesta etapa, pedimos que você responda o presente questionário. O tempo estimado para respondê-lo é de 15 minutos. Todas as informações a respeito dos objetivos, bem como dos riscos e benefícios em participar da pesquisa estão [AQUI](#), da mesma forma, os contatos dos pesquisadores responsáveis.

Este formulário, bem como todo o projeto, foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE n° 70356023.5.0000.0214 e aprovada com o Parecer número 6.214.711 emitido em 02 de agosto de 2023, onforme TCLE disponível em [TCLE questionario.pdf](#)

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. Declaro que li o [TCLE](#) e aceito participar da pesquisa. *

Desde já agradecemos sua disponibilidade em participar desta pesquisa e, dessa forma, contribuir com o avanço da Ciência.

Marcar apenas uma oval.

Aceito participar da pesquisa

Não aceito participar da pesquisa.

PRIMEIRA PARTE - Dados sócio-demográficos

Nessa parte da pesquisa, queremos saber quem você é.

3. Qual a sua idade (em anos)? *

4. Em que UF você mora? *

Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- Moro no Exterior
- Acre
- Alagoas
- Amapá
- Amazonas
- Bahia
- Ceará
- Distrito Federal
- Espírito Santo
- Goiás
- Maranhão
- Mato Grosso
- Mato Grosso do Sul
- Minas Gerais
- Pará
- Paraíba
- Paraná
- Pernambuco
- Piauí
- Rio de Janeiro
- Rio Grande do Norte
- Rio Grande do Sul
- Rondônia
- Roraima
- Santa Catarina
- São Paulo
- Sergipe
- Tocantins

5. Caso tenha respondido "moro no exterior", em que país você mora?

6. Em que cidade você mora? *

Tanto para quem mora no Brasil quanto para quem mora no exterior.

7. Qual é sua cor ou raça? *

⌵ Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- Branca
- Indígena
- Parda
- Preta
- Outra
- Prefiro não responder

8. Qual é a sua formação? *

⌵ Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Fundamental (Primário) INCOMPLETO ou cursando
- Ensino Fundamental (Primário) COMPLETO
- Ensino Médio (Colegial) INCOMPLETO ou cursando
- Ensino Médio (Colegial) COMPLETO
- Ensino Superior INCOMPLETO ou cursando
- Ensino Superior COMPLETO
- Especialização INCOMPLETA ou cursando
- Especialização COMPLETA
- Mestrado INCOMPLETO ou cursando
- Mestrado COMPLETO
- Doutorado INCOMPLETO ou cursando
- Doutorado COMPLETO

9. Qual é a sua religião? *

Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- Ateísta
- Católica
- Espírita Kardecista
- Evangélica
- Judaica
- Muçulmana
- Religião de matriz indígena
- Umbanda, Candomblé ou outra religião afro-brasileira
- Tenho fé, mas não tenho religião
- Nenhuma
- Outra (direcionar para escrever)
- Prefiro não responder

10. Qual a faixa de renda da sua família? *

Dropdown

Faixas de renda de acordo com a classificação do IBGE.

Marcar apenas uma oval.

- Até R\$ 2.640,00
- Entre R\$ 2.640,00 e R\$ 5.280,00
- Entre R\$ 5.280,00 e R\$ 13.200,00
- Entre R\$ 13.200,00 e 26.400,00
- Acima de R\$ 26.400,00
- Prefiro não responder

11. Qual é o seu gênero? *

Dropdown

Com que gênero você se identifica?

Marcar apenas uma oval.

- Homem cisgênero (identifica-se como homem e nasceu com o sexo biológico masculino)
- Homem transgênero (identifica-se como homem e nasceu com o sexo biológico feminino)
- Mulher cisgênero (identifica-se como mulher e nasceu com o sexo biológico feminino)
- Mulher transgênero (identifica-se como mulher e nasceu com o sexo biológico masculino)
- Não-binário (Não se identifica com a identidade de gênero estritamente masculina nem com a estritamente feminina)
- Prefiro não responder

12. Qual sua orientação sexual? *

Dropdown

Por qual gênero/sexo você se sente atraído sexualmente?

Marcar apenas uma oval.

- Assexual (Sente pouca ou nenhuma atração sexual)
- Bissexual (É atraído/a por pessoas do mesmo gênero e do gênero oposto)
- Heterossexual (É atraído/a por pessoas do gênero/sexo oposto)
- Homossexual (É atraído/a por pessoas do mesmo gênero/sexo)
- Outra
- Prefiro não responder

13. Qual é o seu estado civil? *

Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- Solteiro/a
- Em união estável
- Casado/a
- Divorciado/a
- Viúvo/a

14. Qual é a formação de seu cônjuge/parceiro(a)? *

Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- Não tenho cônjuge/parceiro(a)
- Ensino Fundamental (Primário) INCOMPLETO ou cursando
- Ensino Fundamental (Primário) COMPLETO
- Ensino Médio (Colegial) INCOMPLETO ou cursando
- Ensino Médio (Colegial) COMPLETO
- Ensino Superior INCOMPLETO ou cursando
- Ensino Superior COMPLETO
- Especialização INCOMPLETA ou cursando
- Especialização COMPLETA
- Mestrado INCOMPLETO ou cursando
- Mestrado COMPLETO
- Doutorado INCOMPLETO ou cursando
- Doutorado COMPLETO

15. Quantas pessoas moram na sua casa incluindo você? *

16. Quantos filhos você tem? *

Aqui, queremos saber sobre os seus filhos biológicos ou adotados.
Caso não tenha filhos complete com 0 (número zero).

17. Qual(is) a(s) faixa(s) etária(s) de seus filhos? *

Marque quantas opções forem necessárias

Marque todas que se aplicam.

- Não tenho filhos
- 0 a 2 anos
- 3 a 5 anos
- 6 a 11 anos
- 12 a 17 anos
- 18 a 29 anos
- 30 anos ou mais

18. Existem enteados morando com você? Quantos? *

⌵ Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- Não tenho enteado(s)
- Tenho enteado(s), mas não mora(m) comigo
- 1
- 2
- 3
- 4 ou mais

19. Qual a faixa etária dos enteados que moram com você? *

Marque quantas opções forem necessárias

Marque todas que se aplicam.

- Não se aplica
- 0 a 2 anos
- 3 a 5 anos
- 6 a 11 anos
- 12 a 17 anos
- 18 a 29 anos
- 30 anos ou mais

20. Pensando em todas as pessoas que moram com você, quais são as relações de parentesco dessas pessoas com você? *

Assinale todas as alternativas que se aplicam em seu caso

Marque todas que se aplicam.

- Moro sozinho(a)
- Cônjuge ou companheiro/a
- Filho(s) e/ou filha(s)
- Enteado(s) e/ou enteada(s)
- Genro ou nora
- Irmão(s) ou irmã(s)
- Pai, mãe, padrasto ou madrasta
- Sogro e/ou sogra
- Neto(s) e/ou neta(s)
- Outra(s) pessoa(s) da família
- Outra(s) pessoa(s) que não são da família

Agora, vamos ao questionário propriamente dito: **Família e as Mudanças nos Papeis de Gênero V.**

Queremos saber o que você pensa sobre as questões e situações que vamos apresentar.

Marque as opções que estiverem mais de acordo com seu pensamento.

Não existe resposta correta ou errada.

Para começar, temos algumas perguntas sobre as mulheres e as responsabilidades familiares.

21. 1. Quanto você concorda ou discorda das seguintes afirmações? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo plenamente	Prefiro não responder
Uma mãe que exerce atividade profissional consegue estabelecer uma relação afetiva e segura com seus filhos tanto quanto uma mãe que não exerce atividade profissional..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É provável que uma criança abaixo da idade escolar sofra se a sua mãe trabalha fora de casa..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em geral, é ruim para a família quando a mulher tem um emprego em tempo integral..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trabalhar é bom, mas o que a maioria das	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

mulheres
mulheres
realmente
realmente
quer é um
quer é um
lar e filhos.
lar e filhos.

Ser dona
Ser dona
de casa é
de casa é
tão
tão
gratificante
gratificante
quanto
quanto
exercer
exercer
atividade
atividade
profissional.
profissional.

O trabalho
O trabalho
do homem
do homem
é ganhar
é ganhar
dinheiro; o
dinheiro; o
trabalho da
trabalho da
mulher é
mulher é
cuidar da
cuidar da
casa e da
casa e da
família.
família.

22. **2a. As pessoas têm opiniões diferentes sobre quanta responsabilidade as mulheres e os homens devem ter em relação ao lar e à família. Qual das seguintes afirmações mais se aproxima da sua opinião?** *

Marcar apenas uma oval.

- As mulheres devem assumir muito mais responsabilidades
- As mulheres devem assumir um pouco mais de responsabilidades
- Mulheres e homens devem assumir igualmente as responsabilidades
- Os homens devem assumir um pouco mais de responsabilidades
- Os homens devem assumir muito mais responsabilidades
- Prefiro não responder

23. **2b. As pessoas têm opiniões diferentes sobre o quanto mães e pais são adequadas(os) para cuidar de seus filhos. Qual das seguintes afirmações mais se aproxima da sua opinião?** *

Marcar apenas uma oval.

- As mães são muito mais adequadas
- As mães são um pouco mais adequadas
- Mães e pais são igualmente adequados
- Os pais são um pouco mais adequados
- Os pais são muito mais adequados
- Prefiro não responder

24. **3. Nas circunstâncias a seguir, você acha que as mulheres devem trabalhar em período integral, meio período ou não devem trabalhar?** *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Trabalhar período integral	Trabalhar meio período	Não trabalhar	Prefiro não responder
Quando tem um(a) filho(a) abaixo da idade escolar..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Depois que o(a) filho(a) mais novo(a) começa a ir para escola..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. **4. Sobre as afirmações abaixo, em que medida você concorda ou discorda...? ***

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo plenamente	Prefiro não responder
Terr ffillhos iintterferre muiitto na lliberdade dos pais..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Terr ffillhos aumentta o prresttíígio sociial das pessoas na sociiedade..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pessoas que querem ffillhos(as) devem se casarr..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tudo bem um casall viiverr jjuntos sem tterr a iinttenção de se casarr..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

26. **5. As crianças crescem em diferentes tipos de famílias. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações?**

*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo plenamente	Prefiro não responder
Uma mãe sollo pode criiarr soziinha um((a)) ffillho((a)) ttão bem quantto um casall..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um paii sollo pode criiarr soziinho um((a)) ffillho((a)) ttão bem quantto um casall..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um casall de mullherres pode criiarr um ffillho((a)) ttão bem quantto um casall de homem e mullherr..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esta é uma perrguntta de conttrrolle.. Porr ffavorr,, marrque a opção:: ""Ppreffiiirro não responder"" ..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Um casal

de homens
Um casal
pode criar
de homens
um filho(a)
pode criar
tão bem
um filho(a)
quanto um
casal de
casal de
homem e
mulher.
homem e

mulher.

27. **6. No geral, qual é o número ideal de filhos para uma família ter, na sua opinião?**

*

Escreva abaixo o número que corresponde à sua resposta.
Caso sua resposta seja *nenhum*, responda com 0 (número zero).

28. **7. Considerando uma família com um pai e uma mãe que criam um filho de cinco anos de idade. Na sua opinião, qual dos pais deve ser o responsável pelas atividades a seguir? Quem deve ...** *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Principalmente a mãe.	Um pouco mais a mãe do que o pai.	Igualmente a mãe e o pai.	Um pouco mais o pai do que a mãe.	Principalmente o pai.	Prefiro não responder
.. prroverr ffinanceiirramente a ffamííllia?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... ttomarr conta do((a)) ffillho((a)) diiarriamente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... briincarr com o((a)) ffillho((a)), e parttiiciparr das attiiidades de llazer delle//della?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... ensiinarr ao ffillho((a)) como se comporrarr?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... ouviirr e aconselharr o((a)) ffillho((a)) se elle((a)) esttiiverr passando porr allgum prroblema?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... ttentarr desempenharr o papell de modello parra o((a)) ffillho((a))?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

29. **8. Considerando um casal em que ambos trabalham em tempo integral e agora * tem um filho recém-nascido. Imagine que um dos pais se afasta do trabalho por um tempo para tomar conta da criança.**

Você acha que deve haver uma licença remunerada por quantos meses?

Caso você não ache necessário haver licença remunerada, responda com 0 (número zero).

30. **9. Ainda pensando no mesmo casal da questão anterior, considere que ambos * estão em uma situação de trabalho semelhante, e ambos são elegíveis para licença remunerada.**

Como o período da licença remunerada deve ser dividido entre a mãe e o pai? *

Marcar apenas uma oval.

- A mãe deve tirar todo o período de licença remunerada e o pai não deve tirar nenhuma licença remunerada.
- A mãe deve tirar a maior parte do período de licença remunerada e o pai deve tirar a menor parte.
- A mãe e o pai devem dividir igualmente o período de licença remunerada.
- O pai deve tirar a maior parte do período de licença remunerada e a mãe deve tirar a menor parte.
- O pai deve tirar todo o período de licença remunerada e a mãe não deve tirar nenhuma licença remunerada.
- Prefiro não responder

31. **10a. Considerando uma família com uma criança na faixa etária abaixo da idade escolar. Em sua opinião, qual é a melhor maneira de organizar a família e a vida profissional?** *

Marcar apenas uma oval.

- A mãe fica em casa (sem trabalho remunerado) e o pai trabalha em período integral.
- A mãe trabalha meio período e o pai trabalha período integral.
- Tanto a mãe quanto o pai trabalham em período integral.
- Tanto a mãe quanto o pai trabalham meio período.
- O pai trabalha meio período e a mãe trabalha em período integral.
- O pai fica em casa (sem trabalho remunerado) e a mãe trabalha em período integral.
- Prefiro não responder.

32. **10b. E, na sua opinião, qual dessas opções seria a menos desejável?** *

Marcar apenas uma oval.

- A mãe fica em casa (sem trabalho remunerado) e o pai trabalha em período integral.
- A mãe trabalha meio período e o pai trabalha período integral.
- Tanto a mãe quanto o pai trabalham em período integral.
- Tanto a mãe quanto o pai trabalham meio período.
- O pai trabalha meio período e a mãe trabalha em período integral.
- O pai fica em casa (sem trabalho remunerado) e a mãe trabalha em período integral.
- Prefiro não responder.

33. **11. As pessoas tem visões diferentes sobre cuidado infantil na faixa etária abaixo da idade escolar. Em sua opinião, quem deve principalmente proporcionar assistência infantil?** *

Marcar apenas uma oval.

- Membros da família
- Instituições governamentais (por exemplo: creches e escolas de educação infantil)
- Organizações sem fins lucrativos (por exemplo: organizações de caridade, igrejas/organizações religiosas)
- Prestadores de cuidados infantis particulares (por exemplo: creche privada, babá)
- Os empregadores (por exemplo: creche nas empresas)
- Prefiro não responder

34. **12. Quem você acha que deve ser o principal responsável por cobrir os custos dos cuidados infantis com crianças abaixo da idade escolar?** *

Marcar apenas uma oval.

- A família
- O governo/recursos públicos
- Os empregadores
- Prefiro não responder

35. **13. Pensando em pessoas idosas que precisam de alguma ajuda no dia a dia, como ajuda com compras de mercado, limpeza da casa, lavar a roupa etc. Quem você acha que deve ser o principal responsável por fornecer essa ajuda?** *

Marcar apenas uma oval.

- Membros da família
- Instituições governamentais (por exemplo: casas de repuso públicas)
- Organizações sem fins lucrativos (por exemplo: caridade, igrejas/organizações religiosas)
- Prestadores de serviço deste tipo de acolhimento
- Prefiro não responder

36. **14. E quem você acha que deve ser o principal responsável por cobrir os custos *
dessa ajuda às pessoas idosas?**

Marcar apenas uma oval.

- O próprio idoso ou sua família
- O governo/recursos públicos
- Prefiro não responder

Agradecemos sua participação até aqui.

Agora, responda pensando em sua situação pessoal.

37. **15a. Em média, quantas horas VOCÊ gasta por semana no trabalho doméstico, *
excluindo os cuidados com crianças e atividades de lazer?**

Escreva o número de horas no espaço abaixo.

Caso você não exerça essa atividade, complete com 0 (número zero).

38. **15b. Em média, quantas horas por semana VOCÊ gasta cuidando de familiares? *
(ex. filhos, pessoas idosas, pessoas enfermas ou portadores de necessidades
especiais)?**

Escreva o número de horas no espaço abaixo.

Caso você não exerça essa atividade, complete com 0 (número zero).

39. **Você reside com cônjuge/parceiro(a)? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

40. **16a. E quanto ao seu cônjuge/parceiro(a) :** *

Em média, quantas horas ELE(A) gasta por semana no trabalho doméstico, excluindo os cuidados com crianças e atividades de lazer?

Escreva o número de horas no espaço abaixo.

Caso ele(a) NÃO exerça essa atividade ou caso a pergunta não se aplique, complete com 0 (número zero).

41. **16b. Em média, quantas horas por semana seu cônjuge/parceiro(a) gasta** *

cuidando de membros familiares (ex. filhos, pessoas idosas, pessoas enfermas ou portadores de necessidades especiais)?

Escreva o número de horas no espaço abaixo.

Caso ele(a) NÃO exerça essa atividade ou caso a pergunta não se aplique, complete com 0 (número zero).

42. **17. Como você e seu cônjuge/parceiro(a) organizam a renda que um ou ambos recebem? Escolha a opção mais próxima da sua realidade.** *

Marcar apenas uma oval.

- Eu gerencio todo o dinheiro e dou para meu cônjuge/parceiro(a) a parte dele/dela.
- Meu cônjuge/parceiro(a) gerencia todo o dinheiro e me dá a minha parte.
- Nós juntamos todo o dinheiro e cada um faz retiradas à medida que precisamos.
- Nós juntamos uma parte do dinheiro e mantemos o restante separado.
- Cada um de nós mantém o seu dinheiro separado.
- Não tenho conjuge ou parceiro(a)

43. **18. Na sua casa quem faz as seguintes atividades...? ***

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sempre Eu	Geralmente Eu	Dividimos igualmente ou fazemos juntos	Geralmente meu cônjuge / parceiro(a)	Sempre meu cônjuge / parceiro(a)	É feito por outra pessoa	Prefiro não responder
Lava a roupa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planeja e organiza as atividades sociais e familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cuida de familiares doentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vai ao mercado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Faz a limpeza doméstica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prepara as refeições	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

44. **19. Qual das seguintes afirmações se aplica melhor na questão da divisão de atividades domésticas entre você e seu cônjuge / parceiro (a)? ***

Marcar apenas uma oval.

- Faço muito mais trabalho doméstico do que considero justo.
- Faço um pouco mais trabalho doméstico do que considero justo.
- Eu faço aproximadamente a minha parte justa do trabalho doméstico.
- Faço um pouco menos trabalho doméstico do que considero justo.
- Faço muito menos trabalho doméstico do que considero justo.

Agradecemos por você ter respondido até aqui.

Você já respondeu a maior parte, pedimos a gentileza de continuar mais um pouquinho.
Está quase no fim.

45. **20. Com que frequência cada uma das seguintes situações aconteceu com você nos últimos três meses?** *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Várias vezes por semana	Várias vezes por mês	Uma ou duas vezes	Nunca	Não se aplica/eu não trabalho fora de casa
Volttei para casa do trabalho cansado(a) demais para fazer as tarefas de casa que precisam ser feitas..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ceguei ao trabalho cansado(a) demais para ser produtivo em virtude do trabalho doméstico que fiz..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tive dificuldade em me concentrar no trabalho devido às minhas responsabilidades familiares..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

46. **21. As pessoas podem ter percepções diferentes sobre quem consideram parentes próximos.** *

Imagine uma pessoa vivendo com o(a) parceiro(a) e os filhos. Qual das seguintes opções se aproxima mais de quem você consideraria os parentes próximos dessa pessoa?

Marcar apenas uma oval.

- Apenas filhos e parceiro(a)
- Filhos e parceiro(a), mas também pais e irmãos
- Todas as opções acima, mas também primos(as), tios(as) e sobrinhos(as)
- Todas as opções acima, mas outras pessoas também

As pessoas tem diferentes opiniões sobre responsabilidades relativas a parentes.

47. **22a. Considere um casal que mora com seus dois filhos e que tem espaço suficiente em sua casa para hospedar alguém. Um(a) irmão(ã) de um dos cônjuges precisa de um lugar para ficar por alguns meses. Na sua opinião, você acha que eles devem, ou não devem, oferecer ao irmão(ã) para se hospedar sem custos no lar do casal?** *

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é "Sim, eles definitivamente devem" e 7 é "Não, eles definitivamente não devem".

Marcar apenas uma oval.

- 1 - Sim, eles definitivamente devem
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7 - Não, eles definitivamente não devem
- Prefiro não responder

48. **22b. Considere um outro casal que mora com seus dois filhos e que tem espaço suficiente em sua casa para hospedar alguém. O pai de um dos cônjuges recentemente ficou viúvo. Embora ele esteja com boa saúde, ele tem se sentido solitário. Na sua opinião, você acha que eles devem, ou não devem, convidar o pai para vir morar com eles permanentemente?** *

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é "Sim, eles definitivamente devem" e 7 é "Não, eles definitivamente não devem".

Marcar apenas uma oval.

- 1 - Sim, eles definitivamente devem
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7 - Não, eles definitivamente não devem
- Prefiro não responder

49. **23. Considere um casal de idosos. Um(a) dos(as) netos(as) do casal está temporariamente precisando de ajuda financeira, pois a empresa na qual trabalhava fechou recentemente. Você acha que eles devem ou não devem ajudar financeiramente o(a) neto(a)?** *

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é "Sim, eles definitivamente devem" e 7 é "Não, eles definitivamente não devem".

Marcar apenas uma oval.

- 1 - Sim, eles definitivamente devem
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7 - Não, eles definitivamente não devem
- Prefiro não responder

As pessoas têm opiniões diferentes sobre em quem podem confiar e quem é importante para si.

50. **24. Enquanto algumas pessoas pensam que podem confiar mais em parentes próximos, outras pensam que podem confiar mais em amigos próximos. Qual pensamento está mais próximo da sua opinião?** *

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é "Pode-se, definitivamente, confiar mais em parentes próximos", 4 é "Pode-se confiar igualmente em ambos" e 7 é "Pode-se, definitivamente, confiar mais em amigos próximos"

Marcar apenas uma oval.

- 1 - Pode-se, definitivamente, confiar mais em parentes próximos
- 2
- 3
- 4 - Pode-se confiar igualmente em ambos
- 5
- 6
- 7 - Pode-se, definitivamente, confiar mais em amigos próximos
- Não se pode confiar em nenhum deles
- Prefiro não responder

51. **25. Enquanto algumas pessoas acreditam que parentes próximos devem ser as pessoas mais importantes na vida de alguém, outros pensam que os amigos mais próximos devem ser considerados os mais importantes. Qual ponto de vista está mais próximo da sua opinião?** *

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é “Parentes próximos definitivamente devem ser os mais importantes”, 4 é “Ambos devem ser igualmente importantes” e 7 é “Amigos próximos definitivamente devem ser os mais importantes”.

Marcar apenas uma oval.

- 1 - Parentes próximos definitivamente devem ser os mais importantes
- 2
- 3
- 4 - Ambos devem ser igualmente importantes
- 5
- 6
- 7 - Amigos próximos definitivamente devem ser os mais importantes
- Prefiro não responder

52. **27. As pessoas podem ter opiniões diferentes sobre quem é mais adequado para certas posições de liderança, se são as mulheres ou os homens. Considere os seguintes posicionamentos e marque as opções que mais se aproximam da sua opinião.** *

Marcar apenas uma oval por linha.

	As mulheres são muito mais adequadas	As mulheres são um pouco mais adequadas	Mulheres e homens são igualmente adequados	Os homens são um pouco mais adequados	Os homens são muito mais adequados	Prefiro não responder
Ministério de um governo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reitoria de uma universidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Presidência de uma empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

53. **26. Se você considerar sua vida no geral, quão feliz ou infeliz você diria que é? ***

Marcar apenas uma oval.

- Completamente feliz
- Muito feliz
- Relativamente feliz
- Nem feliz nem infeliz
- Relativamente infeliz
- Muito infeliz
- Completamente infeliz
- Prefiro não responder

54. **28a. Pensando na renda total da sua casa, incluindo todas as fontes de renda de todos os membros que contribuem para isso, quão difícil ou fácil é para vocês pagarem todas as despesas atualmente? ***

Marcar apenas uma oval.

- Muito difícil
- Relativamente difícil
- Nem fácil nem difícil
- Relativamente fácil
- Muito fácil
- Prefiro não responder

55. **28b. Em comparação com 12 meses atrás, como você acha que a situação financeira da sua casa mudou? Você diria que a situação atual é...**

*

Marcar apenas uma oval.

- Muito melhor
- Um pouco melhor
- Quase a mesma
- Um pouco pior
- Muito pior
- Prefiro não responder

Agradecemos por você ter respondido até aqui.

Pedimos a gentileza de continuar mais um pouquinho. Já está na parte final.

56. **29. Você fornece ajuda ou cuidados diários para membro(s) familiar(es), independente de morar(em) na sua casa ?**

*

Ajuda: financeira ou em atividades do dia a dia, como, por exemplo: tarefas domésticas, consultas médicas, compromissos burocráticos (bancos, instituições públicas, documentos), etc.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não	Prefiro não responder
Criança(s) abaixo da idade escolar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Criança(s) em idade escolar, até 18 anos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pessoa(s) idosa(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pessoa(s) doente(s)/com deficiência(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra(s) pessoa(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A próxima pergunta é sobre a sua educação (criação) e relacionamento com os seus pais.

Por "pais" queremos

dizer pais biológicos, padrastos/madrastas ou pais adotivos.

Por "criação", queremos dizer

envolvimento na criação diária do(s) filho(s), por exemplo, dando ao(s) filho(s) valores morais, apoio emocional, envolvimento nas atividades do dia a dia (participando das atividades de lazer/lição de casa etc.).

57. 30. Quem esteve mais envolvido na sua educação (criação) quando você era criança – sua mãe, seu pai ou ambos igualmente? *

Marcar apenas uma oval.

- Minha mãe esteve mais envolvida.
- Minha mãe esteve um pouco mais envolvida.
- Minha mãe e meu pai estiveram igualmente envolvidos.
- Meu pai esteve um pouco mais envolvido.
- Meu pai esteve muito mais envolvido.
- Somente um dos meus pais participou da minha criação.
- Nenhum dos meus pais participou da minha criação.
- Prefiro não responder

58. 31. Pense a respeito da época em que você planejou buscar um trabalho remunerado. Quão receptivos seus pais foram a ideia de você buscar um trabalho remunerado? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Muito receptivo(a)	Um pouco receptivo(a)	Não muito receptivo(a)	Não foi receptivo(a)	Não se aplica	prefiro não responder
Minha mãe foi ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meu pai foi ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A próxima pergunta é sobre a criação de seu(s) filho(s) e sua(s) filha(s) e o seu relacionamento com ele(s) e ela(s).

Inclua quaisquer filhos biológicos, adotivos ou enteados.

Por

"criação", queremos dizer envolvimento na criação diária do(s) filho(s), por exemplo, dando ao(s) filho(s) valores morais, apoio emocional, envolvimento nas atividades do dia a dia (participando das atividades de lazer/lição de casa etc.).

59. **32. Agora pensando em seu(s) filho(s) e/ou sua(s) filha(s). Quem esteve mais envolvido na educação dele(s) e/ou dela(s), você ou seu/sua cônjuge/parceiro(a)?** *

Marcar apenas uma oval.

- Eu sou/fui muito mais envolvido(a)
- Eu sou/fui um pouco mais envolvido(a)
- Eu e meu cônjuge/parceiro(a) somos/fomos igualmente envolvidos
- Meu cônjuge/parceiro(a) é/foi um pouco mais envolvido
- Meu cônjuge/parceiro(a) é/foi muito mais envolvido(a)
- Eu sou/fui um pai/mãe solo(a)
- Não se aplica
- Prefiro não responder

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Apêndice 3 – Questionário Versão Pesquisadora

Família e Mudanças nos Papéis de Gênero V

Queremos saber o que você pensa sobre as questões e situações que vamos apresentar. Marque as opções que estiverem mais de acordo com seu pensamento.

Não existe resposta correta ou errada.

Para começar, temos algumas perguntas sobre as mulheres e as responsabilidades familiares.

1. Quanto você concorda ou discorda das seguintes afirmações?

Marcar apenas uma opção por linha.

	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo plenamente	Prefiro não responder
Uma mãe que exerce atividade profissional consegue estabelecer uma relação afetuosa e segura com seus filhos tanto quanto uma mãe que não exerce atividade profissional.						
É provável que uma criança abaixo da idade escolar sofra se a sua mãe trabalha fora de casa.						
Em geral, é ruim para a família quando a mulher tem um emprego em tempo integral.						

Trabalhar é bom, mas o que a maioria das mulheres realmente quer é um lar e filhos.						
	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo plenamente	Prefiro não responder
Ser dona de casa é tão gratificante quanto exercer atividade profissional.						
O trabalho do homem é ganhar dinheiro; o trabalho da mulher é cuidar da casa e da família.						

2a. As pessoas têm opiniões diferentes sobre quanta responsabilidade as mulheres e os homens devem ter em relação ao lar e à família. Qual das seguintes afirmações mais se aproxima da sua opinião?

Marcar apenas uma opção.

- As mulheres devem assumir muito mais responsabilidades
- As mulheres devem assumir um pouco mais de responsabilidades
- Mulheres e homens devem assumir igualmente as responsabilidades
- Os homens devem assumir um pouco mais de responsabilidades
- Os homens devem assumir muito mais responsabilidades
- Prefiro não responder

2b. As pessoas têm opiniões diferentes sobre o quanto mães e pais são * adequadas(os) para cuidar de seus filhos. Qual das seguintes afirmações mais se aproxima da sua opinião?

Marcar apenas uma opção.

- As mães são muito mais adequadas
- As mães são um pouco mais adequadas
- Mães e pais são igualmente adequados
- Os pais são um pouco mais adequados
- Os pais são muito mais adequados
- Prefiro não responder

3. Nas circunstâncias a seguir, você acha que as mulheres devem trabalhar em período integral, meio período ou não devem trabalhar?

Marcar apenas uma opção por linha.

	Trabalhar período integral	Trabalhar meio período	Não trabalhar	Prefiro não responder
Quando tem um(a) filho(a) abaixo da idade escolar.				
Depois que o(a) filho(a) mais novo(a) começa a ir para escola.				

4. Sobre as afirmações abaixo, em que medida você concorda ou discorda...? *

Marcar apenas uma opção por linha.

	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo plenamente	Prefiro não responder
Ter filhos interfere muito na liberdade dos pais.						
Ter filhos aumenta o prestígio social das pessoas na sociedade.						
Pessoas que querem filhos(as) devem se casar.						
Tudo bem um casal viver juntos sem ter a intenção de se casar.						

5. As crianças crescem em diferentes tipos de famílias. Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações?

Marcar apenas uma opção por linha.

	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo plenamente	Prefiro não responder
Uma mãe solo pode criar sozinho um(a) filho(a) tão bem quanto um casal.						
Um pai solo pode criar sozinho um(a) filho(a) tão bem quanto um casal.						

	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo plenamente	Prefiro não responder
Um casal de mulheres pode criar um filho(a) tão bem quanto um casal de homem e mulher.						
Um casal de homens pode criar um filho(a) tão bem quanto um casal de homem e mulher.						

6. No geral, qual é o número ideal de filhos para uma família ter, na sua opinião?

Escreva abaixo o número que corresponde à sua resposta.

Caso sua resposta seja *nenhum*, responda com 0 (número zero).

7. Considerando uma família com um pai e uma mãe que criam um filho de cinco anos de idade. Na sua opinião, qual dos pais deve ser o responsável pelas atividades a seguir?

Quem deve ...

Marcar apenas uma opção por linha.

	Principalmente a mãe.	Um pouco mais a mãe do que o pai.	Igualmente a mãe e o pai.	Um pouco mais o pai do que a mãe.	Principalmente o pai.	Prefiro não responder
...prover financeiramente a família?						
... tomar conta do(a) filho(a) diariamente?						
... brincar com o(a) filho(a), e participar das atividades de lazer dele/dela?						
... ensinar ao filho(a) como se comportar?						
... ouvir e aconselhar o(a) filho(a) se ele(a) estiver passando por algum problema?						

	Principalmente a mãe.	Um pouco mais a mãe do que o pai.	Igualmente a mãe e o pai.	Um pouco mais o pai do que a mãe.	Principalmente o pai.	Prefiro não responder
... tentar desempenhar o papel de modelo para o(a) filho(a)?						

8. Considerando um casal em que ambos trabalham em tempo integral e agora tem um filho recém-nascido. Imagine que um dos pais se afasta do trabalho por um tempo para tomar conta da criança.

Você acha que deve haver uma licença remunerada por quantos meses?

Caso você não ache necessário haver licença remunerada, responda com 0 (número zero).

9. Ainda pensando no mesmo casal da questão anterior, considere que ambos estão em uma situação de trabalho semelhante, e ambos são elegíveis para licença remunerada.

Como o período da licença remunerada deve ser dividido entre a mãe e o pai?

Marcar apenas uma opção.

- A mãe deve tirar todo o período de licença remunerada e o pai não deve tirar nenhuma licença remunerada.
- A mãe deve tirar a maior parte do período de licença remunerada e o pai deve tirar a menor parte.
- A mãe e o pai devem dividir igualmente o período de licença remunerada.
- O pai deve tirar a maior parte do período de licença remunerada e a mãe deve tirar a menor parte.
- O pai deve tirar todo o período de licença remunerada e a mãe não deve tirar nenhuma licença remunerada.
- Prefiro não responder

10a. Considerando uma família com uma criança na faixa etária abaixo da idade escolar. Em sua opinião, qual é a melhor maneira de organizar a família e a vida profissional?

Marcar apenas uma opção.

- A mãe fica em casa (sem trabalho remunerado) e o pai trabalha em período integral.
- A mãe trabalha meio período e o pai trabalha período integral.
- Tanto a mãe quanto o pai trabalham em período integral.
- Tanto a mãe quanto o pai trabalham meio período.
- O pai trabalha meio período e a mãe trabalha em período integral.
- O pai fica em casa (sem trabalho remunerado) e a mãe trabalha em período integral.

10b. E, na sua opinião, qual dessas opções seria a menos desejável?

Marcar apenas uma opção.

- A mãe fica em casa (sem trabalho remunerado) e o pai trabalha em período integral.
- A mãe trabalha meio período e o pai trabalha período integral.
- Tanto a mãe quanto o pai trabalham em período integral.
- Tanto a mãe quanto o pai trabalham meio período.
- O pai trabalha meio período e a mãe trabalha em período integral.
- O pai fica em casa (sem trabalho remunerado) e a mãe trabalha em período integral.
- Prefiro não responder.

29. 11. As pessoas tem visões diferentes sobre cuidado infantil na faixa etária abaixo da idade escolar. Em sua opinião, quem deve principalmente proporcionar assistência infantil?

Marcar apenas uma opção.

- Membros da família
- Instituições governamentais (por exemplo: creches e escolas de educação infantil)
- Organizações sem fins lucrativos (por exemplo: organizações de caridade, igrejas/organizações religiosas)
- Prestadores de cuidados infantis particulares (por exemplo: creche privada, babá)
- Os empregadores (por exemplo: creche nas empresas)
- Prefiro não responder

30. **12. Quem você acha que deve ser o principal responsável por cobrir os custos dos cuidados infantis com crianças abaixo da idade escolar?**

Marcar apenas uma opção.

- A família
- O governo/recursos públicos
- Os empregadores
- Prefiro não responder

31. **13. Pensando em pessoas idosas que precisam de alguma ajuda no dia a dia, como ajuda com compras de mercado, limpeza da casa, lavar a roupa etc. Quem você acha que deve ser o principal responsável por fornecer essa ajuda?**

Marcar apenas uma opção.

- Membros da família
- Instituições governamentais (por exemplo: casas de repouso públicas)
- Organizações sem fins lucrativos (por exemplo: caridade, igrejas/organizações religiosas)
- Prestadores de serviço deste tipo de acolhimento
- Prefiro não responder

32. **14. E quem você acha que deve ser o principal responsável por cobrir os custos dessa ajuda às pessoas idosas?**

Marcar apenas uma opção.

- O próprio idoso ou sua família
- O governo/recursos públicos
- Prefiro não responder

Agora, responda pensando em sua situação pessoal.

15a. Em média, quantas horas VOCÊ gasta por semana no trabalho doméstico, excluindo os cuidados com crianças e atividades de lazer?

Escreva o número de horas no espaço abaixo.

Caso você não exerça essa atividade, complete com 0 (número zero).

15b. Em média, quantas horas por semana VOCÊ gasta cuidando de familiares? (ex. filhos, pessoas idosas, pessoas enfermas ou portadores de necessidades especiais)?

Escreva o número de horas no espaço abaixo.

Caso você não exerça essa atividade, complete com 0 (número zero).

Você reside com cônjuge/parceiro(a)?

Marcar apenas uma opção.

Sim

Não

16a. E quanto ao seu cônjuge/parceiro(a) :

Em média, quantas horas ELE(A) gasta por semana no trabalho doméstico, excluindo os cuidados com crianças e atividades de lazer?

Escreva o número de horas no espaço abaixo.

Caso ele(a) NÃO exerça essa atividade ou caso a pergunta não se aplique, complete com 0 (número zero).

16b. Em média, quantas horas por semana seu cônjuge/parceiro(a) gasta cuidando de membros familiares (ex. filhos, pessoas idosas, pessoas enfermas ou portadores de necessidades especiais)?

Escreva o número de horas no espaço abaixo.

Caso ele(a) NÃO exerça essa atividade ou caso a pergunta não se aplique, complete com 0 (número zero).

17. Como você e seu cônjuge/parceiro(a) organizam a renda que um ou ambos recebem?

Escolha a opção mais próxima da sua realidade. *Marcar apenas uma opção.*

- Eu gerencio todo o dinheiro e dou para meu cônjuge/parceiro(a) a parte dele/dela.
- Meu cônjuge/parceiro(a) gerencia todo o dinheiro e me dá a minha parte.
- Nós juntamos todo o dinheiro e cada um faz retiradas à medida que precisamos.
- Nós juntamos uma parte do dinheiro e mantemos o restante separado.
- Cada um de nós mantém o seu dinheiro separado.
- Não tenho conjuge ou parceiro(a)

18. Na sua casa quem faz as seguintes atividades...?

Marcar apenas uma opção por linha.

	Sempre Eu	Geralmente Eu	Dividimos igualmente ou fazemos juntos	Geralmente meu cônjuge / parceiro(a)	Sempre meu cônjuge / parceiro(a)	É feito por outra pessoa	Prefiro não responder
Lava a roupa							
Planeja e organiza as atividades sociais e familiares							
Cuida de familiares doentes							
Vai ao mercado							
Faz a limpeza doméstica							
Prepara as refeições							

19. Qual das seguintes afirmações se aplica melhor na questão da divisão de atividades domésticas entre você e seu cônjuge / parceiro (a)? Marcar apenas uma opção.

- Faço muito mais trabalho doméstico do que considero justo.
- Faço um pouco mais trabalho doméstico do que considero justo.
- Eu faço aproximadamente a minha parte justa do trabalho doméstico.
- Faço um pouco menos trabalho doméstico do que considero justo.
- Faço muito menos trabalho doméstico do que considero justo.

20. Com que frequência cada uma das seguintes situações aconteceu com você nos últimos três meses?

Marcar apenas uma opção por linha.

	Várias vezes por semana	Várias vezes por mês	Uma ou duas vezes	Nunca	Não se aplica/eu não trabalho fora de casa
Voltei para casa do trabalho cansado(a) demais para fazer as tarefas de casa que precisam ser feitas.					
Cheguei ao trabalho cansado(a) demais para ser produtivo em virtude do trabalho doméstico que fiz.					
Tive dificuldade em me concentrar no trabalho devido às minhas responsabilidades familiares.					

21. As pessoas podem ter percepções diferentes sobre quem consideram parentes próximos.

Imagine uma pessoa vivendo com o(a) parceiro(a) e os filhos. Qual das seguintes opções se aproxima mais de quem você consideraria os parentes próximos dessa pessoa?

Marcar apenas uma opção.

- Apenas filhos e parceiro(a)
- Filhos e parceiro(a), mas também pais e irmãos
- Todas as opções acima, mas também primos(as), tios(as) e sobrinhos(as)
- Todas as opções acima, mas outras pessoas também

As pessoas tem diferentes opiniões sobre responsabilidades relativas a parentes.

22a. Considere um casal que mora com seus dois filhos e que tem espaço suficiente em sua casa para hospedar alguém. Um(a) irmão(ã) de um dos cônjuges precisa de um lugar para ficar por alguns meses. Na sua opinião, você acha que eles devem, ou não devem, oferecer ao irmão(ã) para se hospedar sem custos no lar do casal?

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é “Sim, eles definitivamente devem” e 7 é “Não, eles definitivamente não devem”.

Marcar apenas uma opção.

- 1- Sim, eles definitivamente devem
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7 - Não, eles definitivamente não devem
- Prefiro não responder

22b. Considere um outro casal que mora com seus dois filhos e que tem espaço suficiente em sua casa para hospedar alguém. O pai de um dos cônjuges recentemente ficou viúvo. Embora ele esteja com boa saúde, ele tem se sentido solitário. Na sua opinião, você acha que eles devem, ou não devem, convidar o pai para vir morar com eles permanentemente?

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é “Sim, eles definitivamente devem” e 7 é “Não, eles definitivamente não devem”.

Marcar apenas uma opção.

- 1- Sim, eles definitivamente devem
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7 - Não, eles definitivamente não devem
- Prefiro não responder

23. Considere um casal de idosos. Um(a) dos(as) netos(as) do casal está temporariamente precisando de ajuda financeira, pois a empresa na qual trabalhava fechou recentemente. Você acha que eles devem ou não devem ajudar financeiramente o(a) neto(a)?

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é “Sim, eles definitivamente devem” e 7 é “Não, eles definitivamente não devem”.

Marcar apenas uma opção.

- 1- Sim, eles definitivamente devem
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7 - Não, eles definitivamente não devem
- Prefiro não responder

As pessoas têm opiniões diferentes sobre em quem podem confiar e quem é importante para si.

24. Enquanto algumas pessoas pensam que podem confiar mais em parentes próximos, outras pensam que podem confiar mais em amigos próximos. Qual pensamento está mais próximo da sua opinião?

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é “Pode-se, definitivamente, confiar mais em parentes próximos”, 4 é “Pode-se confiar igualmente em ambos” e 7 é “Pode-se, definitivamente, confiar mais em amigos próximos” Marcar apenas uma opção.

- 1- Pode-se, definitivamente, confiar mais em parentes próximos
- 2
- 3
- 4 - Pode-se confiar igualmente em ambos
- 5
- 6
- 7 - Pode-se, definitivamente, confiar mais em amigos próximos
- Não se pode confiar em nenhum deles
- Prefiro não responder

25. Enquanto algumas pessoas acreditam que parentes próximos devem ser as pessoas mais importantes na vida de alguém, outros pensam que os amigos mais próximos devem ser considerados os mais importantes. Qual ponto de vista está mais próximo da sua opinião?

Escolha um número numa escala de 1 a 7 onde 1 é “Parentes próximos definitivamente devem ser os mais importantes”, 4 é “Ambos devem ser igualmente importantes” e 7 é “Amigos próximos definitivamente devem ser os mais importantes”.

Marcar apenas uma opção.

- 1- Parentes próximos definitivamente devem ser os mais importantes
- 2
- 3
- 4 - Ambos devem ser igualmente importantes
- 5
- 6
- 7 - Amigos próximos definitivamente devem ser os mais importantes
- Prefiro não responder

27. As pessoas podem ter opiniões diferentes sobre quem é mais adequado para certas posições de liderança, se são as mulheres ou os homens. Considere os seguintes posicionamentos e marque as opções que mais se aproximam da sua opinião.

Marcar apenas uma opção por linha.

	As mulheres são muito mais adequadas	As mulheres são um pouco mais adequadas	Mulheres e homens são igualmente adequados	Os homens são um pouco mais adequados	Os homens são muito mais adequados	Prefiro não responder
Ministério de um governo						
Reitoria de uma universidade						
Presidência de uma empresa						

26. Se você considerar sua vida no geral, quão feliz ou infeliz você diria que é?

Marcar apenas uma opção.

- Completamente feliz
- Muito feliz
- Relativamente feliz
- Nem feliz nem infeliz
- Relativamente infeliz
- Muito infeliz
- Completamente infeliz
- Prefiro não responder

47. 28a. Pensando na renda total da sua casa, incluindo todas as fontes de renda de todos os membros que contribuem para isso, quão difícil ou fácil é para vocês pagarem todas as despesas atualmente?

Marcar apenas uma opção.

- Muito difícil
- Relativamente difícil
- Nem fácil nem difícil
- Relativamente fácil
- Muito fácil
- Prefiro não responder

48. 28b. Em comparação com 12 meses atrás, como você acha que a situação financeira da sua casa mudou? Você diria que a situação atual é...

Marcar apenas uma opção.

- Muito melhor
- Um pouco melhor
- Quase a mesma
- Um pouco pior
- Muito pior
- Prefiro não responder

29. Você fornece ajuda ou cuidados diários para membro(s) familiar(es), independente de morar(em) na sua casa ?

Ajuda: financeira ou em atividades do dia a dia, como, por exemplo: tarefas domésticas, consultas médicas, compromissos burocráticos (bancos, instituições públicas, documentos), etc.

Marcar apenas uma opção por linha.

	Sim	Não	Prefiro não responder
Criança(s) abaixo da idade escolar			
Criança(s) em idade escolar, até 18 anos			
Pessoa(s) idosa(s)			
Pessoa(s) doente(s)/com deficiência(s)			
Outra(s) pessoa(s)			

A próxima pergunta é sobre a sua educação (criação) e relacionamento com os seus pais.

Por "pais" queremos dizer pais biológicos, padrastos/madrastas ou pais adotivos. Por "criação", queremos dizer envolvimento na criação diária do(s) filho(s), por exemplo, dando ao(s) filho(s) valores morais, apoio emocional, envolvimento nas atividades do dia a dia (participando das atividades de lazer/lição de casa etc.).

30. Quem esteve mais envolvido na sua educação (criação) quando você era criança – sua mãe, seu pai ou ambos igualmente? *Marcar apenas uma opção.*

- Minha mãe esteve mais envolvida.
- Minha mãe esteve um pouco mais envolvida.
- Minha mãe e meu pai estiveram igualmente envolvidos.
- Meu pai esteve um pouco mais envolvido.
- Meu pai esteve muito mais envolvido.
- Somente um dos meus pais participou da minha criação.
- Nenhum dos meus pais participou da minha criação.
- Prefiro não responder

31. Pense a respeito da época em que você planejou buscar um trabalho remunerado. Quão receptivos seus pais foram a ideia de você buscar um trabalho remunerado?

Marcar apenas uma opção por linha.

	Muito receptivo(a)	Um pouco receptivo(a)	Não muito receptivo(a)	Não foi receptivo(a)	Não se aplica	prefiro não responder
Minha mãe foi ...						
Meu pai foi ...						

A próxima pergunta é sobre a criação de seu(s) filho(s) e sua(s) filha(s) e o seu relacionamento com ele(s) e ela(s).

Inclua quaisquer filhos biológicos, adotivos ou enteados.

Por "criação", queremos dizer envolvimento na criação diária do(s) filho(s), por exemplo, dando ao(s) filho(s) valores morais, apoio emocional, envolvimento nas atividades do dia a dia (participando das atividades de lazer/lição de casa etc.).

32. Agora pensando em seu(s) filho(s) e/ou sua(s) filha(s). Quem esteve mais * envolvido na educação dele(s) e/ou dela(s), você ou seu/sua cônjuge/parceiro(a)?

Marcar apenas uma opção.

- Eu sou/fui muito mais envolvido(a)
- Eu sou/fui um pouco mais envolvido(a)
- Eu e meu cônjuge/parceiro(a) somos/fomos igualmente envolvidos
- Meu cônjuge/parceiro(a) é/foi um pouco mais envolvido
- Meu cônjuge/parceiro(a) é/foi muito mais envolvido(a)
- Eu sou/fui um pai/mãe solo(a)
- Não se aplica

Apêndice 4- Transcrição das entrevistas

Entrevista 1

P: Pesquisadora

Entrevistado 1: Heitor (nome fictício)

P: Você confirma recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enviado por Whatsapp?

HEITOR: Confirmando.

P: Você concorda com os termos do TCLE?

HEITOR: Concordo.

P: Você autoriza o uso de sua voz e imagens exclusivamente para os fins dessa pesquisa?

HEITOR: Autorizo.

P: Qual sua idade?

HEITOR: 39 anos

P: Qual seu estado civil?

HEITOR: Casado

P: Qual seu nível escolar?

HEITOR: Pós-graduado

P: Qual o nível escolar de seu cônjuge?

HEITOR: Graduação incompleta – conclui ano que vem

P: Qual a idade de seus filhos?

HEITOR: 9 e 13 anos

P: Como vocês dividem as atividades domésticas, em casa?

HEITOR: Quando é limpeza superficial, minha filha (13 a) e meu filho (9 a) entram também. A gente faz eles fazerem essas tarefas. Basicamente meu filho fica com o lixo e com o recolhimento da limpeza das cadelas ali. Minha filha já está responsável pela limpeza da casa, passar o aspirador, passar uma vassoura, passar pano, meu filho também. A limpeza mais pesada, daí envolve, talvez passar pano tirar o pó das coisas, aí normalmente é minha esposa que faz. Aí quando vai para os vidros e box de banheiro, daí é mais pesado, daí eu também vou. Normalmente a gente não divide. A gente faz. Se for colocar no contrapeso a questão da roupa, por exemplo, a gente faz, mas quem faz mais é minha esposa. Mas todos fazemos. Aquele que termina as coisas, põe pra lavar e depois a gente estende. A louça é a mesma coisa. Todos fazem, quem mais faz [louça] sou eu. A comida,

basicamente eu faço. Porque devido aos nossos horários, eu peguei por costume num fim de semana, agora esse fim de semana vou fazer, vou tirar sábado ou domingo e passar o dia inteiro fazendo praticamente para o mês. Não é nem pra semana, é praticamente pro mês. Então eu já deixo as coisas prontas pro mês. Então o arroz, por exemplo, feijão, lentilha... Salada, a gente começou a preparar e deixar reservado, carne também eu já faço as carnes pra deixar pro mês, eventualmente pra duas semanas, ali. Como os horários são muito ajustados, pra gente fazer a comida já demora um pouco mais. Então a gente já deixa programado. Molho, por exemplo, daí num dia específico a gente só faz a massa [macarrão] e só põe o molho que já está pronto.

P: Você tem ideia de quanto tempo cada um de vocês se dedica pra toda essa função com a casa? Por dia, ou por semana, o que ficar mais fácil pra você pensar.

HEITOR: Por dia, pensando todo dia fazer, e pegando só os horários que são feitos, né? Então, a velocidade da manhã e do meio-dia somados, dá em torno de uns 40 minutos a uma hora e meia, mais ou menos. Porque uma das coisas que a gente faz, talvez eu faça mais, é pegar, talvez, 20 minutos pra resolver alguma coisa específica. Então, assim, tem a louça ali, então eu vou ,... de tarde, talvez dá 1h20 ou dá 1h40, eu vou lá e vou resolver aquilo ali, então somados dá mais ou menos esse tempo. Já quando entra uma limpeza mais pesada, ou uma..., o almoço da semana aí é umas 3 ou 4 horas, mais ou menos. Pra mim, o almoço do mês é em torno disso. Eu começo de manhã cedo ou depois do meio-dia, e vou às vezes até às 4h, 5h da tarde pra fazer. Porque tem todo aquele processo de fazer o alimento, esperar esfriar, mudar, fazer de novo, esperar esfriar, botar nos potes e colocar no freezer. Minha Esposa, tem uma rotina mais apertada. Ela não tem tempo pra isso e quando ela tem... Ela chega e fica 20 minutos talvez se envolvendo com a roupa que a gente não colocou durante o dia na máquina. Dificilmente ela entra pra lavar louça, né. É mais a minha área, vamos dizer assim. Mais a roupa, então. Na máquina, ela vai lá, pega esses 20 minutos e faz isso. Quando ela fica em casa, e daí ela realmente vai fazer, ah, vai umas duas ou três horas. Aí, literalmente ela vai fazer tudo. Ela vai varrer, depois de varrer ela passa aspirador, depois do aspirador ela passa pano, depois do pano ela vem pra tirar o pó dos móveis. Por mais que a gente eventualmente ajude, ela prefere às vezes fazer sozinha, então. Isso não gera briga nem discussão, isso é algo que a gente entende, daí ela diz não, eu vou fazer, tá? Beleza. Então eu vou fazer outra coisa.

P: Em algum momento você se sente incomodado ou constrangido, seja em casa ou entre amigos, por fazer essas atividades domésticas?

HEITOR: Nem um pouco. Inclusive, já falei pra amigos, antigos colegas de trabalho, que eles deviam fazer. De questionar, o cara comentar alguma coisa, falar que tinha feito, questionar alguma coisa e eu perguntar pra ele, por que que ele não faz? Ou induzir ele a

fazer. Foi algo tipo assim: “A minha esposa não fez tal coisa e ficou lá jogado”. Eu perguntei “por que tu não fez?” O cara ficou me olhando e daí eu fui me “atirando” em cima dele em algumas questões, mas o tom da conversa, basicamente, foi isso: “por que tu não faz?”.

P: Então você é quem deixa o cara constrangido por não fazer do que ele te deixa por fazer?

HEITOR: Exatamente. Quando a gente está reunido, né, que não é família, são convidados ou amigos, ou são pessoas que são amigos de amigos, né. Que normalmente não me conhecem. Que estão me conhecendo naquele momento, eu não tenho problema nenhum em recolher as coisas, como já fiz tantas outras vezes. Recolho as coisas, e daí gera os constrangimentos deles, no caso. Das esposas ou namoradas perguntarem para a minha esposa sobre isso.

A grande maioria das pessoas que eu conheço, sejam elas casadas, vamos contar fora do ciclo da igreja que a gente frequenta, tá. Os homens não fazem. Então, quando nós fomos para o Outro Estado, ali, que nós ficamos um tempo na casa de uma prima da Minha Esposa, não é? Além de eu cozinhar, eu também depois que a gente terminava ali, eu tirava a mesa, levava a louça, enfim, organizava ali, né. E as primeiras vezes que eu fiz isso, em casas diferentes, com pessoas diferentes, o comentário com minha esposa era exatamente a mesma coisa: “Por que que ele está fazendo isso?” E ela dizia: “isso é normal pra gente fazer isso. Ele já tira [a louça] e já faz.” As pessoas em volta “Meu marido nunca fez, meu namorado nunca fez isso”. Porém quando a gente vai quando com algumas conversas ou tem algumas pessoas, daí eu não vou generalizar, mas muda assim o percentual das pessoas que estão ligadas ao meu círculo da igreja, isso é um pouco mais comum. Então, dentro dos casais ali que a gente ou frequenta a casa ou que vem aqui em casa, é mais comum que isso ocorra. Não quando, obviamente, tem muita gente. Daí, normalmente, as mulheres fazem o trabalho. A gente escuta o comentário: “A gente faz isso, eu sou responsável, por exemplo e meu marido acaba lavando a louça.” Eu noto que em alguns momentos os casais estão mais divididos nas tarefas. O que eu penso, isso é um pensamento meu. Você [se referindo a ele] tem a obrigação de fazer alguma coisa, ou ajudar, né. Vou ajudar minha esposa ou a minha namorada a fazer, eu acho que é uma divisão. Vamos fazer. Minha esposa prefere limpar a casa enquanto ela odeia lavar louça. Então, eu automaticamente, prefiro lavar louça. Então a gente acaba dividindo isso, mas não como uma obrigação de ajudar minha esposa, ou o contrário, né?

P: Não como sendo uma ajuda, mas como sendo responsabilidade de todo mundo?

HEITOR: Exato. Até porque se eu fosse solteiro eu teria que fazer tanto a limpeza quanto a própria louça, né? Fazer a manutenção diária do lar. Tem muita gente que não faz. Muitos homens que do círculo próximo, amigos e conhecidos que não fazem. E tem pessoas, inclusive, que passam o dia inteiro trabalhando, e a esposa ainda é aquele modelo, vamos

dizer antigo, que fica em casa fazendo as tarefas de casa. Não tem filhos, às vezes, e daí faz as tarefas de casa e o marido literalmente chega em casa e vai jantar, liga a TV e a mulher vai fazer as tarefas.

P: E, como você aprendeu a fazer essas coisas?

HEITOR: Eu sempre fiz. Eu tenho, desde que me conheço por gente, eu tenho a ... antes era uma obrigação. Depois passou a fazer parte do dia a dia, até posterior ao casamento. Então, em casa, quando era solteiro, eu tinha a obrigação de fazer algumas tarefas. Principalmente louça. Botar a mesa, tirar a mesa, lavar louça. Seja de manhã, seja de tarde, de noite. Eu sempre tive isso meio que caminhando junto comigo. Essas atividades.

Primeiro eu via, assim, o que eu lembro, né? Que eu via outros fazendo e queria fazer, mas talvez por ser criança, né? Depois disso, começou a ser imposto. Aí é uma coisa psicológica da minha cabeça... Se eu quero fazer alguma coisa e alguém me manda fazer, eu já não faço com a vontade que eu tinha antes. Assim, a louça, especificamente, é bem chamativo. Porque é algo que eu faço. Gosto de fazer, pra mim, pros outros ou qualquer pessoa que esteja junto. Me deixa envergonhado, diferente, é tirar o pó. Quando eu era criança a mãe dizia pra eu tirar o pó, que era uma obrigação minha, e até hoje eu detesto fazer isso. Me incomoda muito mais, né a louça. A pia bagunçada, do que às vezes ver o chão sem varrer. Minha esposa é o contrário. Incomoda muito mais ela chegar e ver lá por que não limpavam o chão, mas a pia pode estar com louça. Claro que, pela sujeira em si, a gente acaba não deixando. Então é algo bem diferente, assim, a percepção de um e de outro.

P: Eu conheço tua história [o pai dele saiu de casa e não deu mais notícias quando ele tinha 4 anos], então vou perguntar assim: você tem ideia se o teu pai fazia essas coisas? Que coisas com relação à casa, você tem conhecimento do teu pai fazer? E, pelo que as pessoas falam dele, você participa mais das atividades da casa do que ele?

HEITOR: Nunca conversei com ninguém especificamente sobre isso. Nunca entrei nesse detalhe específico. O que a mana, eu acho, comentava era que o pai fazia algumas coisas, ajudava em algumas coisas. Mas a época que eu peguei, né não tinha mais nada [antes de sair de casa, o pai já passava longos períodos fora]. Um dos motivos de eu começar a fazer era justamente por isso. Porque ele não estava em casa, estava trabalhando. A mãe trabalhava de noite [também] e alguém tinha que fazer alguma coisa dentro de casa, como limpeza, tirar a roupa, lavar a louça e tudo mais. Então eu não tenho essa referência [do pai], mas imagino que eu faço mais do ele.

P: Pesquisadora

RAUL (nome fictício): Entrevistado 2

P: Você confirma recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enviado por Whatsapp?

RAUL: Confirmo.

P: Você concorda com os termos do TCLE?

RAUL: Concordo.

P: Você autoriza o uso de sua voz e imagens exclusivamente para os fins dessa pesquisa?

RAUL: Autorizo.

P: Qual a tua idade?

RAUL: 58.

P: Seu estado civil.

RAUL: casado

P: Seu nível escolar?

RAUL: Pós-graduado: mestrado.

P: Sua ocupação?

RAUL: professor

P: Qual o nível escolar de sua esposa?

RAUL: Graduada

P: Qual a ocupação atual dela?

RAUL: Ela é auditora. Não, ela é consultora.

P: Tem filhos?

RAUL: Sim, um

P: Como você e sua esposa dividem o trabalho doméstico?

RAUL: Não temos essa organização, né? É... A gente vê a necessidade de fazer e faz. Aí existem compromissos que ela tem e pode fazer determinada atividade, eu faço. Se eu estou com um compromisso e precisa fazer determinada atividade, ela faz. Então não temos assim ... nenhum, nenhum tipo dessa organização, quem faz o que? Claro que os afazeres domésticos são mais dela do que de mim, especificamente. Eu tenho outras demandas também da casa que não é exatamente ficar limpando a casa, e tal. Tem outras coisas da própria casa que eu tenho que ver, coisas de manutenção, por exemplo.

P: quanto tempo cada um de vocês se dedica ao trabalho doméstico?

RAUL: não tenho ideia. Porque às vezes eu faço as coisas, às vezes ela faz, às vezes nós dois fazemos juntos, não é uma rotina que eu faço todo dia a mesma coisa... talvez fazer um

café todo dia, eu faço. Fazer a carne, praticamente todo dia, menos na terça-feira. Todo dia eu faço. O problema é quando eu não posso estar em casa, daí Minha Esposa faz pra mim. Mas estando em casa sou eu que sempre faço. Mas não tenho ideia, assim... talvez meia hora, uma hora por dia. Aí sábado, quando eu não tenho atividade externa, eu ajudo a fazer a limpeza da casa. E essa limpeza dura em torno de duas horas. Semanalmente, seria umas 4 ou 5 horas de serviço doméstico pra mim. Já minha esposa, eu acho que ela tem um cuidado maior com as coisas. Acho que ela dedica coisas, por exemplo, mais próximas, entre aspas, do feminino mesmo, né? Às vezes arruma o guarda-roupa, sabe, dobra uma roupa, tira uma roupa da máquina, tira a roupa do varal. Coisas desse tipo assim, nesse caso ela praticamente, ela quase que domina por completo. Mas aí, somando o tempo, ela ..., sei lá... [perguntou para a esposa] Será que você dobra o tempo de trabalho com relação ao meu? [esposa respondeu afirmativamente] Ela dobra, então.

P: Com relação à tua família de origem, você acha, você entende que você faz mais do que teu pai fazia, ou do que ele faz, esse tipo de atividade? Ou é a mesma coisa?

RAUL: 100%, 100% mais. Só eu e o [nome do irmão] que temos esse hábito de fazer esse tipo de atividade. Ninguém mais da família é competente pra fazer nada disso.

P: Você falou que com relação ao teu pai é você faz esse tipo de atividade bem mais do que ele. Então, focando nesse tipo de atividade, onde que você entende que você aprendeu isso? Ou como você aprendeu a ser esse homem que que contribui com o cuidado da casa?

RAUL: Eu saí de casa com 14 anos. Fui para o seminário. E lá eu tinha que dar conta de algumas coisas básicas, por exemplo: de dobrar minhas roupas, de arrumar a cama, de limpar a casa, de lavar a louça, ... Então isso foi uma coisa que eu acho que internalizou.

P: em algum momento você se sentiu incomodado, pressionado, constrangido de fazer esse tipo de trabalho de casa?

RAUL: Não, não. Mas acho que eu deveria ser homem de verdade, entendeu? [em tom de brincadeira]. Aquele homem que entra na casa com o pé sujo, que joga o sapato em qualquer lugar, que deita no sofá e a esposa que se f****. Eu tenho inveja desses caras, eu não consigo ser assim, não adianta. Não consigo, mas gostaria.

P: Você gostaria de ser assim?

RAUL: Gostaria. Gostaria de não ter a sensibilidade que eu tenho pra cuidar da mulher como eu cuido.

P: Entendi. Pra você, um homem de verdade, não faz isso?

RAUL: Não, eu to dizendo senso comum. Na sociedade o homem de verdade não faz isso. O senso comum. O fato de eu fazer não tira de nenhum jeito a minha é... minha postura de homem de verdade. É só que é uma coisa que a gente percebe que não é uma prática. Nós

somos realmente exceções, mas acredito que tem muita gente vindo aí com esse formato diferenciado.

P: Você tá notando que tem essa mudança? Que os homens estão participando, mais? Você nota isso nas suas relações? Ou não?

RAUL: Eu não converso muito sobre isso, não. Mas, não sei, não sei. Acho que a gente reproduz, né, alguns, né. Por exemplo, meu filho saiu melhor do que eu ainda, né, nesse sentido. Nesse sentido, se brincar, ou ele faz mais serviço doméstico que a mulher dele, ou, no mínimo a metade [do serviço] ele faz tranquilo. Mas é só ele também da família, nem da família da minha esposa tem isso. Nenhum deles é capaz de fazer isso. Os homens que casaram com as irmãs dela, todos eles têm o mesmo perfil. Alguns mais chucro, assim, o mais velho, por exemplo, que está com 65 anos mais ou menos, ele cozinha, ele limpa o chão. Na grossura masculina que ele é. Poque ele era boiadeiro, então ele tem um comportamento diferente, ele faz essas coisas, tranquilamente, sem problema nenhum. Aí tem mais dois cunhados, cunhados dele também. Um extremamente caprichoso, quase uma mulher, e o outro, assim, comida ele faz todo dia.

Entrevista 3 - TRANSCRIÇÃO

P: Pesquisadora

Entrevistado 3: THIAGO (nome fictício)

P: Você confirma recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enviado por Whatsapp?

THIAGO: Confirmo.

P: Você concorda com os termos do TCLE?

THIAGO: Concordo.

P: Você autoriza o uso de sua voz e imagens exclusivamente para os fins dessa pesquisa?

THIAGO: Autorizo.

P: Qual sua idade?

THIAGO: 43 anos

P: Qual seu estado civil?

THIAGO: Casado

P: Qual seu nível escolar?

THIAGO: Olha, estou fazendo mestrado. A dissertação de mestrado. Falta terminar o trabalho. O pior é que a gente deixa sempre para o último prazo, né? Impressionante, cara.

P: Qual o nível escolar da tua esposa?

THIAGO: Superior completo. Ela é formada em publicidade. Ela trabalhou por um tempo e depois a gente fez um acordo de ela largar tudo e eu prover os custos da casa e tudo mais, e ela ficaria responsável pela educação dos nossos filhos. Aí ela começou a sentir necessidade de voltar para o mercado e tudo mais. Agora que os filhos estão crescidos, né? Não depende mais tanto quanto antes. Trabalhou por um tempo de forma remota para uma conhecida de outro estado. Aí acabou que a pessoa passou a exigir muito dela, fora dos horários combinados. Aí ela abriu mão e largou de vez, entendeu? Então parou e hoje ela fica em casa. Só cuida dos filhos e leva os filhos para a escola, aula, catequese, essas coisas assim, entendeu?

P: Essa decisão de ela parar de trabalhar, foi um pedido teu, foi uma necessidade dela, foi uma conversa. O que fez isso acontecer?

THIAGO: Assim, foi meio que um acordo mútuo. Na época eu estava com um salário muito bom pra época, então conseguia nos prover tranquilamente. Quando nossa filha mais velha nasceu, ela pegou licença de seis meses e teria a possibilidade de retornar para a Empresa, mas como a gente já estava morando aqui nessa cidade, ela acabou saindo de lá mesmo. Pediu a rescisão do contrato.

P: Qual a idade de seus filhos?

THIAGO: A menina tem 11 anos e o menino tem 7 anos.

P: Como vocês dividem as tarefas domésticas?

THIAGO: Ai, que pergunta... Na verdade, a gente não divide. Tudo o que é relacionado à casa, praticamente ela faz. Não vou dizer 100%, mas 95% fica com minha esposa. Limpeza da casa, roupa, comida, tudo. Vamos lá, talvez no final de semana, que eu não sei cozinhar, né? Mas tipo num final semana, eu faço, sei lá, num domingo, ou no sábado, eu faço o café da manhã, e tal, mas normalmente é tudo com ela. Eu faço mais o trabalho braçal, tipo, passar um Vap nas paredes, trocar uma lâmpada, consertar alguma coisa, aí fica comigo. O restante tudo com minha esposa.

P: Bom, então a segunda pergunta está respondida, quanto tempo cada um de vocês dedica a esse tipo de trabalho? Ao trabalho doméstico.

THIAGO: Então, assim, todo dia é quase nada da minha parte, mas eu procuro deixar todas as minhas coisas organizadas, ou, se não estão organizadas, estão pelo menos organizadas num canto. Não ficam espalhadas pela casa como as crianças deixam. Então, pelo menos,

de certa forma eu tento ajudar, assim. Minha esposa, desde o momento que ela acorda, né? Porque ou ela acorda pra ir pra academia antes de eu ir para o trabalho, aí ,ela tem que acordar às 5h e pouco da manhã, ou 6h para a academia e voltar antes de eu ir para o trabalho, que eu saio mais ou menos umas 8h. Quando ela não acorda esse horário, sei lá, umas 8h30, 9h no máximo ela está acordando o nosso filho, ali porque ele tem aula de futebol na terça e na quinta, né? Então, de manhã cedo daí é o futebol, os dois, daí chega e já prepara o almoço. E esse tempo que vai fazendo o almoço, tem que estar lavando a roupa, estendendo, não sei o quê, cobrando eles de eles tomarem banho ou colocar a roupa da escola já, fazendo a lancheira... E aí depois vai levar eles pra escola, volta e continua o segundo tempo. E à noite, também, quando eu chego aí é janta e tudo mais. Não digo dois terços do dia, mas quase isso. Pelo menos um terço seria dormindo, né?

P: Você se sente incomodado ou de alguma forma você sente que você deveria participar mais das coisas, das atividades da casa.?

THIAGO: Assim, ó. Em alguns momentos, sim, em alguns momentos não. O que eu falo pra ela é que assim, a atividade que ela desenvolve dentro de casa, apesar de ser muito importante, não faz com que ela tenha um cansaço mental, mas sim um cansaço físico, de corpo, né? Ao contrário do meu trabalho. Não é um trabalho físico, mas é um trabalho muito mental que me esgota. Então, tipo assim, eu chego em casa à noite, eu estou esgotado. E às vezes ela cobra algumas coisas, assim, para eu ajudar e tal. Eu não estou com ânimo, estou muito cansado e tal, que eu entendo que cansa muito mais que a atividade física, né? Que fazer alguma coisa física, né? Não muito pensar e tudo mais, entendeu? Então, como eu falei, em alguns momentos eu entendo que deveria participar mais das atividades, e em alguns momentos eu, puxa, eu cansei, estou cansado e tal, então [ela] tem que saber relevar, já que eu estou provendo a casa. Então acho que, né? Acho que tem que saber dividir dessa forma, né?

P: Entendi. Com relação à sua família de origem, você entende que se dedica mais ou menos que seu pai com essas atividades?

THIAGO: Não, o pai era totalmente trabalho fora de casa, né? Tinha por vezes que eu lembro dele chegar tarde, tipo 8h, 9h, 10h da noite, que estava trabalhando, né? E sempre a mãe que ficava em casa no serviço doméstico. Tudo ela que fazia. Levar a gente pra escola, voltar, ela fazia toda a parte de casa. Não lembro do meu pai, sei lá, fazendo alguma atividade de casa. Assim, não lembro. Talvez varrer um quintal, coisa assim, né? Mas fora isso, não, né? E acho que a criação daquela época era muito isso, né? Era o marido prover e a mãe e a esposa fica em casa cuidando dos filhos, né? Não é nem questão machista, mas era o negócio mais moderno era o marido trabalhava e a esposa ficava em casa

cuidando dos filhos, né? Interessante que um tempo atrás o meu pai comentou com minha esposa, ele falou assim: “nossa, eu vejo o Entrevistado 3 brincando às vezes com o filho, com a filha e tal, e eu sempre me preocupei em trabalhar, e eu me arrependo de não ter aproveitado um pouco mais a criação deles [dos filhos], então hoje eu tento ficar um pouco mais com meus netos, ficar um pouco mais perto deles porque eu não tive isso e eu vejo que o Entrevistado 3 pelo menos aproveita um pouco mais isso”.

P: Pensando nos seus contatos, você tem a percepção de que os homens estão participando mais do trabalho doméstico?

THIAGO: Eu tenho um amigo meu, que ele morou aqui na minha cidade por anos, né? Conheci o pai dele, conheço bem o pai dele. É um cara assim, que já viajou o mundo, foi para a China, foi pra Índia... É um cara bonitão, e tal. Então ele viajou o mundo inteiro e aí ele conheceu uma amiga da irmã dele que fazia medicina, né? Acabou que conheceu e casou com ela. E assim, hoje eles têm dois filhos. Ela passou num concurso em Brasília, para trabalhar como médica em Brasília. Foi no tempo da pandemia. Ele largou tudo pra ir para lá. Fechou tudo, vendeu tudo e hoje como é a rotina dele... Ele que cuida dos filhos em casa. Ela não. Ela só trabalha, né? Como ele é professor de educação física, ele começou a fazer aulas online e gravadas. Então, ele hoje vende curso, tudo pela internet. Ele cuida dos filhos, ele que dá banho, faz comida e tal, faz tudo para os filhos. Ele fica 100% dos filhos. Antigamente você não pensaria isso de jeito nenhum, né?

P: Você acha isso errado?

THIAGO: Não. Eu acho assim, quem tem a possibilidade de prover melhor a casa toma o posto, né? Eu falei para minha esposa: “você quer trabalhar fora? Beleza! Se você conseguir um salário que seja melhor do que o meu hoje, beleza. Se você quiser eu fico em casa, faço as tarefas de casa e tal, e você trabalha.”

P: E como você aprendeu a ser esse homem que você é hoje?

THIAGO: Eu acho que uns 50% eu trago de berço, né? Então, tudo o que eu faço hoje, pelo menos uns 50% eu tento trazer de reflexo, da minha família e tal, pra cá. Outros 25%, talvez alguma coisa relacionada à minha esposa. As coisas que ela me contou com relação à família dela e tudo mais, então. Com relação à família dela e tudo mais, então tento de alguma forma, as coisas que ela não gostava do que aconteceu lá, então tento de alguma forma me policiar para não ter esse reflexo do que tinha lá e ver em casa. E eu acho que os outros 25% seria questão externa, trabalhar no que a gente vê em televisão, na mídia e tudo mais. Não esqueço que o que me manda por hoje são essas porcentagens. Só que o que eu penso, no caso dos meus pais, eu vejo que a criação toda que eles

deram para mim, para meus irmãos, foi efetiva. Tanto que a gente nunca se envolveu em nada de errado. Então é isso que a gente busca nos nossos filhos, né? Sempre na igreja, participando, por conta disso então, acho que essa bagagem eu trago em torno de 50% deles. Eu sei que deu certo. O restante realmente é um pouco da minha esposa e um pouco do que a gente vê no dia a dia e tentar ir moldando, né? Para ser cada vez melhor, ter uma evolução melhor, aí, né?

Entrevista 4 - Transcrição

P: Pesquisadora

Entrevistado 4: VINÍCIUS (Nome fictício)

P: Você confirma recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enviado por Whatsapp?

VINÍCIUS: Confirmando.

P: Você concorda com os termos do TCLE?

VINÍCIUS: Concordo.

P: Você autoriza o uso de sua voz e imagens exclusivamente para os fins dessa pesquisa?

VINÍCIUS: Autorizo.

P: Qual a sua idade?

VINÍCIUS: 44 anos

P: Qual seu estado civil?

VINÍCIUS: Casado.

P: Qual seu nível escolar?

M4: Mestrado, pós-graduação completa

P: Qual o nível escolar de seu cônjuge?

VINÍCIUS: Graduação completa

P: Qual a idade de seus filhos?

VINÍCIUS: Minha filha tem 9 e meu filho tem 7 anos

P: Como é que vocês e a sua esposa dividem as atividades domésticas?

VINÍCIUS: É... assim... , a gente tem que fazer, né? Então, é mão na massa mesmo. Tem uma certa, digamos, zonas de preferências, né? Eu acabo ficando mais com a cozinha, ela mais com a área de serviço, na, na, nas, limpezas mais pesadas do dia a dia, assim, né? Então normalmente é almoço, troca, quando eu estou, eu faço, quando ela tá ela faz... A cozinha, normalmente quem limpa mais, louça, essas coisas sou eu e ela fica mais na questão de

roupas, né? Mas agora tenho ali, acabei de passar uma máquina de meias aí, daqui a pouco vou ter que estender. A gente troca muito assim, né?

P: Você tem ideia de quanto tempo cada um de vocês se dedica pra isso, no dia a dia?

VINÍCIUS: É, eu acho que daria para colocar aí, uma média de 1 hora e meia, 2 horas por dia. Nas atividades, pelo menos.

P: Cada um de vocês?

VINÍCIUS: Cada um de nós, é.

P: E esse tempo dedicado é mais ou menos equilibrado entre vocês 2, ou você entende que um dos 2 se dedica mais?

P4: Depende, é. Eu acho que Minha Esposa acaba sempre se dedicando um pouco mais, né? Assim ela tem, ela tem... Assim, pra mim, louça limpa e a cama arrumada, é... é... a casa está em ordem, né? É a minha percepção. Ela já não tem essa percepção, ela tem que estar com as... Ela tem mais preocupação com a roupa das crianças principalmente, é cuida mais disso, e da limpeza, mas no final de semana. Eu acabei é, né, acordando mais cedo, estava precisando de uma geral no chão. Eu peguei ali o... já..., o esfregão já..., já parti pra limpeza mais pesada de chão. Ela cuida mais, às vezes de limpeza de banheiro, essas coisas. Ela né, acaba se dedicando mais. Eu acho que é muito, muito pelo incômodo que cada um tem, né? Acho que é mais pelo nível de tolerância que cada um aguenta. Que hoje não tem ninguém que... que ajude a gente, né? Estamos a partir de 2 anos aqui na casa não tem ninguém, nunca teve alguém que veio ajudar a gente assim, né? Diarista, empregada. Então assim, a gente tem que manter a ordem. Agora, as crianças já começa a entrar também nas atividades, então uma coisinha ou outra a gente já começa a delegar para eles também, né? Digo de arrumar o quarto deles e tudo mais. Né, gente que acaba dividindo bastante. Ela, se fosse para colocar em percentual, assim eu acho que ela ainda fica uns 60/40 mais ou menos ou 65/35... mais pelo nível de tolerância mesmo, né? Eu ainda acabo sendo um pouco mais tolerante. Mais tolerante com a sujeira, com a bagunça, ela é menos. Daí ela acaba se envolvendo mais com isso.

P: De alguma forma, tanto em casa quanto com relação a amigos, você se sente incomodado? Por fazer esse tipo de atividade doméstica?

VINÍCIUS: Nem um pouco. Eu já fazia... até esses dias eu estava conversando com minha esposa. Assim, eu já morei sozinho muito tempo fora, né? Não tem, aí não tem opção, né? Você tem que fazer. E eu ficava bem, em morar... Nunca gostei de morar em um lugar bagunçado, né? sempre tive, né? Eu não sou ou aquele esmero de organização, mas... mas eu sempre gostei de ter as coisas mais ou menos arrumadas, então tem que fazer sempre, a limpeza de casa, limpeza de banheiro não tem problema nenhum, não me sinto nem um pouco constrangido.

P: Com relação a tua família de origem, você lembra do teu pai fazendo essas atividades também?
Teu pai fazia ou não fazia?

VINÍCIUS: Sim, é meu pai, é bem sistemático, metódico, assim. Então a gente sempre ajudou a fazer e até hoje, né? Quando a gente vai almoçar na casa deles novamente, quem Lava a louça ou sou eu ou ele. Minha mãe prepara mais almoço, arruma a mesa e ele cuida da louça. Então essa é uma referência que eu tenho e que eu lembro também assim, toda todo sábado de manhã, por exemplo, ele também dava uma faxininha assim, mais com vassoura na mão, mesmo assim de dar aquela limpada de chão assim, a gente tinha sempre alguém pra ajudar, então era menos volume, digamos assim, para ele, né? Mas ele sempre teve envolvido também. Nos afazeres domésticos.

P: Com relação ao teu pai, você se dedica mais ou menos? Você se dedica mais do que ele, a essas atividades, igual ou menos?

VINÍCIUS: É, eu acho que no momento, agora, atualmente, talvez mais, porque eles têm lá alguém que ajuda eles. Então não precisa se dedicar a querer passar roupa, lavar roupa, tem alguém que faça isso nessa limpeza doméstica mais do grosso da casa assim, né? De limpar chão, de tirar pó é de limpar banheiro. Eles têm lá alguém que ajuda eles diariamente, né? Aqui em casa não. Então hoje eu me envolvo mais. Mas ele sempre teve envolvido assim, sempre, nunca foi, é, nunca foi aquele que o homem assim, sabe. Tipo, ah não é a mulher que faz, até porque a minha mãe tem uma limitação física. Então ele sempre ela.. Ela nunca impediu ela de fazer nada, mas o fato dela não ter uma perna, ele sempre foi muito ativo nas coisas assim, ele foi muito mais envolvido.

P: Como que você entende que você aprendeu a ser esse homem que você é? Que participa, que se dedica à limpeza da casa?

VINÍCIUS: Eu acho que com o meu pai sim também, né? Eu acho que. Uma parte no... desse..., essa referência né? Do pai dele, de fazer, né? De nunca ter também ser tido problema com isso também não, não se constrange. Então é, eu acho que nunca passou nada nesse sentido para mim. E eu acho que é até questão de ter que me virar na vida também assim, sabe? Porque tem alguns elementos assim que me vem a mente agora, fui Escoteiro, Escoteiro, você tem que fazer, sabe? Aí quando eu fui sair também morei fora um tempo é, fiz intercâmbio, depois fui fazer, mestrado fora, aí nesse período todo era morava sozinho, então a gente tem... Não tinha muita escolha assim, né? O pai não faz, né, é cozinhar, lavar... Não tinha, não tinha nem opção, não tinha ninguém ali me ajudando. Então, assim, desde cozinhar. É, né? Limpar casa, limpar banheiro, limpar chão, lavar louça, limpar geladeira, lavar roupa, tudo isso sempre foi parte das minhas atividades. Assim, nunca, nunca terceirizei isso. Então, acho que foi essa construção também.

P: 8. Pensando nos seus contatos, você tem a percepção de que os homens estão participando mais do trabalho doméstico?

VINÍCIUS: Eu acho que é bem melhor. Conheço meu ciclo de amizade mais próximo. Tem uns que não fazem nada e outros que fazem como eu ou até mais. Eu tenho percebido, assim... pelo menos na parte doméstica, por exemplo, de criação dos filhos, né? Todos aqueles amigos meus que têm filhos, eles participam talvez muito mais do que historicamente o homem participava. Nessa parte para trazer a questão dos filhos como algo também, né? Sim, atividade doméstica é. Então Eu Acredito que hoje ele tem participado bastante, bem mais ativamente, né? Na criação dos filhos e nesses afazeres do dia a dia assim de lavar roupa, lavar louça, limpar, limpar a casa. Acho que quem tem condições acaba terceirizando, né? Acaba contratando alguém para fazer. É quem não tem, acaba fazendo também. Né? Daí por uma questão daí de necessidade mesmo, né? De ter que manter minimamente a ordem ali. Mas eu acho que tem mudado. Eu acho que nesses 2 cenários, sabe, eu acho que uma é questão cultural e a outra é uma questão social. De momento mesmo que a gente está vivendo, que exige a gente, porque antigamente era normal. A gente ter né? Uma assistente uma pessoa doméstica, não é? Sim, é a maioria dos meus amigos, assim do meu círculo. Talvez tivesse tido alguém ajudando em casa ou os pais tinham alguém ajudando em casa, né? Para fazer comida, para, para, para arrumar, para receber quando chegava da escola principal, estavam muito fora, né? E hoje a gente não tem muito mais essa realidade, pelo menos não no meu círculo mais próximo, assim são alguns poucos que tem, né? Quem tem às vezes é uma diarista 1, 2 vezes na semana, ou muito pontual assim, para fazer essa limpeza mais pesada. Então a pessoa tem que se envolver mais, né? Tem muito, tem amigos meus que eu conheço, que é a mulher tem um emprego fixo e que tem aquela... dá aquele equilíbrio, e ele faz as vezes projetos ou tem coisas, é mais volátil, até o próprio ganha pão. A participação dele às vezes é a grande também, mas não é tão segura quanto o emprego da mulher, né? Tem uns amigos meus, ela é dentista e ele empresário, né? Então ele tem mais flexibilidade de horário. Ele tem empresa tal, está sempre na empresa, mas tem uma flexibilidade tão às vezes tem que levar alguém no médico, ele que leva as meninas ou com as atividades extracurriculares, ele quer acaba ficando mais próximo das filhas. E um outro também, tá começando agora também como empresário, era engenheiro. Ficou um tempo fora agora tá ficando mais aí também a esposa tem um cargo num escritório né, que é fixo tal, ganha bem e ele acaba sendo a pessoa que fica mais cuidando até das crianças. É, da casa, das crianças, dos afazeres. Também, tem essa vertente também, né? Das mulheres estarem muito mais envolvidas, né? Hoje, né, profissionalmente falando, e é importante que estejam pra poder ajudar a equilibrar financeiramente também, então acaba o homem tendo que também assumir um pouco desses afazeres.

Entrevista 5 - Transcrição

P: Pesquisadora

Entrevistado 5: LUIZ (nome fictício)

P: Você confirma recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enviado por Whatsapp?

LUIZ: Confirmando.

P: Você concorda com os termos do TCLE?

LUIZ: Concordo.

P: Você autoriza o uso de sua voz e imagens exclusivamente para os fins dessa pesquisa?

LUIZ: Autorizo.

P: Qual a tua idade?

LUIZ: 33

P: Você é casado, tem união estável, qual teu estado civil oficial?

LUIZ: Casado, com comunhão de bens

P: Qual o teu nível escolar?

LUIZ: Pós-graduado, tenho uma pós-graduação já.

P: E tua esposa, qual o nível escolar dela?

LUIZ: Especialização, também especialização.

Quantos filhos você tem?

LUIZ: um filho

P: Qual a idade dele?

LUIZ: Um ano e 3 meses.

P: Agora vamos lá, as perguntas da entrevista mesmo. Como que você e sua esposa dividem as atividades domésticas?

LUIZ: Bem, a gente não é muito regrado, mas, no dia a dia eu sou responsável... Em lavar a louça, em tirar o lixo. Ela, às vezes é mais cozinhar, e arrumar a roupa, passar essas coisas. Mas ao mesmo tempo acaba que a gente faz um pouco de tudo aí. Às vezes eu também cozinho, arrumo às vezes, ela também. Então, teoricamente a gente divide, mas no dia a dia acaba todo mundo fazendo tudo com o tempo que tem por que um tá cuidando do filho, o outro faz; e outro está cuidando do filho o outro faz nos nossos tempos livres.

P: E você tem ideia de quanto tempo cada um de vocês se dedica por dia, por semana, ou tipo assim, no dia a dia, quanto tempo cada um de vocês se dedica a essa tarefa de casa?

LUIZ: Eu não sei dizer, porque se a gente aqui é... a gente paga uma pessoa que vem a cada 15 dias, por exemplo, vem fazer comida. Então a comida já fica pronta para os próximos 15 dias. E a gente paga uma pessoa que uma vez por semana, vem fazer limpeza geral. Então a gente faz mais essas coisas básicas, né? Esquentar comida, cozinhar algo específico que nós queremos ter, lavar a louça, que é o dia a dia, né? Então, por causa disso eu não consigo falar um tempo. Depende. Se tiver muita louça que vai levar mais meia hora, 1 hora. Então, quando lava a louça, tem que limpar o chão, então acho que entre uma hora e uma hora e meia, se fosse fazer isso.

P: Isso compartilhado?

LUIZ: Sim, compartilhado.

P: Esse tempo compartilhado, é dividido igualmente, ou algum de vocês tem um tempo maior de dedicação, em geral?

LUIZ: Eu acho que a gente divide o tempo igual, assim. Especificamente nos trabalhos de casa, domésticos, acho que é igual. É igual. Não tem, assim, quem se dedica mais, quem se dedica menos.

P: Agora, uma pergunta bem interessante, você se sente incomodado de alguma forma por realizar essas atividades de casas, trabalho doméstico, constrangido tanto em casa quanto falando com outras pessoas, tendo se sente algum incômodo, algum constrangimento com isso?

LUIZ: Não, não. Na verdade, incentivo as pessoas a fazerem, falo abertamente. Não, não há. Eu sempre fiz, na minha casa com meus pais, desde pequeno sempre fiz, então nunca fui... lavar a louça, eu tenho prazer, eu hum... justamente... uma das coisas específicas, a louça, porque é, talvez um momento de tranquilidade ... é, lavar a louça, né?

P: Organiza as ideias naquele momento?

LUIZ: É, organiza as ideias. Então, não, não tem dificuldade. Normal, ou seja, limpar a casa, que é outra coisa que eu gosto de fazer, é limpar a casa e lavar louça. As principais, que eu gosto de fazer, não me sinto incomodado, não.

P: Com relação a tua família de origem, você entende que você faz mais, se dedica (ou faz) mais esse trabalho doméstico do que os homens da tua família de origem? Especialmente o teu pai?

LUIZ: Assim, por muito tempo houve uma fase na minha casa, acho que meu pai também fez de tudo um pouco. Então, meu pai nunca teve problema de fazer os trabalhos domésticos e eu lembro que, dependendo do que, por exemplo, dia de cozinhar, aí ele é que

dependendo do que fosse ser cozinhado, ele é que fazia, né? Por exemplo, coisas que tinham a ver com carne, era ele. Pratos principais, era para ele fazer, porque ele era bom, e quem fazia era ele. Então na minha casa não teve essa divisão, não teve trabalho de homem, ou homem não faz, meu pai sempre fez. Quando a gente era pequeno, ele sempre que cuidou de nós, banho, em todas as coisas. Trabalho de casa, sempre fez. Cresci nesse ambiente, de todo mundo fazer.

P: Parte da próxima pergunta, você já respondeu. Como você aprendeu a ser esse homem que faz o trabalho doméstico também?

LUIZ: É, eu acho que foi mesmo porque, na minha casa todo mundo fazia, né? Então, desde pequeno nos educaram e me educaram assim, nos educaram, porque além de mim, eu tenho mais 3 irmãos homens, e uma menina que é mais velha, então todos nós em casa, alguém fazia alguma coisa. Não havia essa diferença, sou menina, sou menino, todo mundo fazia, então isso, também, meus pais faziam, né? Então é algo que acontecia em casa, era natural. Nem precisava falar como que é, natural, tranquilo.

P: E para encerrar, pensando nos teus contatos: amigos, colegas de trabalho, cliente... , pensando em todos os teus contatos, você tem a sensação de que os homens estão participando do trabalho doméstico? Ou que eles tem participado mais? Você tem essa percepção? Ou só não fala sobre isso e tudo bem também?

LUIZ: Aí assim há, eu vejo. Tenho dois grupos de amigos, né? Eu tenho um grupo de amigos, acho que a gente acaba tendo a mesma consciência de fazer de tudo de casa. Tem outra parte, eu tenho amigos, ... que dizem que não fazem porque não aprenderam fazer isso. Usam isso como desculpa para não fazer.

Entrevista 6 - Transcrição

P: Pesquisadora

Entrevistado 6: FERNANDO (nome fictício)

P: Você confirma recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enviado por Whatsapp?

FERNANDO: Confirmando.

P: Você concorda com os termos do TCLE?

FERNANDO: Concordo.

P: Você autoriza o uso de sua voz e imagens exclusivamente para os fins dessa pesquisa?

FERNANDO: Autorizo.

P: Qual sua idade? 37 anos

P: Qual seu estado civil?

FERNANDO: Em União Estável, não formalizado

P: Qual seu nível escolar?

FERNANDO: Mestrado

P: Qual o nível escolar de seu cônjuge?

FERNANDO: Mestrado

P: Qual a idade de seu filho?

FERNANDO: 6 anos

P: Como você e sua companheira dividem as atividades domésticas?

FERNANDO: Como nós dividimos as atividades domésticas? A gente costumava dividir melhor. Antigamente, antes de eu estar tão atarefado com o trabalho. Desde que eu entrei, até mesmo antes, na verdade, porque eu estava com bastante horas na Docência e no consultório, mas desde que eu entrei na Outra Faculdade, esse último ano, principalmente, ficou mais difícil. Mas, geralmente, a parte da cozinha, do fazer o almoço, do lavar louça, do preparar a janta, era uma parte que ficava mais comigo. Enquanto a roupa... Sempre ficou com ela. Ela de lavar roupa, de estender, né? Ter roupa sempre limpa. E ela cuida, acaba por cuidar mais da casa, mas não é uma divisão que a gente fez assim, você cuida da casa, eu não cuido. Mas, porque ela acaba tendo mais responsabilidade com isso mesmo.

P: Quanto tempo por dia cada um de vocês dedica ao trabalho doméstico?

FERNANDO: Eu acho que nenhum dos dois tem dedicado muito tempo a essas tarefas no dia a dia, ultimamente, né? Porque não temos muito tempo para fazer isso. Puxa, eu dediquei muito pouco nesse último ano, sabe? Mas a cozinha, geralmente, vai uma hora e meia, duas horas, né? Entre lavar louça, cozinhar, deixar tudo pronto, né? Eu sei que a roupa... Meia hora, uma hora, a Minha Esposa termina, mas ela acaba fazendo outras coisas em casa. Então, eu diria que se eu gasto uma hora e meia, duas horas, no máximo, né? Ela gasta três, quatro horas, às vezes.

P: Você se sente incomodado, de alguma forma, por (não) realizar alguma dessas atividades?

FERNANDO: Não, pelo contrário. Eu me sinto constrangido, às vezes, por ela. Ela está fazendo e eu não fazer.

P: Com relação à sua família de origem, você entende que se dedica mais ou menos que seu pai com essas atividades? – Quanto mais/menos?

FERNANDO: Meu pai, na época em que ele trabalhava, hoje ele é aposentado, né? Mas na época em que ele trabalhava, ele participava muito pouco das atividades domésticas. Ele sempre foi um cara de fazer coisas em casa, mas mais no sentido do conserto, pintar, reforma, né? Mas atividades domésticas, do cozinhar, do lavar louça, limpar a casa, lavar roupa, não se envolvia com isso. Eu me lembro, talvez, conto no dedo quantas vezes ele fez um almoço para a gente. Eu faço muito mais do que ele fazia. Mas depois que meu pai aposentou... Na verdade, com os últimos, quem sabe, 10 anos pra cá, ele começou a se envolver muito mais. E hoje eu diria que é bem dividido as coisas entre ele e minha mãe. Tipo, 50-50, assim. Ele faz muita coisa. Às vezes, talvez até mais do que minha mãe, hoje em dia. Atividades domésticas. Mas na nossa criação, não.

P: Dito tudo isso, como que você entende que você aprendeu a ser esse homem que cuida da casa? Que se sente responsável pelos cuidados da casa também?

FERNANDO: Eu não sei. Talvez pelo contato com o conhecimento. Por mais que meu pai não fizesse, eu acho que era porque ele também trabalhava bastante. Então..., ele sempre deixou um pouco evidente que se talvez tivesse mais tempo, ele também se envolveria mais com isso. Nunca me pareceu algo errado. Nunca ouviu nenhuma fala. Acho que eu posso colocar isso muito claro. Nunca teve nenhuma fala, sabe, do tipo, isso é coisa de mulher, isso é coisa de homem. Nunca. Por mais que, talvez, concretamente, o exemplo não estivesse lá todo o tempo, né? Nunca ouvi a fala. Então, eu nunca senti uma barreira. “Isso não é coisa minha. Isso não é algo que eu devo fazer”. Eu acho que, ao conhecer, ao estudar mais, ao ouvir mais sobre questões de gênero, ao perceber mais, eu fui percebendo que, estruturalmente falando, eu fazia as coisas sem nem perceber, mas eu não problematizava também. Foi meio que naturalmente, principalmente depois que o Meu Filho nasceu, eu fui assumindo o cozinhar cada vez mais. Descobri que eu cozinho bem, basicamente. Então, fui... Se tornou algo que, para mim, é gostoso de fazer. Porque é prazeroso. Então, acho que eu diria que é por isso. Nunca teve uma barreira. Na minha criação, meu pai me mostrou, me evidenciou que não era algo meu, algo para eu fazer e, também, um conhecimento ao longo do tempo.

R: Pensando nos seus contatos, você tem a percepção de que os homens estão participando mais do trabalho doméstico?

FERNANDO: Eu tenho um grupo muito peculiar de amigos, assim, de contatos. Eu acho que o nicho do qual eu faço parte. Mas não se conversa muito sobre isso, para ser sincero. Não

se fala muito sobre... Tanto “eu faço, quanto eu não faço, não é meu papel fazer.” Sabe? E eu vejo uma porcentagem, talvez maior do que antigamente, de pessoas, de homens que se envolvem, sim. Que fazem coisas, assim. Que comentam, mas comentam com naturalidade. Eu fiz tal coisa, eu não fiz tal coisa, sabe? Então, eu não sei te dizer, assim, precisamente, como que é essa porcentagem. Mas eu percebi um crescente, né? Amigos que são próximos, pessoas, assim, começaram a cozinhar, começaram a fazer coisas em casa, né? Comentam de vez em quando que fizeram alguma atividade doméstica. E falam com naturalidade, assim, sem constrangimento.